

MARIANA AZEREDO LAURINI

**O DEVER DO PRAZER SEGUNDO A EXPERIÊNCIA DOS
JOVENS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

PUC - CAMPINAS

2006

MARIANA AZEREDO LAURINI

**O DEVER DO PRAZER SEGUNDO A EXPERIÊNCIA DOS
JOVENS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
do Centro de Ciências da Vida
da Puc-Campinas como parte dos
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

PUC-CAMPINAS

2006

MARIANA AZEREDO LAURINI

**O DEVER DO PRAZER SEGUNDO A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS:
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi



Prof. Dra. Vera Lucía Pereira Alves



Prof. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

2006

Sumário

Agradecimentos.....	5-7
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Justificativa.....	10-12
Introdução.....	13-17
Um Breve Histórico da Sexualidade.....	18-23
Definindo Sexualidade.....	24-28
O Dever do Prazer.....	29-32
Experiência, Vivência e Desdobramentos Psicológicos.....	33-35
Objetivo.....	36
Método.....	37-40
Participantes.....	41-42
Instrumento.....	43-44
Procedimento.....	45-46
Plano de Análise.....	47-50
Análise individual dos depoimentos.....	51
Análise 1.....	51-64
Análise 2.....	65-81
Análise 3.....	82-100
Análise 4.....	101-116

Síntese geral das entrevistas.....	117-131
Discussão.....	132-154
Conclusões.....	155-157
Referências.....	158-165
Anexos.....	166
I. Modelo do convite temático.....	166
II. Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido...167-168	
III. Entrevista 1.....	169-185
IV. Entrevista 2.....	186-199
V. Entrevista 3.....	200-214
VI. Entrevista 4.....	215-228

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com muito amor, à minha família:

À minha mãe Marta, que mesmo sem saber, se fez presente em cada momento desse trabalho, através de toda bagagem profissional e de vida que carrego, fruto da nossa relação especial. Obrigada por me contagiar com o seu brilho e por me ajudar a confiar em mim!

Ao meu pai Valny, pelo carinho, incentivo e generosidade sem tamanho expressa na sua postura sempre atenta às nossas necessidades e sonhos. Obrigada por me apoiar e me despertar vontade de lutar e crescer!

Às minhas irmãs Isabela, Luisa e Gabriela, simplesmente por estarem por perto alegrando a minha vida e suavizando os momentos difíceis da construção dessa pesquisa. Obrigada por entenderem todas as vezes que precisei do computador!

Ao meu amor Ricardo, pelo exemplo de dedicação ao estudo, por me inspirar, pela compreensão, por me ensinar a abrir mão de alguns prazeres em prol do estudo sem sofrimento e principalmente por compartilhar comigo uma vivência autêntica da sexualidade.

Aos queridos vovô Milo e tia Ana, por contribuírem através do “gene herdado” e da admiração que sinto, para o meu interesse pela vida

À minha querida vovó Malu, por estar sempre presente através de sua torcida incondicional nas minhas realizações.

À todas as minhas amigas do peito por todas as conversas, desabafos e afeto que sempre nos uniram no ideal de compreender melhor os mistérios da vida, das relações e da sexualidade.

Ao amigo e professor Marcos de Jesus Nogueira, pelos ensinamentos, pela realização de escrever um livro, pelo afeto e principalmente por me instigar a estudar e conhecer mais e mais.

Agradeço com muita estima e reconhecimento:

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Mauro Martins Amatuzzi, meu orientador, com uma gratidão carinhosa e admiração singular, pela confiança em mim depositada, pela generosidade e pelos ensinamentos preciosos comigo compartilhados nesse nosso trilhar sobre a sexualidade.

Aos jovens, participantes desta pesquisa, pela confiança de dividir comigo suas vivências mais íntimas e dessa forma permitir a realização deste estudo.

À Vera Cury, pela participação especial na minha vida e pelas sugestões valiosas no meu exame de qualificação.

À Silvana Brandão, pelo encorajamento e por ampliar minha compreensão da importância social do meu trabalho no meu exame de qualificação.

Ao CAPES, pela contribuição financeira, que possibilitou a realização desta pesquisa.

Aos professores do curso de Mestrado em Psicologia Clínica da PUCC, por todo conhecimento adquirido sobre pesquisa e pela riqueza das discussões teóricas, que permitiram uma ampliação no meu modo de compreender o homem e a psicologia clínica.

Aos colegas do curso de Mestrado, com quem pude experimentar o respeito pela diversidade. E especialmente às amigas Karine, Thais e Tati, com quem pude compartilhar anseios, identificação, descontração, afeto e aprendizado.

À equipe da secretária: Dareide, Elaine, Eliane e Maria Amélia, por toda atenção e paciência.

RESUMO

Acredita-se haver atualmente, um imperativo social que emprega diversos padrões e regras na vivência da sexualidade, transformando o prazer num dever. O presente estudo teve como objetivo compreender a vivência do dever do prazer e seus desdobramentos psicológicos, a partir da experiência de jovens, caracterizando-se assim, como uma pesquisa qualitativa. Foi realizada uma entrevista não diretiva-ativa, com 4 estudantes universitários e os depoimentos foram posteriormente analisados sob o enfoque fenomenológico, que nos possibilitou chegar numa vivência mais subjetiva, através da experiência apresentada nos depoimentos. O dever do prazer está presente na experiência dos jovens, sob a forma de um forte sentimento de cobrança para atingir padrões sexuais estabelecidos pela sociedade, divulgados principalmente pela mídia. O imperativo do dever dificulta uma vivência sexual autêntica e livre e os principais desdobramentos psicológicos disso na vida dos jovens são um sentimento de angústia, confusão, ansiedade e de vazio.

Palavras chave: sexualidade, imperativos sociais, fenomenologia, experiência, vivência.

ABSTRACT

Some authors believe that there is a social imperative in nowadays, that imposes several standards and rules in our sexuality living, turning the pleasure into a duty. The present study had the objective to comprehend the living experience of pleasure as a duty and its psychological consequences through the experiences of young people. This investigation characterizes as qualitative. It was realized an interview no directive – active with four university students and in a posterior moment the depositions were analyzed by the phenomenological method. This analysis permitted us to obtain a subjectivity of living experience. The duty of pleasure is present in the experiences of the young people as a strong feeling of receiving to attain the sexual standards established by society, that are especially divulged by the media. The pleasure's imperative makes difficult an autentic and free living experience and the principals psychological consequences of that in the young's life are a feeling of affliction, confusion, anxiety and empty.

Key words: sexuality, social imperative, phenomenology, experience, living experience.

JUSTIFICATIVA

É certo, que a grande quebra com o modelo repressor e proibitivo que até então ditava todas as normas que cerceavam a complexa questão da sexualidade, aconteceu já há algumas décadas, porém vivemos um período de adaptação a esta chamada liberação. Muitos autores, que serão citados na introdução, questionam, se essa liberação sexual, tem sido sinônimo de liberdade ou se tem sido tão aprisionadora para as pessoas quanto os tempos de repressão já que, de certo modo, as tem tornado escravas de outra ditadura; a do dever do prazer. Lima (2004) em recente pesquisa realizada em São Paulo constatou que os jovens estão encarando a sexualidade como artigo de consumo e que estão preocupados com o prazer mais imediato, fugindo de vínculos afetivos. Caridade (2000) atribui um título bastante sugestivo ao artigo instigante em que reflete sobre esta questão do prazer visto como um bem de consumo hoje: “ (des)caminhos do prazer na contemporaneidade”. Estaremos mesmo abrindo mão da experiência subjetiva do prazer?

Acreditamos ser pertinente lançarmos um olhar mais aprofundado para esse possível imperativo social, levantado por importantes autores e apontado por algumas pessoas, pois se ele realmente é percebido desta forma impositiva e como critério de normalidade, as implicações que pode estar exercendo na vivência da sexualidade de cada um são, de certo modo,

bastante preocupantes. Esta questão, além de interessar o campo da psicologia, também possibilita um pensar dos códigos sociais na contemporaneidade.

Na literatura encontramos, relativamente, um grande número de artigos, livros e publicações em geral sobre o tema. Porém, não consta, nenhuma pesquisa científica na área de psicologia que aborde tais questões, o que de certa forma legitima a proposta deste estudo. A Pontifícia Universidade Católica de Campinas, apresenta um espaço ainda pouco explorado nessa área; o número de dissertações e teses é limitado e data, em sua maior parte, da década de 80. Tais dados acabam também por acentuar a justificativa deste trabalho, através do qual esperamos provocar questionamentos, discordâncias, contribuições, e inspirações para reflexões consistentes.

Concordamos com Santos (2003), que ao discursar sobre as ciências, levanta a necessidade atual de um conhecimento adquirido através de um estudo que tenha sentido pessoal para o pesquisador, ao qual ele denomina de “*conhecimento compreensivo e íntimo*” (p85). Pessoalmente, para a pesquisadora, o estudo é bastante significativo e relevante, já que representa uma continuidade na sua pequena trajetória profissional com sexualidade. Através do atendimento de pacientes do CAISM na Unicamp, realizado durante o curso de especialização em Sexualidade Humana, e da realização de oficinas com jovens, na I Semana de Sexualidade em

Araraquara, a pesquisadora percebeu a enorme preocupação das pessoas, tanto jovens quanto adultos, com o desempenho sexual e em atingir os padrões “exigidos” pela sociedade e perpetuados pela mídia no que se refere ao prazer sexual.

Realizar uma pesquisa que possibilite uma maior compreensão de como esse fenômeno cultural é percebido pelas pessoas e como elas vivenciam sua sexualidade no nosso contexto social, a partir das manifestações da experiência de cada um, possibilitará uma análise diferenciada e mais aprofundada deste tema atual que já vem sendo discutido por alguns autores. A intenção é abrir novas possibilidades de reflexão que possam contribuir para uma prática clínica mais humana e consciente, que não se deixe dominar por essa visão mecanicista da sexualidade.

INTRODUÇÃO

Segundo alguns autores, que serão destacados ao longo da introdução, o prazer na contemporaneidade, tem sido visto muito mais como um bem de consumo, do que como uma experiência interna e subjetiva do sujeito. Existe uma banalização discursiva, um espetáculo do sexo, onde o corpo é consumido como se consomem coisas: *“nenhum mal existe no prazer que é extraído das coisas, mas no estancar nelas enquanto ilusão de preenchimento”*(Caridade,2000:5).

Vitiello (1996) refere-se à supervalorização da atividade sexual como um fenômeno mundial, que apresenta o orgasmo como meta suprema e obrigatória o considerando *“o mais precioso bem a que se pode almejar”* (p.16). Os autores questionam a proposta da liberação sexual, que não vem sendo vivenciada como sinônimo de liberdade sexual. As conquistas nas últimas décadas, no âmbito da sexualidade, que pretendiam romper com o imperativo da repressão, parecem não estar garantindo uma vivência prazerosa e autêntica, ao contrário, está sendo percebido um outro imperativo, talvez tão severo quanto o anterior: o do prazer obrigatório.

Segundo Catonné (1994), teríamos passado progressivamente do direito do prazer ao dever de gozar. Santi (1995) comentando Monzani corrobora com essa idéia, ao defender que a busca do prazer tornou-se imperiosa, e que a seu ver, se o homem livrou-se do jugo externo,

representado pela repressão religiosa, social e política, parece ter encontrado algo ainda mais implacável em si, a cobrança do desejo, do desempenho e do prazer.

A mídia é apontada, atualmente, como grande responsável pela perpetuação desses valores sociais, fato este que se sustenta na Teoria da Mídia, proposta por Ball_Rokeach e Deffeur (1976), que postula que mídia e sociedade se afetam mutuamente, sendo uma reflexo da outra. Babo (2003), através de uma análise de discurso de artigos de duas revistas brasileiras (Nova e Playboy), por considerar que são bastante lidas pelo público feminino e masculino, respectivamente, percebeu que a revista feminina (Nova) oferece técnicas para aumentar o prazer sexual, mas sempre preconizando o sexo por amor, enquanto a revista masculina (Playboy) valoriza o quantitativo: número de relações, de parceiras e sexo por prazer. Apesar da grande diferença nos valores atribuídos aos papéis sexuais dos homens e das mulheres, ambas as revistas, assim como tantas outras, trazem diversas informações referentes à sexualidade, e principalmente dicas, técnicas, manuais para se atingir e proporcionar orgasmos múltiplos e prazeres inesquecíveis.

Zampieri (2003), na sua dissertação de mestrado “Sexo na Universidade: Um Estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do jovem universitário”, constatou que aproximadamente 70% dos jovens reconhecem haver falta de informação séria e erotização precoce no

discurso da mídia, o que na análise da pesquisadora, influencia consideravelmente a maneira como vivenciam sua sexualidade.

A maior pesquisa feita no país, sobre a vida sexual do brasileiro, realizada pelo Projeto Sexualidade da USP em 2003, revela que os jovens estão insatisfeitos com a sua vida sexual, e que uma das razões desta insatisfação seria a necessidade de prazer imediato, o que dificulta uma vivência sexual mais ampla. Porém, Trindade e Bruns (2003) através de uma pesquisa realizada com 100 rapazes, com objetivo de conhecer como vivem a sua sexualidade em tempos de AIDS, constataram que os rapazes estão vivenciando as relações sexuais com parceiras com as quais parece estar havendo algum envolvimento afetivo, o que na compreensão das autoras pode apontar para uma possível busca sexual que vai além do prazer físico e imediato. Mas apesar disso, percebem que essa expressão mais ampla da sexualidade ainda é difícil para os rapazes já que na nossa sociedade a concepção do homem ainda apresenta-se associada à detenção do poder, o que dificultaria sua expressão mais espontânea e afetiva na relação.

Talvez essa “imposição” para que vivamos a nossa sexualidade mais *“como meta de normalidade do que condição de bem estar”* (Caridade, 2000:6), esteja nos impedindo de exercer uma subjetividade prazerosa e de encarar a questão da sexualidade de forma mais ampla, com suas inúmeras possibilidades de realização.

“Às vezes pleno, o prazer é inconstante, insone; outras irrigador das partes áridas do corpo de quem descobre de novo pela primeira vez. Às vezes perfume, bebida, praia, jeito de olhar ou lembrança; outras, é sorriso, queixo, ombro, boca ou uma nova forma de gozar”. (Hallai, 1994:28).

Se pensarmos dessa forma, podemos arriscar dizer que a possibilidade humana de prazer, até mesmo o sexual, é infinita. Estaremos nós, diante do imperativo da “obrigatoriedade orgásmica” nos esquecendo de tal dimensão? Quais os desdobramentos disso na vivência da nossa sexualidade?

Para Rogers (1972), autor fundamental da abordagem existencial humanista, quanto mais nos aproximarmos do que somos no nosso íntimo e tivermos consciência de todos os códigos da sociedade e *“dos deveres e obrigações que todos os aspectos da nossa cultura se mostram tão desejosos de impringir-nos”*(p.206), mais poderemos viver de acordo com nossos valores e significar as nossas experiências de acordo com o nosso centro interno.

Realizaremos a seguir um aprofundamento teórico dos conceitos que serão trabalhados neste estudo, que, se faz extremamente necessário *“já que nascemos em um mundo com o qual não temos apenas um contato direto, mas também um contato por intermédio do que outras pessoas já*

construíram, significaram e conheceram deste mundo” (Drummond, 2002:36).

UM BREVE HISTÓRICO DA SEXUALIDADE

Acreditamos, que para começarmos a discorrer sobre alguns conceitos da sexualidade, seria pertinente pincelarmos alguns pontos importantes de como a questão da sexualidade e seus códigos sociais foram sendo construídos e abordados historicamente, para então entendermos melhor esta questão na atualidade, já que corroboramos com a idéia de Chauí (1984) de que as manifestações que comportam a sexualidade e a estabelecem, são frutos da interação entre indivíduos e entre estes e a sociedade, num tempo e espaço cultural. “*A compreensão sexual se dará simbolicamente, fornecerá sentidos e valores, criará normas, interditos e permissões*” (Chauí,1984:234).

Evidentemente, por não se tratar de um estudo da área social, não temos a intenção e, muito menos, a pretensão de nos aprofundarmos no assunto, o objetivo limita-se exclusivamente em contextualizar brevemente a questão da sexualidade e do prazer.

Catonné (1994), nos lembra, que na época arcadiana, o plano conjugal era marcado por práticas de intensa liberdade sexual, principalmente para os homens. A religião babilônica, responsável pela organização da sexualidade na época, desenvolveu um tipo de prostituição sagrada, na qual mulheres e homens poderiam se render sexualmente a estranhos como oferenda a uma deusa.

Na Grécia e Roma antiga, durante um longo período, a sexualidade e o prazer carnal, foram considerados valores positivos e reinava uma aparente liberdade sexual (Muraro, 2002). Porém, a expressão da sexualidade se centrava numa desigualdade fundamental, não só nos relacionamentos entre homem e mulher, mas também entre parceiros do sexo masculino num relacionamento homossexual. A atividade homossexual masculina era, em certa medida, vista como normal, desde que o papel exercido fosse ativo, já que a passividade num homem era tida como defeito moral e político. Cabral (1998), pontua que diante disso, seria ingenuidade conceber a Antiguidade como um tempo em que tudo era aceito.

Com a deterioração do Império Romano, o cristianismo passou a ter a condição de religião oficial do Império, e a partir daí, passa a enxertar o pecado no sexo. Era feita uma distinção entre o amor carnal (profano) e o amor espiritual (divino). Segundo Cabral(1998), as idéias desta corrente foram facilmente aceitas, embora tendo sido considerada libertina por muitos, a sociedade romana temia diante do enfraquecimento do homem público quando este se entregava aos prazeres do corpo.

A tradição judaico-cristã vem expressa predominantemente no código patriarcal. Segundo Boff (2002), nada penetrou de forma tão devastadora no imaginário coletivo da humanidade, que o relato antifeminista da criação de Eva e da queda original. Segundo o relato, a mulher é formada da costela de Adão. A anterioridade de Adão e, a formação a partir de sua

costela, foi interpretada como superioridade masculina. Compreende-se a mulher como sexo fraco, por isso ela caiu e seduziu o homem. Eva passa a ser, para a cultura patriarcal, a grande sedutora e a fonte do pecado original. O autor (2002) lembra que, historicamente, homens da lucidez de um Aristóteles e de um Tomás de Aquino interpretaram a diferença como deficiência, e acredita que essa distorção serviu para subordinar a mulher ao homem.

Legoff (1992) pontua que durante toda a Idade Média, a exaltação da virilidade também aparece para validar o homem. Por isso, tanto o concubinato quanto a prostituição acabaram sendo formas de expressão da virilidade e mesmo com a institucionalização do casamento monogâmico, o homem continuou infiel, pois de certo modo lhe era cobrada uma postura de macho. Já o sistema de valores femininos dizia respeito à virgindade para as moças e à fidelidade para as casadas. O autor(1992) assinala que , ao longo de toda a Idade Média, é possível perceber o processo utilizado pela bíblia, considerada autoridade suprema, para justificar a repressão à grande maioria das práticas sexuais.

Áries e Béjin (1985) relatam que os teólogos medievais colocaram a noção de dívida no centro da vida sexual dos esposos. Imaginava-se que para que houvesse conjunção carnal, era necessário que um dos esposos exigisse do outro o pagamento de sua dívida e que o outro a saldasse. Nunca se pensava que marido e mulher poderiam se aproximar um do outro

espontaneamente. Os autores ressaltam que apesar da mulher também ter o direito de “reclamar” o que lhe era devido, o homem era sempre ativo e, portanto superior à mulher, que, desta forma, tinha a obrigação de se submeter às suas investidas sexuais com passividade.

O pensamento de Santo Agostinho, intelectual cristão, cujas idéias compuseram os alicerces da igreja medieval, traz a concepção de que o pecado é transmitido de geração em geração pelo ato sexual. Ele foi referencial para o estabelecimento de uma moral austera que sobreviveu à marca dos séculos.

Segundo Foucault (1979), nas sociedades modernas, mais precisamente no século XVII inicia-se uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas: é realizado um controle da sexualidade através do imperativo de fazer de todo desejo, um discurso. As pessoas eram incentivadas a falar de toda a sua vida sexual, fantasias, desejos, prazeres, mas não com caráter de liberação sexual, e sim para que a sexualidade pudesse se tornar “*um objeto de saberes e poderes, de análises minuciosas, pesquisas estatísticas e classificações*” (Foucault, 1979:27). O autor entende que a repressão está na supervalorização do sexo através desse discurso requerido, que não o aborda como algo natural e sim como “*o segredo*”(p. 36).

Catonné (1994), destaca que a partir da segunda metade do século XVIII, a passagem da instituição Igreja para a instituição Medicina é nítida,

o que no início não trouxe muitas mudanças, já que as obras médicas, durante muitos anos, “acompanharam o ideal puritano da Igreja”, mantendo a mesma postura diante da sexualidade: condena a masturbação, restringe a relação sexual ao casamento e apenas para fins procriativos.

No final do século XVIII, as crenças da medicina de que existia apenas um sexo, o masculino, e a mulher era o representante inferior desse sexo com a justificativa mística de que esta não tinha calor vital suficiente para atingir a perfeição de macho, começaram a serem abandonadas. Intelectuais, filósofos e cientistas lançaram-se em busca de uma explicação mais científica e plausível que pudesse comprovar a inferioridade natural da mulher. Para Foucault (1979) a busca por uma desigualdade natural entre homens e mulheres se fez necessária, para que a mulher continuasse não tendo os mesmos direitos que os homens diante da política e economia da ordem burguesa dominante.

Segundo Costa (1995), essa desigualdade foi encontrada no sexo. A sexualidade feminina começou a ser definida como radicalmente diferente da do homem. A diferença dos sexos passa a ser compreendida na esfera do prazer sexual, na constituição nervosa e na constituição óssea, o que acaba por respaldar a visão que se tinha das mulheres como seres inferiores. No século XX, Freud (1905) rompe com a idéia fixista, de que o sexo tem um único substrato ou suporte referencial, e, a partir daí, muitos médicos e pensadores, através de linhas teóricas distintas, deram início a estudos

aprofundados que possibilitaram muitas mudanças no âmbito da sexualidade.

Nas últimas décadas passamos por uma transformação radical no que diz respeito à sexualidade. Assim como muitos autores, Rago (2000) atribui à descoberta da pílula anticoncepcional, grande responsabilidade por essas mudanças, já que a partir daí, o sexo foi dissociado da procriação e pôde se ligar exclusivamente ao prazer e a mulher ganhou direito a esse prazer. Hoje, os estímulos sexuais estão por toda parte; o prazer não é só permitido como também requerido; os estudos em sexualidade crescem cada vez mais, tanto que existe até uma área denominada Sexologia que se propõe exclusivamente a isso e as pessoas tem acesso direto às informações relacionadas ao assunto.

Para Rolnik (1998), toda essa mudança tem deixado homens e mulheres bastante desorientados na vivência da sua sexualidade hoje, pois a autora acredita que é necessário um tempo maior para que ambos se encontrem nessa nova forma de se seduzir e de se tocar.

Após essa breve descrição da sexualidade no decorrer da história, percebemos que o panorama atual é realmente bastante diferente; de maior liberação em vários aspectos comparados à antigamente, mas também, por outro lado, povoado de novas regras e exigências, como veremos a seguir, quando discursarmos sobre a questão do dever do prazer.

DEFININDO SEXUALIDADE

Segundo Pocovi (2002) sexualidade é um termo que surgiu no século XIX e trouxe uma ampliação para o conceito de sexo, já que incorporou à relação sexual a reflexão e o discurso sobre seu sentido e intencionalidade.

Apesar do nosso estudo se sustentar na abordagem existencial humanista e do nosso olhar ser fenomenológico, é impossível falar em sexualidade sem citar a psicanálise e em especial Freud, já que ele abriu novas reflexões e discursos sobre o tema, causando profundas repercussões na época, que possibilitaram que muitos autores importantes viessem a concordar, discordar, aprofundar estudos e construir novas teorias acerca da sexualidade humana. Segundo o vocabulário da Psicanálise, para Freud *“sexualidade não é apenas a atividade e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital: é, sim, toda a série de excitação e de atividades presentes, desde a infância, que proporcionem um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc) e que se encontram, a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual”* (Laplanche e Pontalis, 1976). A sexualidade para Freud é também e, sobretudo, o conjunto de processos psiquicamente interiorizados, através dos quais um indivíduo se constitui na sua relação com outros (Mezan, 2003).

Um outro autor importante que dedicou boa parte dos seus estudos à manifestação da sexualidade é Reich. Para ele (apud Costa, 1984) a sexualidade é a expressão do movimento bioenergético do organismo na direção do prazer e da gratificação. *“É a entrega naturalmente ativa e espontânea para o amor, para o trabalho, para a atividade prazerosa de uma forma geral”* (p.21). Para o autor, a sexualidade é o movimento expressivo do prazer do organismo e por isso, quando reprimida, acarreta graves conseqüências à integridade do ser total.

Ambos os autores concordam que a sexualidade não pode ser separada do prazer e do desejo, sendo a genitalidade apenas uma das possibilidades de expressão. Essa descoberta foi realizada por Freud e se deu quando o autor descobriu a sexualidade existente na infância e as zonas erógenas, com seus estádios de predominância durante o desenvolvimento biológico, e assim ampliou o conceito de sexualidade; esta deixou de ter o caráter específico de genital para assumir um significado mais amplo de movimento expansivo de prazer do organismo como um todo. Porém Costa (1984), nos alerta, que mesmo com a ampliação do significado do conceito de sexualidade, a genitalidade continuou sendo seu aspecto mais significativo. O autor acredita que isto se deva ao fato de ser a genitalidade a grande responsável pela função de auto regulação da vida emocional, através da função do orgasmo, e também por ser esta, a fase do desenvolvimento mais proibida, distorcida e censurada. Esta

supervalorização da genitalidade é percebida nas obras de Freud, porém não nos aprofundaremos neste ponto, já que nossa intenção é apenas apontar a sua contribuição para a ampliação do conceito de sexualidade.

“A sexualidade é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo” (Chauí, 1989:67).

A autora acentua a idéia de que a sexualidade não se reduz aos órgãos genitais, já que qualquer região do corpo, desde que tenha sido investida de erotismo, é susceptível de prazer sexual e porque, em sua opinião, a satisfação sexual pode ser alcançada sem a relação genital. Silva (2003) acentua que além da sexualidade ser algo muito mais amplo que coito, a própria atividade coital contém representações simbólicas pessoais. É uma questão que ultrapassa o limite biológico e interage, especialmente, com a esfera psicossocial. Também encontramos tal conceituação em Caridade (1997):

“a sexualidade é uma energia que nos impulsiona à busca do prazer, mas um prazer plural, que jamais se esgota na genitalidade” (p.122).

A autora elenca, ainda, que a sexualidade humana se plasma em meio às inscrições que o corpo vai armazenando desde o nascimento (palavras, atitudes, expressões, sensações, emoções).

“A sexualidade é o mais significativo discurso do corpo, pois é a expressão da totalidade do ser” (Bruns & Grassi, 1993:91).

Essa compreensão foi realizada por Bruns e Grassi (1993), através da realização de uma pesquisa fenomenológica que buscava compreender o fenômeno da sexualidade em sua essência, com objetivo de desvelar o que está oculto na sexualidade de algumas jovens mulheres. Consideramos importante essa definição, já que foi construída a partir do que emergiu do contato com essas mulheres. Percebemos aqui também o conceito de sexualidade bastante ampliado semelhante ao de Caridade (1997), na medida em que é percebido enquanto expressão da pessoa em sua totalidade, compreendendo o que ela é, pensa, fantasia, sente e faz.

Pocovi (2002) também compartilha dessa idéia de que a sexualidade envolve a pessoa na sua globalidade e dimensão humana; seus sentimentos, relacionamentos, prazer, direitos e deveres, não podendo desse modo ser compreendida de forma apenas genitalizada e fragmentada.

O Guia de Orientação Sexual – Diretrizes e Metodologia (2004), que se trata de uma adaptação à realidade brasileira do Guia da organização de educação sexual americana (SIECUS), que hoje é utilizado como referência nacional para trabalhos sobre sexualidade, traz a definição de que sexualidade é parte da vida de todas as pessoas e inclui dimensões biológicas, éticas, espirituais, psicológicas e culturais e por isso sua expressão pode se dar de várias formas. Também enfatizam que o exercício da sexualidade compreende aprender o respeito ao corpo, aos próprios sentimentos e aos dos outros.

É claro, que todos os autores, desenvolvem mais amplamente suas conceituações, porém o que nos interessou aqui foi compreender os significados centrais, que pudessem servir de sustentação para o conceito com o qual trabalharemos. A partir dessas reflexões, elaboramos o ensaio que se segue.

A questão da sexualidade compreende a genitalidade, porém a supera e transcende, chegando a um contexto muito mais rico de valores. Ela é ao mesmo tempo expressão fisiológica e simbólica. É comunicação com o outro. É também uma forma de manifestação social e histórica. É individual, porém com diversas inscrições coletivas. É corpo, toque, orgasmo, sentimentos, excitação, intimidade, sensações, representações.

Resta-nos a indagação: Será possível vivenciar a sexualidade em sua forma maior sob o imperativo do dever de transar de tal jeito, de gozar tantas vezes, de alcançar metas?

O DEVER DO PRAZER

Parece-nos, que no decorrer da nossa história, fomos ganhando o direito ao prazer, a liberdade para expressar e vivenciar a nossa sexualidade, o acesso às informações nessa área, assistência médica e psicológica especializada para as disfunções sexuais, estímulos sexuais por todos os lados e investimento em estudos e pesquisas acerca dessas questões. Será que com tudo isso, seria aceito não ter um bom desempenho sexual? Não ter orgasmos freqüentes? Não corresponder aos protocolos sexuais que vemos na televisão e nas revistas?

Como já foi dito anteriormente, talvez não estejamos conseguindo nos aproveitar das conquistas realizadas, pois alguns autores percebem, que junto com elas, ganhamos também uma série de exigências, normas e metas. Elas podem ser menos declaradas do que as normas colocadas anteriormente pela Igreja, na então chamada “época da repressão”, porém podem ser tão severas quanto.

Bruns e Grassi(1993), pensam que atualmente a ciência produz muito sobre sexo, principalmente em termos de técnicas e métodos que garantam o desempenho, referindo-se a sexualidade em prol de um prazer genital, e com isso deserrotizando o corpo, e impedindo uma vivência integrada e completa. Vittielo (1996), lembra, que esse estímulo à sexualidade vem sendo intensamente difundido pelos meios de comunicação de massa, que

acentuam, que para se considerarem normais, as pessoas devem ter intensa vida sexual, atingindo sempre, em todas as relações, o “*famoso orgasmo*”.

O mundo social cobra desejo e prazer, e as pessoas se sentem pressionadas a se enquadrarem no ritmo “ideal e normal”, como se fosse possível um enquadramento para o desejo e para o prazer. Silva (2003), enfatiza, que se passou a esperar, no mínimo, um orgasmo durante a relação sexual e, hoje, a obrigação de tê-los o que determina sua saúde sexual. E quais são as implicações que todas essas exigências acarretam na vida das pessoas?

Masters e Johnson (1975), já diziam, que o sexo realizado como uma meta, numa espécie de listas de instruções, impede o indivíduo de exprimir o mais íntimo do ser. Não atingir tais ideais tem se constituído em um novo fator desencadeante de inferiorização e inadequação sexual.(Silva, 2003). Caridade (2000), pensa que toda essa exigência faz com que as pessoas se fixem apenas na mecânica do sexo, o que acaba por inviabilizar a subjetividade prazerosa.

Pensamos, que o prazer sexual é algo muito amplo que o orgasmo, e compreende uma dimensão totalmente subjetiva, e, nesse sentido, a nossa sociedade que vem tratando a sexualidade de forma tão limitada e mecânica, pode realmente estar gerando uma cobrança enorme de desempenho e dificultando ou até mesmo impossibilitando a vivência do prazer em sua forma maior. É certo que muitos autores percebem esse novo

imperativo do prazer obrigatório, da sexualidade vivenciada enquanto meta, e já propiciaram bastante discussão acerca do tema através de publicações de artigos, apresentações orais e livros. Porém, não encontramos nenhuma pesquisa na área de psicologia que abarcasse a noção desse imperativo na experiência de vida das pessoas a partir da própria manifestação e significação de cada um; o que de certa forma valida a intenção do presente estudo. Um ponto interessante, é que ao realizarmos a revisão bibliográfica, para a construção deste projeto, após já termos definido o tema: “O dever do prazer segundo a experiência dos jovens: um estudo fenomenológico” encontramos este mesmo termo na obra de Guillebaud “A Tirania do Prazer”: *“O prazer não é mais apresentado como facultativo e sim como imperativo...O que a publicidade passou a instigar é o dever do prazer. Dever que fica oculto sob a capa da liberação”* (Guillebaud,1999: 134).

Neste trabalho, entendemos dever do prazer como um imperativo social. Imperativo que tem por definição no dicionário básico da língua portuguesa: *“imposição das circunstâncias ou dever”* (Ferreira, 1998: 352), neste caso, imposto pela sociedade. O imperativo do dever do prazer é então, a imposição social (ainda que muitas vezes não explícita), de que para que se tenha uma sexualidade ideal, as pessoas devem estar de acordo com alguns protocolos de desempenho para se atingir o prazer. Prazer, este

que também tem seu enquadramento, com forma e tempo ideais e com um fim em si, restringindo-o dessa forma ao orgasmo.

EXPERIÊNCIA, VIVÊNCIA E DESDOBRAMENTOS PSICOLÓGICOS

Consideramos os conceitos de experiência e vivência como centrais neste estudo, já que é através da experiência dos jovens que pretendemos chegar na vivência. Neste sentido se faz necessário uma maior clarificação de tais noções com as quais trabalharemos.

Entendemos a experiência como algo mais objetivo, que já passou por um processo cognitivo de reflexão do indivíduo e já tem uma elaboração na consciência. Já a vivência se trata de algo mais subjetivo, que não passou por uma reflexão; é mais imediata (Giovanetti, 2005).

A experiência para Rogers e Kinget (1975) se apresenta em 3 níveis. Num primeiro nível corresponde à *“tudo que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência”* (1975:161), sendo relativa aos dados imediatos, não refletidos e, portanto abrange um campo que ultrapassa os fenômenos conscientes. Tal definição corresponde, ao que neste estudo, entendemos como vivência.

O segundo nível diz respeito à simbolização dessa experiência na consciência, quando ela já foi refletida e elaborada. Porém, para os autores essa simbolização ou conscientização da experiência pode corresponder ou não à experiência real. Quando não há discrepâncias entre o experienciar e o tomar consciência, entendem que houve congruência, já quando há

discrepâncias entendem como incongruência. O segundo nível para Rogers e Kinget (1975), que se refere à tomada de consciência da experiência, será chamado neste estudo de experiência simplesmente.

O terceiro nível se refere à comunicação da experiência ou à ação que é tomada a partir da conscientização desta. Os autores acreditam que quando existe uma congruência entre o que é experienciado e simbolizado na consciência e a sua comunicação e ação correspondem a tais sentimentos, existe então uma autenticidade da experiência, o que eles também denominam “*acordo interno*”(p. 106). Este nível da comunicação e ação, na pesquisa, se dá através do depoimento.

O conceito de vivência também pode ser considerado sinônimo de vivido, experiência imediata ou sentimento primeiro (Amatuzzi, 2001). O autor se refere ao acesso à vivência, como acesso ao vivido. Este é entendido como “*reação interior imediata àquilo que nos acontece, antes mesmo que tenhamos refletido ou elaborado conceitos*”(p. 53). O vivido tem uma inscrição mínima na consciência e não uma elaboração, por isso é entendido como experiência pré-reflexiva na qual estão presentes sentimentos e pensamentos potenciais. Amatuzzi (2001) também se refere aos três níveis de Rogers e Kinget (1975) e os descreve sob a forma de uma pirâmide na qual existe um centro onde se constitui a subjetividade (vivência ou vivido), que se expande para uma elaboração e simbolização na consciência, formando o segundo nível da pirâmide, o pensamento. Este

se expande para uma comunicação e manifestação, formando o terceiro nível, a ação. O autor salienta o dinamismo dessa pirâmide ao destacar que *“cada uma dessas coisas gera também novas vivências”*(p.57) e também se refere à questão da autenticidade de Rogers e Kinget(1975) ao dizer que para que a pessoa se sinta satisfeita consigo mesma de forma mais profunda, é necessário que não perca a relação com o seu centro e sua subjetividade nos desdobramentos da sua vivência, ou seja, é necessário que haja uma coerência entre o que se sente, o que se pensa e o que se faz.

Consideramos então, neste trabalho, vivência todos os sentimentos primeiros relacionados ao dever do prazer e desdobramentos psicológicos, toda repercussão psicológica que os sentimentos da vivência do dever do prazer tem na vida das pessoas. É importante ressaltar que esta se trata de uma divisão mais didática para facilitar a comunicação e não conceitual, já que entendemos que a compreensão profunda da vivência engloba os desdobramentos desta na vida das pessoas.

OBJETIVO

Compreender a vivência do dever do prazer e seus desdobramentos psicológicos, a partir da experiência de jovens.

MÉTODO

O presente estudo não pretende verificar uma hipótese já existente ou medir determinado comportamento, e sim compreender melhor os significados de uma dada experiência humana para que seja possível a construção de um pensamento consistente, o que naturalmente o caracteriza como uma pesquisa qualitativa. A ênfase está no processo (compreender como acontece) e não no resultado (identificar comportamentos gerados), assim como sua intenção está em alcançar a subjetividade a partir da objetividade das experiências (Moreira, 2004), já que o que interessa são os significados atribuídos pelos participantes acerca da vivência da sua sexualidade bem como os significados que poderemos construir a partir daí.

Outras duas características básicas desta pesquisa e que se encaixam na descrição de Bogdan e Biklen (1994) sobre investigação qualitativa, são: 1) seu caráter descritivo, que neste caso se dará através da transcrição das entrevistas, e 2) a análise indutiva dos dados, já que estes não estão prontos para serem coletados, serão construídos na relação:

“o investigador qualitativo planeja utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes, não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação” (p. 50).

Não consideramos necessário um maior alongamento acerca da pesquisa qualitativa, já que entendemos, que no âmbito das ciências humanas, apesar das diversas críticas que sofreu no início, hoje já ocupa um lugar importante e justificado. Seu destaque pode ser confirmado, por exemplo, na grande quantidade de estudos que vem sendo realizados na área da psicologia com enfoque qualitativo, o que nos faz pensar que os profissionais desta área já possuem hoje uma boa noção deste tipo de enfoque. Sendo assim, acreditamos que as características básicas da pesquisa qualitativa citadas acima, já são suficientes para que se compreenda a razão do presente estudo estar inserido nesta perspectiva.

A pesquisa em questão pretende lidar com o significado da experiência vivida das pessoas (vivido ou vivência), o que torna necessário uma metodologia que as compreenda, que lhes possibilite mostrar-se como são, que as descreva tão claramente possível para que se revelem e apareçam a uma consciência que lhe doará sentido (Grassi, 1999). Pensamos que o método fenomenológico responde a tais necessidades e por isso será adotado como base deste estudo e como inspiração para análise dos depoimentos. A fenomenologia quer descrever o comportamento do homem no seu relacionamento com o mundo. “*A análise do ser-no-mundo da pessoa nos mostra, a cada momento, as características do seu existir*” (Forghieri, 1984:21). Para a fenomenologia, o que me permite entrar em contato com a realidade, por meio dos fenômenos, é a consciência, sendo

que a sua principal característica é a intencionalidade (Dartigues, 1973). A consciência intencional, só terá acesso ao vivido, se realizar a redução fenomenológica que é a atitude de indagar o fenômeno, de se voltar a ele, suspendendo crenças e valores. Grassi (1999) enfatiza que suspender, não significa negar, tornar não existentes ou mesmo neutralizar crenças e valores, e sim de reconhecê-los presentes, tematizá-los reflexivamente, e a partir dessa atitude, afastá-los conscientemente para voltar-se ao fenômeno que se mostra, que é inédito nessa aparição.

“Na pesquisa fenomenológica, lemos o vivido entrando em contato com suas manifestações” (Amatuzzi, 2001:58).

As manifestações do vivido são chamadas de depoimentos, que podem ser qualquer expressão humana, embora na maioria das vezes sejam relatos verbais. Lemos um depoimento através de uma luz: *“a luz sob a qual se lê o depoimento é, então uma luz que permite atravessar a materialidade empírica do próprio depoimento, chegar ao vivido que ele expressa, e depois, abstraindo-se do contexto concreto deste sujeito, buscar os significados gerais em relação à existência humana problematizada pelo pesquisador”* (Amatuzzi, 2001:60) o que implica também em discutir esses significados num contexto teórico mais amplo.

Pretendemos, com a pesquisa, compreender, na experiência vivida das pessoas, a vivência do dever do prazer segundo a experiência dos jovens. É evidente que na introdução deixamos claro que concordamos com

a percepção de alguns autores de que existe um imperativo do dever do prazer na nossa sociedade atualmente, porém não podemos afirmar se é percebido por todos, ou como é vivenciado na experiência de cada um. Respeitando o conceito de redução fenomenológica, suspenderemos conscientemente esta idéia do imperativo do dever do prazer como uma afirmativa, para que possamos realmente compreender “como” tal noção encontra-se ou não presente na experiência de cada um.

A experiência vivida é entendida aqui, como o sentimento primeiro ou reação imediata àquilo que nos acontece, sem a elaboração de conceitos. No estudo do vivido, estaremos lidando com os significados que o acompanham, lembrando que “*a função da pesquisa consiste em substituir a significação contextual imediata do vivido, pela significação do contexto trazido pelo pesquisador, dialogicamente*”(Amatuzzi, 2001:55). É importante ressaltar que no presente estudo estaremos nos referindo à experiência vivida também como vivido e vivência, já que os três termos se sustentam no mesmo conceito.

PARTICIPANTES

Na pesquisa fenomenológica não existem dados prontos, o que se colhe é construído na relação, sendo assim consideramos que as pessoas que participaram do estudo desempenharam papel completamente ativo e por esta razão nos referiremos a elas como participantes ou colaboradores.

Para definir os participantes, utilizamos o procedimento de amostragem intencional e entrevistamos propositadamente as pessoas que tinham maiores chances de nos fornecer dados relacionados à nossa questão de pesquisa. Para tal propósito, inicialmente consideramos selecionar pessoas com acesso aos meios de comunicação e à mídia em geral, e que supostamente tinham uma boa capacidade de verbalização de suas experiências. Assim sendo, decidimos realizar a pesquisa com jovens universitários.

O número de participantes foi estabelecido pelo critério de saturação, ou seja, após cada entrevista, foi realizada a análise dos dados, para que então partíssemos para a próxima entrevista, até percebermos que o nosso objetivo havia sido alcançado.

Foram realizadas, então, entrevistas individuais com quatro jovens universitários sem levar em conta nenhum critério de sexo, universidade, curso, classe social; o único critério levado em conta é que fossem jovens que estivessem cursando a faculdade no momento. A indicação desses

jovens foi feita por terceiros, que sabiam da intenção da pesquisadora em realizar um estudo sobre sexualidade com jovens universitários.

É importante lembrar que todos os nomes próprios, que constam a seguir e na transcrição dos depoimentos, são fictícios. Os participantes desta pesquisa foram: Clara, 19 anos, 2º ano de terapia ocupacional (Unip - Campinas); Patrícia, 21 anos, 4º ano de jornalismo (PUC – Campinas); Pedro, 21 anos, 3º ano de direito (Unip - Campinas) e Rodrigo, 25 anos, 5º ano de psicologia (PUC - Campinas).

INSTRUMENTO

Na intenção de acessarmos a experiência vivida de cada participante, utilizamos os depoimentos de cada um, que foram coletados através da realização de uma entrevista. Esta entrevista caracterizou-se como não diretiva-ativa, já que não continha perguntas pré-estabelecidas para colher dados prontos, e sim uma pergunta geral e disparadora com objetivo de mobilizar o participante a interagir com o pesquisador e buscar dentro de si a mais autêntica experiência vivida e a expressão livre de suas idéias.

A função do pesquisador é ouvir e entender (Moreira, 2004), porém também é seu papel “*atuar como facilitador do acesso ao vivido*” (Amatuzzi, 2003:21), ou seja, ter uma postura ativa de “*confiança, atenção e apoio intelectual*” (Mucchielli, 1991), no intuito de ajudar o participante a se sentir acolhido e seguro para compartilhar a sua experiência com o pesquisador. O participante foi deixado à vontade para comentar suas experiências, mas foi solicitado que ele comentasse um ou outro ponto que estivesse mais relacionado ao objetivo da pesquisa; em alguns momentos, ao perceber que o participante se apoiava em teorias, a pesquisadora solicitou, que o jovem retornasse à sua experiência .

Como na pesquisa do vivido, “*o melhor juiz é o próprio colaborador*” (Amatuzzi, 2003:22) já que somente ele pode dizer se a compreensão do pesquisador acerca do seu depoimento faz sentido para

ele, se se sente reconhecido ali ou não, a confirmação ou validação dos dados foi realizada com o participante durante a entrevista.

A pesquisa de Zampieri (2003), citada na introdução, sobre a sexualidade de jovens universitários, também conclui que sexo ainda é tabu nas conversas familiares e que os universitários são conservadores quando o assunto é sexualidade. Considerando este dado e prevendo assim uma possível dificuldade dos jovens em falar abertamente sobre sua sexualidade em apenas uma entrevista, elaboramos um texto, denominado por Mucchielli (1991) de comentário provocado e por Drummond (2002) de convite temático, que contém *“um material criado pelo próprio pesquisador, por conteúdos socialmente representativos”* (Mucchielli, 1991:33), com objetivo de facilitar a manifestação dos participantes na entrevista. O texto (ANEXO I) foi lido para os participantes e em seguida, foi feita uma pergunta disparadora e o participante foi convidado, então, a falar abertamente sobre sua experiência relacionada ao tema.

PROCEDIMENTO

O primeiro passo, após a aprovação do comitê de ética, foi pedir para alguns colegas de profissão indicações de jovens universitários que poderiam se interessar em participar da pesquisa. Este passo se deu tranquilamente, já que rapidamente a pesquisadora foi procurada por seus colegas com indicação de jovens interessados.

O próximo passo, então, foi entrar em contato com os possíveis participantes da pesquisa. O convite foi feito por telefone pela pesquisadora, no qual foi esclarecido ao candidato o caráter do estudo, a segurança e privacidade do local de entrevista e a garantia de sigilo dos dados pessoais.

Dada a concordância em participar da pesquisa, foi marcada uma data e um horário com cada participante para a entrevista que aconteceu numa sala de atendimento particular. Anteriormente ao dia da entrevista, ligamos para cada um para confirmar a sua participação. No momento da entrevista, foi justificada a necessidade da gravação e solicitada a permissão para tal, deixando claro que o participante poderia concordar ou não. Foi novamente explicado, o uso que seria feito dos dados da entrevista, e novamente assegurada a privacidade dos dados pessoais, para que então, fosse solicitado do participante, um consentimento livre e esclarecido mediante assinatura de um termo (ANEXO II). Num próximo

momento foi realizado o convite temático e foi feita a pergunta disparadora e, então, o participante foi convidado a comentar livremente a sua experiência.

Após o encerramento de cada entrevista foi realizada uma análise individual, ou melhor, uma sistematização da experiência de cada um, já que a análise teve início durante a própria entrevista. Ao final de cada análise, a pesquisadora se voltava para o objetivo da pesquisa na intenção de avaliar se já havia atingido a saturação. Após a quarta entrevista, a pesquisadora percebeu que já tinha conseguido uma boa compreensão da vivência do dever do prazer segundo a experiência dos jovens e, então, as entrevistas foram encerradas. Após a análise individual, passamos para o segundo, terceiro e quarto passo da análise dos dados que serão abordados a seguir.

ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

A análise das entrevistas, como já foi mencionado anteriormente, se inspirou em um enfoque fenomenológico, já que se trata de uma pesquisa acerca da experiência vivida e a fenomenologia pressupõe que acessar o vivido é uma das formas mais importantes “*e em alguns momentos insubstituível*” (Amatuzzi, 1996:5) para a construção de conhecimentos, especialmente em ciências humanas.

Através da análise fenomenológica ou análise do vivido, pretendíamos então, a partir do mundo da comunicação (depoimento), através do que está consciente e significado para o participante (conteúdo expresso no depoimento através da experiência refletida), chegar na experiência vivida, ou experiência imediata e de sentimento (Rogers e Kinget, 1975), para então formularmos a vivência a partir das nossas questões de pesquisa.

Esta análise não começou após a entrevista e sim durante, já que pensamos o momento da entrevista não como coleta de dados, mas como um momento de encontro entre pesquisador e participante, que mobiliza o colaborador a entrar em contato com sua experiência vivida (e inédita) nesta relação.

Como também concordamos com AmatuZZi (2001) que o colaborador é o melhor juiz, e por isso confirmamos com ele, durante a entrevista, se a nossa compreensão do que estava sendo dito correspondia à sua experiência, consideramos que neste momento também já estávamos realizando análise e sustentamos esta idéia na afirmação de Mucchielli (1991): *“além da compreensão do conteúdo é necessário ser capaz de relacionar sempre a compreensão do que é dito com o objeto da entrevista, portanto isso quer dizer que há análises a fazer e a devolver ao interlocutor durante a entrevista”*(p. 55). Sendo assim, o que pensamos é muito bem sustentado pela idéia de AmatuZZi (2001) de que se a análise já começa durante a entrevista, o momento seguinte é apenas uma tentativa de sistematizar da forma mais compreensível possível esta experiência. O autor propõe alguns passos para esta sistematização que serviram de sustentação para este estudo:

1º Passo: Momento de organizar o que foi dito, primeiramente entrando em contato com o sentido global do depoimento de cada um para assim realizar uma síntese que leve em conta o sentido do todo.

2º Passo: Momento de buscar, na síntese dos depoimentos de cada participante, o que existe de comum, e o que existe de próprio a cada um, no intuito de ter uma compreensão humana do vivido, além das particularidades.

3º Passo: Momento da discussão dos resultados, ou seja, o pesquisador propõe um diálogo entre o que compreendeu a partir da sua pesquisa com o pensamento de outros teóricos e pesquisadores, já levantados na introdução do estudo.

4º Passo: Momento de compartilhar a pesquisa com o público em geral e comunidade científica.

No 1º passo, a organização do que foi dito, foi realizada a partir de temas que emergiram dos próprios depoimentos. Não tivemos a intenção de sistematizar as análises igualmente, mas percebemos que os jovens, ao comentarem suas experiências, na maioria das vezes, as contextualizavam na família, no círculo de amigos, no relacionamento amoroso, nas fases da vida, além de fazerem referência a algumas concepções acerca do tema que não necessariamente estavam diretamente ligadas às suas experiências. Aproveitando-nos da própria forma deles de comunicar suas experiências, utilizamos os temas emergentes para primeiramente contextualizar suas experiências, mesmo que estas não estivessem diretamente ligadas ao objetivo da pesquisa para, a seguir, realizarmos uma compreensão do sentido global do depoimento de cada um, ou seja, da vivência de cada um, relacionado ao nosso objetivo. Esta última etapa foi sistematizada em duas instâncias de compreensão, as quais denominamos: “ A vivência do dever do prazer” e “ Desdobramentos psicológicos”.

No 2º passo, realizamos uma síntese geral, na intenção de buscar o que era comum de cada vivência para construirmos uma estrutura do vivido, além das particularidades. Porém ao formularmos a vivência comum, não deixamos de compreender e considerar as diferenças na forma de experimentar e vivenciar o que é semelhante.

No 3º passo, seguimos a intenção inicial de propor um diálogo entre o que compreendemos a partir da nossa pesquisa com o pensamento de outros teóricos e pesquisadores, já levantados na introdução do estudo. Porém, quando construímos a introdução, preocupamo-nos apenas em embasar teoricamente as noções nas quais se sustentam o estudo e ao realizarmos uma compreensão do fenômeno através da pesquisa, percebemos que desta emergem outras noções (o que já esperávamos acontecer, por se tratar de uma pesquisa fenomenológica). Por esta razão, fez-se necessário no momento da discussão, buscar outras fontes teóricas que não constavam na introdução do trabalho, para que pudéssemos dialogar de forma mais consistente.

ANÁLISES INDIVIDUAIS

ANÁLISE DO DEPOIMENTO 1

Participante: Clara **idade:** 19 **curso:** terapia ocupacional (2º ano)

VIVÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Clara conta que seu primeiro contato com as questões relacionadas à sexualidade foi a partir de 13, 14 anos e se deu através das inúmeras leituras das revistas para adolescentes “...*eu lia muita revista, até porque era o único jeito de eu saber sobre sexo, foi o 1º contato que eu tive com essas questões. Eu adorava*”, que trazem, na sua opinião, informações importantes e necessárias, já que respondem às principais dúvidas e questionamentos dessa faixa etária. Para Clara, as revistas para adolescentes, tiveram papel importante na formação da sua sexualidade, já que, nesta fase, as considerava, como único recurso para obter informações

relativas a este tema “...nas revistas de adolescência traz coisa que a gente precisa saber, nessas outras é só cobrança mesmo...”.

VIVÊNCIA SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR

Ao falar sobre sua criação, Clara enfatiza que é bastante tradicional e conservadora na vivência da sua sexualidade e atribui isso ao fato de ter sido criada pela avó. “...acho que sou tradicional, eu fui criada por avó...”. Deixa claro que não conversa sobre este tema em casa, tendo as revistas como único recurso para obter informações sobre sexualidade na adolescência. “...não falo dessas coisas em casa”. Clara parece sentir essa criação tradicional como algo bom, demonstrando até um certo orgulho por tê-la. Percebe-se menos influenciável pela mídia do que a maioria das pessoas e atribui parte disso ao fato de ser mais tradicional “...a maioria das pessoas da minha idade vão bem pela influência hoje em dia...”

“...eu sou bem tradicional em relação à essa modernidade de hoje” [com ar orgulhoso].

Ela entende que por ter tido uma criação mais tradicional, sente mais vergonha para falar sobre sua sexualidade, porém, mais adiante na análise, comentaremos que essa vergonha é sentida por ela como algo positivo que, de certa forma, a protege de adotar alguns comportamentos de conduta

sexual reprovados por ela *“Elas contam para todo mundo (referindo-se às amigas). Eu não, eu só escuto, sabe? Até porque eu tenho vergonha...”*.

Clara conta que apesar do irmão ter tido a mesma criação que a sua e também não ser muito adepto às revistas e televisão, vivencia sua sexualidade de forma diferente da dela, sendo muito mais influenciado pelos amigos no que diz respeito ao comportamento sexual. *“Tivemos a mesma criação, mas a sexualidade dele tá sendo muito diferente da minha...hoje em dia tá todo mundo sendo influenciado pelas coisas que aparecem”*. Neste sentido, podemos perceber que Clara tem uma percepção de que a questão da criação tradicional não é suficiente para garantir a não influência de regras sociais, já que sente que ela e seu irmão tiveram a mesma criação, mas ele é bem mais influenciado.

VIVÊNCIA SEXUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO

Clara teve a sua primeira relação sexual aos 18 anos, com o 1º namorado, com quem continua namorando até hoje. Ela sente seu namorado muito parecido com ela na forma como vivencia a sua sexualidade, o que, em sua opinião, possibilita que tenham uma relação mais espontânea e natural *“...eu acho que nós construímos uma relação diferente, mais espontânea”*.

Ela identifica como principais características comuns entre ela e o seu namorado: a personalidade forte e a vergonha frente a algumas formas de abordagem da sexualidade, sendo estes dois fatores, percebidos por ela, como determinantes para que ambos não se sintam influenciados pelos amigos e pelas pressões sociais em geral no que diz respeito ao comportamento sexual.

“...tenho personalidade forte, eu só faço o que der vontade, não por influência dos outros”.

“...ele não é influenciado. Graças à Deus ele também tem uma personalidade forte”.

“...acho que sinto vergonha de comprar essas coisas (referindo-se a revistas que ensinam comportamentos sexuais)”.

“...ele fala que também não fala nada (referindo-se a conversas com os amigos sobre sexo), que também tem vergonha, sabe?”.

Podemos perceber que Clara sente essa identificação de idéias e sentimentos com o namorado, como algo muito importante e até mesmo essencial, já que atribui o sucesso do namoro a essa congruência *“...por isso que deu certo, porque se ele fosse diferente de mim nessas coisas, não teria dado certo”*. Podemos perceber que Clara sente-se respeitada pelo namorado, já que quando ela não quer ter relação sexual, não precisa nem dizer, pois ele sente e dessa forma nem tenta, poupando-a de sentir-se

cobrada “...acho que ele nem sabe quando vai rolar...acho que ele sente...ele nem chega a tentar, não cobra...” .

As diferenças apontadas por ela não parecem ser vivenciadas com angústia, já que Clara se refere a elas com tranquilidade, dando pouca importância ao comentar esse aspecto, e logo em seguida voltando-se para as semelhanças “...tem algumas diferenças tipo: eu espero sempre ele vim procurar, eu não sou muito de procurar...mas a gente é mais de perceber a vontade...”.

Clara reconhece que existe um limite para a espontaneidade no relacionamento e que este, se deve ao fato, de ambos serem tradicionais. “A gente é espontâneo, mas como somos mais tradicionais, tem coisa que não da pra falar um para o outro”. Porém, a dificuldade dos dois em falar sobre a sua própria sexualidade um com o outro, não parece ser vivida por Clara como um problema sério “...tem coisa que não da para falar um para o outro. Mas também nunca tivemos nenhum problema sério à esse respeito...”

Podemos perceber que uma forma encontrada por Clara e seu namorado, para falarem entre si sobre sexualidade é através das experiências dos amigos “A gente consegue falar entre a gente muito mais sobre os nossos amigos porque eles fazem muito mais coisas, é engraçado”. Clara é bastante enfática que ambos contam as experiências dos amigos para se divertirem ou para comentarem com indignação e não

para cobrar um do outro comportamentos semelhantes “*Quando ele me conta as coisas dos amigos não é para cobrar, é um contar de espanto*”. Neste sentido podemos compreender que falar da sexualidade dos amigos é vivenciado com diversão por Clara, contanto que nem ela, nem o namorado utilizem os exemplos para cobrar um do outro.

Porém, apesar de Clara afirmar a todo o momento que tem uma relação espontânea com o namorado e que eles não se sentem cobrados um pelo outro, podemos perceber que ambos se sentem inseguros diante da possibilidade do outro desejar algo fora dos padrões estabelecidos por eles no namoro “...*ia ter uma palestra sobre disfunção erétil e eu falei pra ele que eu ia. Ele ficou tão bravo, tão bravo!...ele achou que eu ia por causa dele...*” . No seu depoimento, podemos perceber que Clara e seu namorado parecem ter construído algumas expectativas dentro do seu relacionamento: a relação sexual deve ser espontânea e um deve respeitar o outro quando não estiver com vontade, não deve haver nenhum tipo de cobrança nesse sentido, falar sobre a própria sexualidade só é necessário quando existir um problema, falar sobre a sexualidade dos amigos é engraçado e permitido, porém não pode acontecer com intuito de cobrar do outro tais comportamentos. Por isso, compreendemos que a situação citada acima, que não condiz com o que é esperado na relação, gerou um desentendimento entre os dois.

Podemos entender com isso que Clara atribui o termo espontaneidade na relação, no sentido em que não se cobram comportamentos sexuais padronizados pela sociedade e pelos amigos. Segundo ela, essa espontaneidade, tem o limite da criação tradicional de ambos, que não permite que todos os temas sejam abordados entre eles. Porém à medida que foi refletindo mais profundamente sobre o assunto, foi sentindo-se confusa e insegura diante de suas certezas iniciais, de que nunca se cobraria comportamentos sexuais para agradar o namorado. Ela começou a sentir que seus referenciais podem mudar diante de certas situações especiais *“hoje eu falo que eu não cederia a essas coisas, mas...sei lá, talvez eu tenha medo de perder ele e aí decida fazer essas coisas”*.

Clara pareceu vivenciar com angústia essa possibilidade de mudança, escolhendo deixar a possibilidade em aberto, mas enfatizando que enquanto não sentir necessidade, pretende continuar vivendo a sua sexualidade da forma como vem fazendo até então *“Acho que posso mudar sim...Não agora, porque eu não preciso, mas vai saber...”*.

VIVÊNCIA SEXUAL NO CÍRCULO DE AMIZADES

Clara dedica grande parte do seu depoimento à sexualidade das amigas e à sua relação com esta.

Percebemos, já no início, que Clara se remete às amigas para refletir sobre “o dever do prazer”, por reconhecer na vivência delas, a presença deste imperativo “...*eu percebo essa cobrança em várias amigas*”. Ela percebe que são necessárias algumas atitudes para as meninas se sentirem incluídas na sociedade atualmente e que por isso suas amigas se cobram tanto para atender esse padrão exigido “*O que é comum hoje é que todos façam sexo, porque televisão, tudo cobra. Independente se tenha namorado ou não...*”.

Ela se sente bem diferente das amigas, já que não se cobra para atender às exigências “...*existe uma cobrança sobre elas, não sobre mim*” e acredita que o que as diferencia é que ela tem personalidade forte e é objetiva, fazendo assim somente o que quer, sem se deixar influenciar, já as amigas tem personalidade fraca, sendo por isso influenciadas pelos outros e pela mídia. “*É o que eu falei, é questão de personalidade, eu sou objetiva, eu só faço aquilo que eu quero...as pessoas sem personalidade fazem tudo o que a mídia quer*”

Clara aponta também que para uma menina de personalidade fraca (como ela denomina grande parte das pessoas da sua idade) “...*a maioria das pessoas da minha idade vão bem pela influência*” se sentir incluída na turma, não basta atender aos padrões de comportamentos sexuais cobrados pela sociedade, também é necessário contar abertamente sua intimidade para as amigas “...*elas falam uma coisa que não tem nada a ver ficar*

falando pra todo mundo; o que você faz com o seu namorado, o que deixou de fazer, como foi...” Ela entende que quando uma menina conta para a turma suas experiências sexuais, a maioria se cobra o mesmo comportamento *“se uma menina é cabeça fraca, ela se sentiria obrigada a fazer o sexo de tal jeito porque todas as meninas fazem...para acompanhar elas...no assunto”*.

Percebemos anteriormente que Clara e o seu namorado conversam muito sobre a experiência sexual dos amigos para se divertirem, já que tem mais dificuldade de falar sobre a própria. E este seria então o motivo apontado por Clara, da razão de continuar ouvindo *“as barbaridades”* de suas amigas. Podemos perceber que Clara observa e reflete posteriormente sobre elas, formando algumas idéias e conceitos. *“Acho que mulher se cobra mais que homem, pela experiência que eu tenho com as minhas colegas é o que eu vejo...”*. Até mesmo quando identifica, na experiência delas, o que não quer para ela *“...minhas colegas falam de sexo anal, eu nunca fiz e nem tenho vontade”*.

Ao longo da conversa, Clara relata que as amigas tem mais relação sexual que ela, que vêem mais o namorado, e vai percebendo que talvez também sinta a necessidade de fazer mais coisas, quando se relacionar mais freqüentemente com seu namorado *“porque elas tem mais relação sexual que eu...talvez quando a gente tiver mais relação, talvez eu precise fazer essas coisas”*.

Como já compreendemos anteriormente, Clara vai questionando seus referenciais ao longo da conversa e no final acaba se sentindo mais aberta a mudanças e até mesmo mais suscetível à algumas influências e pressões externas. Na forma como Clara fala, podemos perceber que a percepção desses novos sentimentos parece fazer com que ela sinta até uma certa culpa por julgar tanto as amigas *“Eu meto a boca nas minhas amigas, sabe? Das coisas que elas fazem e eu sempre falei que eu não ia mudar, mas agora eu não sei”*. Mas deixa claro que por mais que possa mudar de opinião e ceder às pressões externas diante de alguma circunstância futura, não faria como as amigas fazem. *“Acho que posso mudar sim, não fazer que nem elas, mas fazer algumas coisas...”* Podemos perceber que Clara admite a mudança, mas com limites; não se imagina cedendo como as amigas.

A VIVÊNCIA DO DEVER DO PRAZER

Clara parece ter começado a perceber o imperativo do prazer primeiramente pela mídia, quando se deu conta das diferenças das revistas que lia na adolescência para as revistas voltadas para as mulheres, mas principalmente quando começou a se relacionar com as amigas da faculdade.

Ela sente que a sociedade, através da mídia, impõe diversas cobranças em relação à sexualidade *“Acho que a questão é: façam sexo...ter que fazer posições, transar toda hora, ter que fingir orgasmo, essas coisas...”*.

Clara acredita que esse imperativo não está presente na sua experiência de vida ou, mais precisamente, na vivência da sua sexualidade. Na sua compreensão, tem personalidade forte, o que garante com que faça apenas o que tem vontade e tem uma criação tradicional, o que não permite que aceite alguns comportamentos e o que faz com que sinta vergonha em adotar outros tantos.

Podemos perceber que Clara orgulha-se de tais características, já que atribui a elas o fato de não se influenciar aos padrões e cobranças externas no que diz respeito à sexualidade, ou, ao que chamamos neste estudo de dever do prazer.

Por sentir-se desta forma e também identificar tais características no seu namorado, acredita que conseguiram construir um relacionamento diferente, natural e espontâneo, no qual não existe nenhum tipo de cobrança, possibilitando que ela só tenha relação sexual quando e como quiser no momento.

Porém, Clara percebe que a maioria das pessoas da sua idade, inclusive suas amigas, cedem aos padrões de comportamento sexual estabelecidos pela mídia e depois perpetuados e cobrados nos círculos de

amizade, como uma regra para que a pessoa possa se sentir incluída. Ela considera que essas pessoas se deixam levar por todas essas influências, pois tem personalidade fraca. Clara sente que é uma questão de personalidade você deixar esse imperativo dominar a sua experiência ou não.

Podemos compreender que Clara inicia a conversa bastante segura de que não existe dever nenhum associado ao seu prazer, de que não existe imposições ou regras associadas à vivência da sua sexualidade. Neste momento percebemos que o imperativo do prazer pode até não estar presente diretamente na sua vivência sexual, porém está totalmente presente na sua experiência de vida, no sentido em que ela o percebe, nomeia e o identifica nos meios de comunicação que a cerca, na vivência das amigas, do irmão e da maioria das pessoas que conhece.

Em dado ponto da conversa, quando Clara se vê diante de algumas circunstâncias de vida, imaginadas por ela: a situação do tempo de namoro aumentar e com isso eles passarem a ter mais relações sexuais e ela sentir que precisa fazer coisas diferentes, ou a situação do namorado começar a cobrar dela as coisas que as namoradas dos amigos fazem e com isso ela sentir que pode perdê-lo se não o fizer, ela começa a questionar a compreensão segura que tinha de si mesma até então. Pois parece começar a perceber neste momento, que talvez possa vir a ceder a alguns desses

padrões diante da possibilidade de perder o namorado, ou da relação ficar mais freqüente e cair na rotina.

Compreendemos que neste momento, Clara sente-se confusa e um pouco assustada por perceber em si a identificação com as amigas e com as personalidades fracas, a possibilidade de mudança dos seus conceitos, o sentimento de impotência diante de certas circunstâncias da vida, que muitas vezes nos fazem repensar valores antes sentidos como tão certos.

Ao final da conversa, podemos arriscar dizer que Clara saiu, de certa forma, vivenciando a questão do dever do prazer, *“Sabe quando você fica com a cabeça a mil? Vou sair daqui e ficar pensando sobre essas coisas...”*, já que experimentou a possibilidade do prazer associado a uma obrigação como uma vivência possível.

DESDOBRAMENTOS PSICOLÓGICOS

“Eu acho que é muito melhor ter uma sexualidade assim, do que forçada. Eu acho que sou mais tranqüila do que as minhas amigas que ficam pensando em fazer coisas o tempo todo. Não sei se dá para falar que eu sou mais feliz que elas, mas eu sou feliz assim, sem cobrança. Acho que eu sou mais livre, entendeu? ”.

Clara parece se sentir tranqüila e feliz por entender que não vivencia a sua sexualidade conforme as regras e cobranças sociais. Esse sentimento

parece ser ainda mais acentuado pela percepção de que é diferente das suas amigas. Compreendemos que Clara sente-se orgulhosa da sua personalidade forte, da sua criação, da liberdade com que vivencia sua sexualidade e do relacionamento que tem com o namorado. E percebemos que existe uma cobrança muito forte de Clara com ela mesma para manter essa postura não influenciável. Porém, podemos perceber que Clara se mantém tão firme nessa posição, que acaba nem permitindo uma reflexão dos sentimentos que são despertados nela em algumas situações: quando ouve as amigas e afirma só escutar para rir depois com o namorado ou quando afirma que o relacionamento é espontâneo, mas não permite vontades e desejos inesperados do outro.

Compreendemos que Clara sente-se feliz e orgulhosa com a sua forma de entender e vivenciar a sua sexualidade. Percebe-se mais forte que a maioria das pessoas da sua idade por não ser influenciada “*de forma alguma*” pelas cobranças externas. Porém, entendemos que esse sentimento de certeza representado pela expressão “de forma alguma” começou a ser questionado por ela durante a entrevista. Não podemos dizer que houve uma transformação nos sentimentos de Clara, porém podemos perceber que ela experimentou sentimentos novos, que mesmo vivenciados com uma certa confusão, pareceram de certa forma, fazer sentido para ela diante de algumas circunstâncias de vida.

ANÁLISE DO DEPOIMENTO 2

Participante: Rodrigo **idade:** 27 **curso:** psicologia (5º ano)

VIVÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA

Rodrigo percebe as primeiras sensações de prazer sexual aos cinco anos, quando começou a se masturbar. Aos oito anos, ele teve o primeiro beijo, definido por ele como “*beijo de criança*” e sentido como uma “*brincadeira infantil*”.

Podemos compreender que a partir da percepção do prazer sexual aos cinco anos, este foi sendo sentido nas próximas idades e a primeira ejaculação aconteceu aos doze anos. “*...comecei a sentir o prazer...com 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 anos comecei a ejacular*”.

Rodrigo fala rapidamente da sua vivência sexual na infância, mas percebemos que pareceu importante para ele, contar das primeiras manifestações da sua sexualidade para que pudéssemos compreender melhor essa vivência nas outras etapas de sua vida. Percebemos esse sentimento em Rodrigo, quando ele pede para se referir à sua vivência infantil. “*...Posso contar sobre a minha sexualidade toda?*”.

VIVÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Podemos perceber que Rodrigo considera o seu período de adolescência até vinte e um, vinte e dois anos, pois ele sente que até essa idade era bastante imaturo. Com isso podemos compreender que Rodrigo entende que a imaturidade é uma característica presente na adolescência. *“...eu me lembrei muito da minha adolescência, quer dizer até os meus 21, 22 anos, é que eu falo adolescência porque até essa idade eu era muito imaturo mesmo, era um adolescente”*.

Rodrigo fala bastante dessa fase da sua vida durante a entrevista. Podemos entender que isso acontece, pois ele percebe o prazer associado ao dever na vivência da sua sexualidade nessa fase *“...era um adolescente, porque era exatamente assim mesmo, era cobrança pura”*.

Rodrigo conta que, nesta fase, tratava a mulher como objeto *“...via a mulher como objeto mesmo”* tanto no momento de escolher a sua parceira, quando preocupava-se apenas com o aspecto físico *“...era daquele jeito de sempre procurar a mais bonita, a melhor, como eu falei, a que tinha peitinho mais durinho, a bundinha mais bonita...”*, quanto no momento da relação sexual, quando preocupava-se apenas em se satisfazer *“...era para me satisfazer primeiramente e eu não tinha nem consciência de quando a mulher tinha prazer ou não...”*.

Desde os quinze, dezesseis anos, Rodrigo já tinha experiências sexuais com as meninas, porém a primeira transa (com penetração) aconteceu com dezoito anos, com três meninas numa mesma festa. Durante um tempo Rodrigo chegou a namorar três meninas ao mesmo tempo “...*uma menina era mais de família, então eu ficava com ela até umas onze horas, depois eu saía para transar com a outra e tinha uma que eu saía para transar de final de semana*”. Rodrigo conta que sentia que precisava ter relação sexual todos os dias e que por isso estava sempre procurando outras meninas.

Hoje, Rodrigo compreende que essa vivência sexual era “*uma loucura*” , “*muito exagerado*” e acontecia dessa forma por duas razões: pelos hormônios “...*mas também eu estava no auge dos meus hormônios*” e pela cobrança que sentia de ter que ser o melhor. Rodrigo entende que essa cobrança consigo mesmo, vinha dos padrões sociais percebidos por ele “*antes...eu procurava as mulheres pelos padrões sociais. A gente vê nas revistas, na TV, essa mulherada toda perfeita e quer para a gente também, né?*” os quais sentia necessidade de atender principalmente para provar para os amigos “*eu fazia isso na minha adolescência de ter que provar para os amigos com medo de ser excluído da turma, mas fazer isso hoje não dá, né?*”. Podemos perceber a necessidade de ser aceito pelos amigos como um sentimento muito forte para Rodrigo, já que chegava a mentir para eles com medo do que poderiam pensar “*Os homens não tem medo de perder as*

mulheres, mas do que os amigos vão achar, então para isso até mentem o que fazem ou deixam de fazer. Eu já fui assim...”

Rodrigo entende que toda essa cobrança que sentia, gerava muita ansiedade na vivência da sua sexualidade e ele percebe claramente esse sentimento na sua experiência, quando relata que tinha ejaculação precoce “...eu tinha ejaculação precoce, acho que era toda essa pressão de ter que...” comer todas” e algumas vezes chegava a broxar “já aconteceu isso comigo...porque você quer provar que é tão bom, que broxa”. Por outro lado, Rodrigo sente essa vivência como algo bom, que lhe proporcionava uma sensação de divertimento “...era bom, claro, eu me divertia...”. Ele também compreende essa vivência como mais fácil do que sua vivência atual “...era mais fácil, no sentido de não me dar trabalho, eu não precisava pensar em nada, só transava e pronto”.

Podemos compreender que a vivência sexual de Rodrigo nessa fase era sentida por ele de forma contraditória. Podemos perceber que era sentida como mais simples, no sentido de não lhe exigir grandes reflexões “mas tem gente que não reflete não, só quer seguir os padrões exatamente como são passados...igual eu era” , também era divertida, já que ele tinha prazer “era sexo pelo sexo e pelo prazer do momento”. Ao mesmo tempo, a cobrança pela quantidade “interessava a quantidade”, para poder se sentir incluído no seu círculo social de relações, provocava sentimentos

desagradáveis em Rodrigo “*era quase desespero...me deixava muito ansioso*” e também proporcionavam um sentimento de vazio.

Toda essa vivência é compreendida por Rodrigo como uma vivência mais imatura, típica da adolescência. Ele sente que a medida que foi amadurecendo, sua vivência sexual mudou bastante e lhe agrada mais “*eu prefiro...é mais satisfatório*” . Realizaremos uma compreensão mais aprofundada deste ponto mais adiante na análise.

VIVÊNCIA SEXUAL NO CÍRCULO DE AMIZADES

Como pudemos compreender anteriormente, Rodrigo sente que os amigos tiveram uma grande importância na vivência da sua sexualidade na adolescência. “*Na minha adolescência o que importava era ser o bom na turma*”. Ele entende essa necessidade de provação como imaturidade e por isso hoje, acredita que enquanto vivenciava a sua sexualidade com esses referenciais, ainda era um adolescente, independente da idade cronológica.

Rodrigo relata que, na atualidade, muitos dos seus amigos e homens da sua idade vivenciam a sexualidade com os referenciais que ele seguia na adolescência. “*...muitos homens da minha idade continuam encarando assim até hoje*”. Podemos perceber que Rodrigo sente-se um tanto indignado com a situação dos amigos se comportarem de tal forma “*eu fazia isso na minha adolescência...mas fazer isso hoje não dá, né?*”. Ele

percebe que assim como seus amigos, a maioria dos homens da sua idade ainda vivenciam a sexualidade com referenciais machistas “...é o machismo que impera ainda” , preocupados em superarem uns aos outros nas conquistas sexuais “muitos homens ainda se preocupam só em ser o bom, o garanhão...” para atenderem os padrões sociais . Rodrigo percebe que são esses os valores cobrados na sociedade hoje e que para atendê-los, os homens contam vantagem na roda de amigos e muitas vezes até mentiras, assim como fazia na adolescência “meus amigos falam o tempo todo que comprou a pomada para passar no pênis porque estava esfolado de tanto transar”. Podemos perceber que a forma que Rodrigo encontrou para lidar com essa situação é participar das conversas com os amigos, sem dizer o que pensa a respeito da vivencia sexual deles, guardando para si suas reflexões “...eu não falo nada para eles, vou falar o que? Que o cara é um machista?”.

Rodrigo também não divide com os amigos suas intimidades, já que prefere dividi-la com as amigas, por perceber que as mulheres tem mais maturidade para falar de sexo. “...elas tem mais maturidade para falar e para fazer sexo” Porém, Rodrigo entende que para que seja possível o estabelecimento de uma conversa madura, é necessário que a mulher esteja sozinha, ou seja, ele sente que quando conversa com uma única mulher é ouvido e compreendido “...se você conversar com uma mulher sozinha sobre sexo, ela é mais madura”, mas percebe que quando estão em grupo,

elas se comportam de forma semelhante aos homens “*Agora, várias mulheres juntas, é bem parecido com os homens, ficam contando vantagem*”. Podemos compreender com isso, que Rodrigo sente que as mulheres tem mais maturidade do que os homens na vivência da sua sexualidade, mas, quando em grupo, também acabam atendendo à alguns padrões sociais.

Mesmo percebendo que, neste momento da sua vida, encara a sexualidade de forma mais madura do que a maioria dos amigos, Rodrigo enfatiza que tem uma postura aberta com eles: conversa e brinca “*...eu não sou um cara sério e fechado, eu fico com todos os meus amigos, brinco pra caramba*” . Percebemos que Rodrigo tem um sentimento de respeito e compreensão pelos amigos, já que se identifica com a experiência deles “*...fui assim durante um tempão...*” e entende que “*...cada um tem a sua hora de amadurecer...*”.

Ele percebe que, entre os amigos da faculdade, sente mais afinidade e identificação com uns do que com outros e atribui isso à diferença de abordagens teóricas “*...é visível que quem segue a mesma abordagem, parece que fala a mesma língua sobre todos os assuntos*”. Ele sente que os amigos que seguem a mesma abordagem, existencial humanista, conversam sobre sexualidade de forma mais parecida com a sua “*...falam de um jeito mais profundo...*” em comparação com os amigos que seguem outras abordagens, como por exemplo, comportamental, que falam de um jeito

diferente “...ficam falando do sexo em si, é mais mecânico...”. Porém, podemos perceber que Rodrigo não encara a diferença como uma barreira para o diálogo, ao contrário, encontra interesse nessa diferença “...eu não tenho nem um pouco de preconceito, porque eu acho legal essa diferença”.

VIVÊNCIA SEXUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO

Rodrigo namora há cinco meses e define a sua relação como “*relação meio turbulenta*” e sua namorada como “*uma pessoa frígida*”, já que ela quase não tem vontade de transar. Ele percebe que ela já melhorou bastante, já que no início do namoro tinha vaginismo.

Essa situação é vivenciada por Rodrigo com bastante dificuldade “*é bem difícil*” e ele compreende que essa dificuldade vem do fato dele considerar o sexo muito importante num relacionamento “...*acho que 70% de um relacionamento é sexo...*”. Porém, Rodrigo relata lidar com a namorada com bastante paciência, conversando com ela e não cobrando, já que hoje, compreende o relacionamento como algo maior, que vai além do sexo e enxerga a namorada, além da sua dificuldade sexual “...*você tem que ver a pessoa que ela é*”.

Como vimos, Rodrigo se sente mais maduro hoje e percebe que valoriza outras coisas. Ele acredita que não encara mais a mulher como simples objeto sexual *“Hoje eu não quero mais uma mulher objeto, eu procuro uma mulher para fazer uma vida”*.

“...a relação é olho no olho, é o beijo atraindo e prestar atenção quando a mulher está pronta, lubrificada, que é muito importante”.

“Hoje, eu tento perceber isso nela, para que ela não transe sem vontade”.

Sobre a questão da quantidade, que na adolescência ditava muito do comportamento de Rodrigo, ele diz: *“Mas hoje eu prefiro um pacto de monogamia, esse negócio de bi, poli, não é mais comigo”*.

Podemos percebermos que o outro passa a ser importante para Rodrigo no momento da relação sexual, no sentido em que ele toma consciência do sentimento do outro e este passa a ser fundamental para o seu prazer *“Eu me esforço para o outro sentir prazer, mas não um esforço ruim, é mais uma atenção que eu dou para o prazer dela, para ser legal para os dois”*.

Rodrigo compreende que a forma como vivencia sua sexualidade hoje, lhe dá mais trabalho do que antes quando era sexo pelo sexo, já que lhe exige prestar mais atenção no outro, refletir sobre as dificuldades do relacionamento, conversar. O fato de ter pouca relação sexual com a namorada, também parece difícil para ele *“...hoje em dia eu não procuro*

mais fora, mas dá vontade...eu tenho que me segurar bastante pois hoje eu priorizo o relacionamento como um todo". Ele relata que por mais que compreenda a namorada e deseja que ela melhore, já que ele decidiu permanecer monogâmico, sente falta do sexo. "*não que eu cobre, como eu já te falei, eu respeito, mas eu quero que ela melhore porque sexo é bem importante*". Porém, apesar de sentir que atualmente sua forma de vivenciar a sexualidade é mais trabalhosa e complexa, Rodrigo sente-se mais satisfeito. Podemos perceber que ele gosta dessa nova sensação de aprender sobre o outro e com o outro, mesmo que seja a partir de uma dificuldade na relação "*...minha namorada é frígida, ela tem problemas, então para eu fazer ela querer, ter vontade, demora mais ou menos umas três horas, é muita preliminar...mas, ao mesmo tempo é muito bacana isso, porque você tem que conhecer mais a pessoa...*". No geral, ele compreende a relação como madura e atribui isso ao fato de terem bastante liberdade para conversar.

CONCEPÇÕES PESSOAIS ACERCA DA SEXUALIDADE

Podemos perceber, através do depoimento, que a partir de estudos, observações, vivências e reflexões, Rodrigo construiu algumas concepções acerca de alguns temas da sexualidade humana.

Ele considera que as aulas de sexualidade na faculdade contribuíram bastante para suas reflexões e para posteriores mudanças na sua forma de lidar com a sua sexualidade. Ele entende, que as aulas tem um caráter bastante informativo e que algumas pessoas limitam-se em guardar apenas isso, ficando presas aos padrões que são passados e outras realizam reflexões mais aprofundadas sobre os temas apresentados, que é o seu caso hoje.

Rodrigo relata que aprendeu na faculdade, através de um livro da matéria de comportamental, que a relação sexual tem uma importância de 85% num relacionamento. A partir de suas reflexões, Rodrigo chegou à conclusão que considera que a importância é de 70%. Podemos perceber que Rodrigo entende que essa sua compreensão vem da sua nova forma de pensar o relacionamento como algo mais amplo, e não mais apenas com a conotação puramente sexual *“85%...eu já sou contra, porque senão cai naquela coisa que eu era antes de só o sexo importar, e hoje eu acho que existem mais coisas importantes também”*.

Ele acredita que mais ou menos 95% dos homens, não tem uma compreensão do prazer da mulher. Entende o gráfico da resposta sexual da mulher como muito mais complexo que o do homem *“o desejo, o orgasmo da mulher é mais demorado, mais difícil”*, e que por isso é mais difícil a mulher sentir orgasmo. Sendo assim, Rodrigo acha que muitas mulheres acabam transando não pelo prazer, mas para agradar o parceiro. Ele

compreende que isso acontece devido a uma cobrança cultural, ainda bastante machista na opinião de Rodrigo, como pudemos ver anteriormente na análise. “...os antigos...o que a mulher procurava?O homem que tinha a caverna maior, que tinha a caverna mais aconchegante, pois ela via como instinto um lugar melhor para criar sua prole. Hoje em dia é muito parecido isso. A mulher procura uma segurança maior, um cara que possa proteger ela, sua família e quando ela encontra isso num homem, ela se submete a muita coisa para não perder isso” . Podemos perceber que Rodrigo sente que pouca coisa mudou nos códigos culturais no que diz respeito ao papel da mulher e do homem e conseqüentemente na vivência da sexualidade. Ele sustenta essa sua idéia de que as mulheres se submetem a muita coisa para não perder a proteção de um homem, na relação que teve com uma namorada “...me incomodava o fato de eu perceber que ela forçava a barra só para me agradar, tirava a naturalidade...acho que ela fazia tudo aquilo pois tinha medo de me perder...”. Compreendemos que, mesmo sentindo que a namorada fazia muitas coisas só para agradá-lo, Rodrigo prioriza a questão da naturalidade no relacionamento, já que se sentia bastante incomodado com a atitude pouco espontânea dela “Ela devia ler tudo que era revista e copiar tudo porque era muito exagerado mesmo”.

Ele entende que as mulheres são mais cobradas pela sociedade no que diz respeito à sexualidade do que os homens “*existe uma cobrança*”

muito maior em cima da mulher”. Podemos perceber isso, quando iniciamos a entrevista falando sobre a questão do prazer associada ao dever e ele inicia o seu depoimento falando da mulher *“As mulheres fazem sexo por obrigação, porque elas têm medo de perder o namorado”*.

A VIVÊNCIA DO DEVER DO PRAZER

Rodrigo percebe a questão do dever do prazer, ou seja, do dever associado ao prazer na vivência da sexualidade, bastante presente na sociedade em geral e na sua experiência. Ele sente que a maioria das pessoas vive ainda hoje segundo padrões sociais e culturais bastante machistas e muito parecidos com séculos atrás, como viviam os homens das cavernas. Podemos perceber isso, quando ele diz que a maioria das mulheres faz sexo por obrigação para agradar os homens e que a maioria dos homens se cobram comportamentos sexuais para ser aceito pelos amigos.

Ele compreende que vivenciava a sua sexualidade com a questão do dever bastante presente, na sua adolescência. Rodrigo considera que lidar com a sexualidade dessa forma é sinal de imaturidade. Como ele entende que a imaturidade é característica presente na adolescência, concebe a sua adolescência até seus vinte e um, vinte e dois anos, já que até essa idade o

dever e o prazer apresentavam-se muito associados na sua vivência. Podemos compreender que durante essa fase, Rodrigo sentia necessidade de atender alguns padrões de comportamento como, por exemplo, conquistar a mulher mais bonita, ter relações sexuais em grande quantidade, preocupando-se apenas com o seu prazer e, o mais importante, contar tudo na roda dos amigos, já que segundo ele, rendia-se a essa cobrança de ter que atender às “regras sociais” para ser aceito por eles.

Lá pelos vinte um, vinte e dois anos, Rodrigo percebe em si uma transformação, ou melhor, um amadurecimento na sua forma de vivenciar a sexualidade “...21,22 anos, penso que eu deixei de ser um sem vergonha e amadureci”. Percebemos que ele sente essa mudança, “deixou de ser um sem vergonha”, no sentido em que deixou de enxergar a mulher como simples objeto sexual, passando a percebê-la como um ser que tem sentimentos, vontades e prazer, e que estes importam para ele; passou a ter uma idéia mais ampla de relação, percebendo que esta vai além do sexo, que o sentimento de um afeta o sentimento do outro e por conseguinte a relação como um todo, que existem dificuldades e que é necessário bastante paciência e conversa para lidar com elas.

Ele entende que, as aulas de sexualidade que teve na faculdade, contribuíram bastante para esse amadurecimento, mas este se deu principalmente a partir das reflexões que desenvolveu a partir delas. Podemos perceber que Rodrigo sente, que algumas pessoas não refletem

sobre as informações e que assim acabam ficando mais propensas a seguir os padrões que são passados, assim como ele na adolescência.

Podemos compreender que Rodrigo entende que refletir sobre as informações é um caminho para amadurecer e provocar mudanças na forma de vivenciar a sexualidade. Percebe que muitos homens e amigos seus não refletem e ainda não tiveram esse amadurecimento e por isso continuam se sentindo tão cobrados a atender códigos de conduta sexual para serem aceitos.

Percebemos que a questão do dever do prazer esteve bastante presente na vivência sexual de Rodrigo na adolescência e que hoje permanece presente na sua experiência de outra forma; nos significados presentes da lembrança que tem de sua vivência anterior, nas suas concepções sobre padrões sociais, na relação com os amigos que ainda vivenciam a sexualidade desta forma e na sua percepção dos homens e mulheres em geral. Percebemos assim que Rodrigo não aprofunda muito o tema do “dever do prazer” em sua vivência atual e podemos compreender que isso acontece, pois apesar de hoje existir uma cobrança, não é exagerada e sim percebida por ele como uma cobrança normal.

DESDOBRAMENTOS PSICOLÓGICOS

“Era mais vazio, sem dúvida. Era bom, claro, eu me divertia, mas era muito exagerado, era quase desespero”. Neste trecho do depoimento,

Rodrigo está se referindo à forma que vivenciava a sua sexualidade na adolescência, onde o prazer sexual apresentava-se ligado ao dever, à provação. Podemos perceber que esta vivência provocava sentimentos contraditórios em Rodrigo, já que ao mesmo tempo em que provocava um sentimento bom, de divertimento, provocava um sentimento de vazio, de desespero. Compreendemos que, como essa vivência é entendida por ele como imaturidade, ele a percebe como natural, típica de uma fase da vida. Porém, percebendo-se mais maduro e diferente na sua forma de vivenciar a sexualidade hoje, sente-se mais satisfeito e completo.

Rodrigo também se sente mais calmo, já que toda aquela cobrança gerava muita ansiedade, que algumas vezes resultava em falta de ereção e ejaculação precoce. Ele entende que tem uma natureza ansiosa e que por isso ela está presente ainda hoje na sua vivência, resultando em ejaculação precoce algumas vezes, porém não mais na intensidade de antes.

Podemos perceber que Rodrigo sente que sua vivência atual, por ser mais complexa, lhe dá mais trabalho psicológico, já que lhe exige: reflexões, atitudes de maior comprometimento com a relação, maior atenção para perceber os sentimentos da parceira, paciência para compreendê-los e para lidar com eles, controle da sua vontade de procurar outras mulheres. Porém esse “trabalho” é compreendido por Rodrigo como algo bastante positivo, que o faz aprender coisas novas, sentir a relação mais completa e se sentir mais satisfeito.

Compreendemos assim que, a constatação de ter amadurecido e de vivenciar a sua sexualidade sem tanta cobrança, é sentida por Rodrigo como algo “*muito legal*”, “*muito bacana*”. Podemos perceber até uma sensação de alívio nele, por ter se livrado da cobrança exagerada, da necessidade de disputa e da ansiedade excessiva que sentia “*...já melhorou muito, porque hoje minha sexualidade é mais calma, eu me sinto mais calmo...*”. Rodrigo parece se sentir bastante seguro com a sua forma de vivenciar a sexualidade hoje, e podemos perceber isso na forma tranqüila e respeitosa que encara as diferenças com os amigos, que antes representavam seus mais importantes parâmetros de conduta.

ANÁLISE DO DEPOIMENTO 3

Participante: Patrícia **idade:** 21 **curso:** jornalismo (4º ano)

“...quase todo mundo gosta de pizza... mas tem gente que gosta de calabresa, gente que gosta de mussarela, tem gente que gosta com borda, gente que odeia borda, tem gente que gosta de massa fina, gente que gosta de massa grossa. Com sexo também é assim, não é? Não entendo porque temos que gostar da mesma coisa.”

Patrícia

VIVÊNCIA SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR

Patrícia relata que não conversa sobre relacionamento com a mãe, mas percebe que a mãe e o pai têm um casamento legal, onde os dois fazem coisas um para o outro, porém percebe que a mãe cede bem mais que o pai para fazer as vontades dele. Conta também, que sua irmã mais nova faz coisas para o namorado e frequentemente reclama que ele não faz nada por ela.

“...a gente tem muito mais medo de perder eles do que eles tem de perder a gente...a sensação que eu tenho é que, por isso, a gente está sempre se esforçando mais. Desde a minha mãe até minha irmã mais nova”. Patrícia entende que as mulheres se esforçam e cedem mais nas relações para agradar o homem, já que sentem mais medo de perdê-los. Podemos compreender que ela se sente identificada com a mãe e a irmã em relação a esse sentimento. Percebemos que o fato dela perceber essa semelhança entre ela, sua irmã mais nova e sua mãe, ou seja, três mulheres de diferentes faixas etárias, faz com que ela sinta uma falta de perspectiva de mudança neste sentido “Não tem solução”.

VIVÊNCIA SEXUAL NO CÍRCULO DE AMIZADES

Patrícia conta que conversa bastante com as amigas sobre homens e relacionamento *“...a gente fala muito disso...é quase o tempo todo”* e sente que o gosto por conversar desses temas é geral entre as mulheres *“Mulher adora falar de homem e de relacionamento, né?”*.

Ela percebe que tanto ela quanto suas amigas sentem algum tipo de cobrança social em relação às questões sexuais e o fato de perceber esse sentimento em comum facilita com que ela compreenda as amigas *“...eu entendo essa minha amiga porque eu também fico me cobrando por causa disso”*. Podemos perceber que Patrícia sente que o sentimento de cobrança

está presente na sua vida e das amigas “...a maioria das minhas amigas também se sentem cobradas para fazer alguma coisa”, mas percebe que a expressão deste sentimento é diferente na vivência de cada uma “tem uma que tem vontade de transar só de final de semana...tem uma outra que não consegue ter orgasmo junto com o namorado...eu percebo que cada uma tem um problema diferente no namoro”. Compreendemos que ela entende a cobrança no seu namoro e no das amigas como um problema, já que este sentimento, muitas vezes faz com que elas cedam na relação para não perderem o parceiro.

Como vimos anteriormente, Patrícia encontra a compreensão deste seu comportamento e das amigas, no fato da sociedade passar a idéia de que a mulher tem que fazer mais coisas para não perder o homem. “...dessas revistas que ficam falando:faz isso para deixar um homem maluco, compre tal calcinha, creminho...a gente acaba ficando mal se não faz tudo isso, porque aí fica pensando que vai ter outra que vai fazer”. Percebemos que Patrícia identifica algumas revistas como perpetuadoras dessa idéia de que a mulher tem que fazer muitas coisas sexualmente para agradar o homem e que a possibilidade de não fazê-lo provoca nela e nas suas amigas um sentimento de angústia “acaba ficando mal” e insegurança “outra vai fazer”.

Patrícia também percebe que tem em comum com as amigas, o fato dos namorados terem mais vontade de ter relação sexual do que elas e

parece ainda não ter certeza da compreensão que sustenta acerca da natureza deste comportamento “...acho que é normal por causa dos hormônios...dizem que se inverte com a idade, né?...não sei se é verdade...”, porém reafirma a sua percepção de que “o homem tem mais vontade do que a maioria das mulheres”. Podemos compreender que Patrícia sente que o fato dos namorados terem mais vontade de ter relação sexual acaba sendo mais um peso para ela e suas amigas, já que elas sentem que não podem decepcioná-los para não perdê-los “...o namorado quer transar praticamente todo dia e ela muitas vezes acaba cedendo, porque a gente sabe que homem que não encontra em casa procura fora...”

Um outro ponto percebido por ela, é que ela e suas amigas passam a maior parte do tempo conversando sobre os relacionamentos, homens e seus problemas, enquanto eles não falam das namoradas. Patrícia compreende que essa diferença existe, pois elas apenas se preocupam no quanto é bom dividir os problemas com as amigas, enquanto eles, por serem machistas, não falam das namoradas com os amigos para não fazer propaganda. Mais adiante no depoimento, ela completa a sua compreensão, com a percepção de que eles não falam com os amigos sobre essas coisas, também pelo fato de que para eles, o sexo é mais simples.

Podemos compreender que Patrícia sente-se bastante identificada com as amigas em relação ao sentimento de cobrança “fazer tudo para não perder o homem” presente na vivência da sexualidade. Este sentimento faz

com que ela perceba a vivência sexual dela e de suas amigas como algo mais pesado e dos namorados como algo bem mais simples. A forma que encontrou de se sentir mais aliviada em relação a esse sentimento é conversar com as amigas “...é bom dividir com as amigas os nossos problemas. Dá um alívio...”. Percebemos, que a identificação com o sentimento das amigas faz com que Patrícia sintasse-se mais aliviada e tranqüila “...ele ficaria mais tranqüilo de perceber que não é perfeito com todo mundo, porque para mim, ajuda muito desabafar com as minhas amigas e ver que todo mundo tem algum problema...”.

VIVÊNCIA SEXUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO

Patrícia namora faz um ano e meio e relata que atualmente se dá bem com o namorado, percebe que se gostam “...a gente se gosta mesmo” mas sente que a questão sexual não vai bem e está atrapalhando o relacionamento “...a gente se dá bem, mas o sexo é um problema, quer dizer, ele transformou o sexo num problema e isso está ferrando o nosso namoro”. Podemos entender aqui, que ela percebe que o “problema” foi provocado pelo namorado.

Ela conta que, no início do namoro, a relação sexual era boa e diferente “...era bom sim, bem diferente...”. Podemos perceber que Patrícia atribui isto ao fato de que no começo eles namoravam, faziam mais preliminares “*lembra que eu falei que tinha bastante preliminar? Eu gostava bastante*”, brincavam e riam durante a relação sexual “...a gente foi no motel que foi super divertido, porque a gente namorou, brincou na banheira, na sauna, transou...” e até mesmo o fato de não terem orgasmo durante uma relação em certa ocasião, não foi encarado como um problema por eles “...mas ninguém teve orgasmo e a gente achou super engraçado...”. Ela sente que o namoro está tão diferente atualmente, que fica difícil lembrar de como era antes “ *Eu fico até com dificuldade de lembrar como eu me sentia no começo, porque agora é tão tenso*”.

“...no começo desse meu namoro atual, era mais tranquilo, eu curtia mais sim, ainda não tinha essa história de ter que ter orgasmo com penetração, isso apareceu depois de um tempo só”. Patrícia entende que “o problema” atual do namoro é a cobrança do namorado para que ela tenha orgasmo com a penetração durante a relação sexual e ela acredita que por mais que essa cobrança tenha surgido depois de um tempo de relacionamento, ele já devia sentir isso desde o início “...acho que essa cobrança já existia dentro dele, porque os padrões da sociedade já faziam parte, mas provavelmente ele ainda não ficava inseguro com isso porque devia achar que com o tempo eu ia ter orgasmo com a penetração”.

Podemos compreender que ela entende que o namorado sempre teve uma expectativa “provocado pelos códigos sociais” de que a mulher deve ter orgasmo com a penetração para que a relação sexual seja válida “*Eu já falei várias vezes para ele que eu tenho muito prazer, mas não adianta, ele acha que sem orgasmo não valeu nada o sexo*” e que no início do namoro não a cobrava na expectativa de que com o tempo ela conseguiria, porém ao perceber que isso não aconteceu, ele passou a cobrá-la sempre. Percebemos que para Patrícia, essa cobrança, gerou uma tensão não apenas no momento da relação sexual, mas no relacionamento como um todo “*é uma tensão só, porque eu fico tensa desde o começo, pensando que eu tenho que ter orgasmo de qualquer jeito para agradar ele e ele fica tenso, pensando que ele tem que conseguir me fazer chegar ao orgasmo...não é só no momento da relação que eu fico tensa, porque agora fico tensa o tempo todo perto dele, porque eu fico nervosa só de pensar que a gente pode transar e eu não vou conseguir ter orgasmo*”. O sentimento de tensão por não conseguir atender às expectativas do namorado se tornou tão intenso para ela, que passou a estar presente durante todo o tempo que está perto do namorado. Anteriormente era necessária a constatação de que não conseguia ter o orgasmo para deixar Patrícia tensa, atualmente só o fato de pensar na situação da relação sexual já provoca tensão.

Ela entende que esse sentimento de cobrança e tensão faz com que ela fique mais fria com ele para diminuir a chance de uma relação sexual

“...eu acabo ficando mais fria com ele para ele não ter vontade...” e com isso ele acaba ficando mais inseguro por sentir que “essa frieza” significa que ela não gosta mais dele. “*Ele sempre foi meio inseguro, mesmo antes de mim, com as outras namoradas. Ele tem muita dificuldade de confiar nas pessoas, não consegue acreditar em nada, acho que por isso ele não consegue acreditar que eu tenho prazer com ele, ele tem que ver que eu tenho orgasmo com a penetração...*”. Ela entende que o fato dele ser inseguro e ter muita dificuldade de acreditar nas coisas está presente nele, antes mesmo deles se relacionarem e é responsável por ele desconfiar do prazer dela na relação sexual, se este não se expressar da forma como ele espera. Na compreensão de Patrícia, o namorado já era inseguro, mas o fato dela não ter prazer da forma como ele espera, aumenta o seu sentimento de insegurança, já que sente que é sua responsabilidade provocar este prazer nela “...ele fica pensando que o problema é com ele, que enquanto eu não tenho orgasmo com a penetração, significa que eu não tenho prazer”.

Podemos compreender que ela entende que o namorado se cobra para atender aos padrões sociais “*ele sempre se preocupou muito com esses padrões*”, sente-se inseguro ao não conseguir, e com isso, cobra ela. E ela, por sua vez, se sente cobrada por ele, já que entende que a mulher “*tem que agradar o homem para não perdê-lo*” e assim, passa a cobrar a si mesma, ficando bastante tensa “*eu me cobro demais, porque sei que ele me cobra isso, entende?*”

Percebemos que Patrícia sente prazer, consegue identificar o que lhe dá prazer “...eu gostaria muito mais de preliminar porque me dá muito prazer e me relaxa mais...” e acredita que o namorado sabe lhe dá prazer “...ele sabe fazer preliminar, porque no começo ele fazia super bem, a gente ficava um tempão namorando antes da penetração”. Porém, sente que o namoro ficou muito restrito à necessidade de ter orgasmo com a penetração “...como essa pressão pelo meu orgasmo já virou o centro das atenções, a gente já começa pensando nisso e então já vai para os finalmente muito rápido”. e que com isso estão deixando de viver muitas coisas boas durante a relação sexual “ A gente acaba perdendo um monte de coisa gostosa, porque quando ele me acaricia e tudo mais eu tenho orgasmo super fácil”. Ela relata que já tentou conversar com o namorado sobre isso, na tentativa de mostrar para ele que para as mulheres é mais comum o orgasmo nas preliminares do que com a penetração, mas acredita que não adianta, pois a sua opinião não é suficiente para convencê-lo em comparação ao peso das concepções sociais “...só eu falar não adianta, pois isso não é o que ele ouve falar”. Patrícia acredita que uma saída possível seria se ele conversasse mais sobre isso com os amigos “Eu acho que se ele conversasse mais com algum amigo sobre essas coisas, ele ficaria mais tranqüilo de perceber que não é perfeito com todo mundo...”, mas como já percebemos anteriormente, ela compreende as razões dos homens não conversarem muito sobre isso. Compreendemos que a

percepção dela de que o namorado e os amigos não conversam sobre isso e de que nas conversas que ela tem com ele, não conseguem entrar em um consenso “...eu mostro para ele que essa cobrança está estragando o namoro e ele não acha que é a cobrança, mas o fato de eu não ter prazer suficiente com ele”, provoca nela um sentimento de insegurança “...não sei como posso ajudar...” e de angústia em relação ao futuro do relacionamento “Eu gosto muito dele, ele é uma pessoa muito legal, mas essa cobrança mata, né? Eu não sei mais o que fazer...”.

Podemos compreender que Patrícia gosta do namorado e gostaria que o relacionamento melhorasse, para que pudessem ficar juntos “Eu queria muito que isso melhorasse, eu quero continuar com ele”. Porém percebemos que apesar dela também desejar ter orgasmo com a penetração “...eu também quero, mas eu também sei que é normal gostar de ter orgasmo com carícias”, ela compreende o prazer que sente de outras formas como legítimo e por isso sente que essa cobrança para que tenha orgasmo com a penetração está realmente atrapalhando a relação sexual “Toda vez que a gente acaba de transar, tem discussão e briga...só sei que não dá para continuar com essa cobrança, a transa tem ficado cada vez pior...” e o relacionamento como um todo. Percebemos que no início do depoimento, Patrícia responsabiliza o namorado por essa dificuldade no relacionamento “...o sexo é um problema, quer dizer, ele transformou o sexo num problema”. Mais adiante, Patrícia faz uma compreensão de que

não culpa o namorado pela cobrança, já que identifica que a expectativa dele vem dos padrões passados pela sociedade e que a maioria dos homens agem da mesma forma *“Ele sempre se preocupou muito com esses padrões. Eu não culpo ele, sei que a maioria dos homens são assim”*. Num próximo momento do depoimento, ela amplia sua compreensão ao dizer que percebe que também é responsável, na medida em que permitiu que a cobrança ocupasse este espaço no relacionamento *“eu não culpo só ele não, eu também deixei a cobrança ficar assim”*. Percebemos que ela sente que se não houvesse tanta cobrança para o orgasmo com penetração, ou seja, se eles conseguissem dissociar a questão sexual do dever de ter orgasmo com penetração, ela conseguiria relaxar e ter o orgasmo *“...se a gente conseguir relaxar dessa obrigação eu vou conseguir uma hora...”*

Patrícia chega a fazer uma breve referência no seu depoimento à sua relação com o ex-namorado. Lembrou-se dele no momento em que estava refletindo se já havia vivenciado a sexualidade de uma forma mais natural, sentindo menos cobrança. Podemos perceber que Patrícia lembrou-se do ex-namorado na medida em que não sentia que ele cobrava nada dela em relação à questão sexual, diferente do seu atual namorado. Porém, logo em seguida, ela percebe que existia um outro tipo de cobrança neste relacionamento, uma cobrança dela consigo mesma *“...eu me cobrava um pouco para agradar ele durante o sexo, porque ele era o bonitão da turma e tinha várias meninas em cima dele.”* o que a faz compreender que a

cobrança pode variar de forma, mas sempre vai existir na vivência da sexualidade feminina *“Ta vendo? No fim das contas, a mulher sempre se cobra por alguma razão”*.

CONCEPÇÕES PESSOAIS ACERCA DA SEXUALIDADE

Através dos seus estudos em história, no curso de jornalismo, Patrícia percebe que houveram muitas mudanças nos papéis da mulher na sociedade *“...a mulher tem mais liberdade de expressão, conquistou muitas coisas...”*, mas sente que a mulher atualmente ainda tem enraizada muitas concepções antigas *“...lá no fundo ainda guarda muita coisa parecida com as mulheres de antigamente, principalmente essa coisa de agradar o homem”*. Ela relata que percebe que hoje muitas idéias são bastante parecidas com as de antigamente, porém hoje se apresentam de forma mais disfarçadas. Podemos compreender que Patrícia percebe que na realidade as mulheres de hoje e de antigamente ainda são muito parecidas, no sentido em que ainda sentem como sua função a necessidade de agradar o homem *“...a mulher sempre teve o papel de agradar o homem e isso fica na gente até hoje...”*, mas essa cobrança aparece *“de forma mais disfarçada”* já que socialmente conquistou a liberdade de expressão. Ela acredita que essas

concepções estão tão enraizadas nos homens e mulheres, que não vê possibilidade de mudança “...*não consigo ver como isso pode mudar, porque já está na mulher e no homem faz muito tempo*”.

Ela percebe que houveram mudanças, no sentido em que hoje o homem apresenta uma maior preocupação com o prazer da mulher “...*hoje os homens já se preocupam mais com o prazer da mulher, antes não, era submissão total*”. e a sociedade também cobra o homem em agradar a mulher pelo fato das mulheres atualmente saberem do que gostam e estarem mais exigentes “*eu já vi revista masculina falar: “deixe ela louca” e ensinava técnicas para dar mais prazer para a mulher...*”. Ela cita uma revista feminina que dizia: “*faça para outra não fazer*”, ou seja, apesar de perceber uma cobrança em cima dos homens, sente que a cobrança em cima da mulher continua maior “*a sociedade passa isso para a mulher, que a gente tem que fazer isso ou aquilo para não perder o homem*”.

Patrícia também conta, que na faculdade de jornalismo, estuda bastante o papel da mídia na sociedade, o que facilita a sua compreensão de como esta trata a questão da sexualidade. Ela compreende que a mídia tem um papel importante no sentido de passar informações sobre sexo, possibilitando o aprendizado para pessoas que não teriam acesso às informações “...*a mídia tem um papel importante, porque fala do sexo de uma forma aberta, faz muita gente aprender um monte de coisa que jamais*

iriam saber”. Percebemos que Patrícia entende essa importância, já que aprendeu coisas importantes para sua sexualidade num programa de televisão “...fui aprender que existe o clitóris na mulher e que ela tem muito prazer nessa região num programa da MTV...”. Além de bons programas de televisão, ela também é favor das revistas que passam ensinamentos referentes a sexo, porém percebemos que o que a incomoda “*Eu me irrito...*” é que na maioria das vezes, ela sente que as questões sexuais são tratadas pela mídia de forma generalizada, sem levar em conta as diferenças entre as pessoas “...na maioria das vezes o que é passado é bem generalizado, dá a idéia de que todo mundo tem que fazer daquele jeito para ter mais prazer, para ser bom de cama”. Patrícia entende que considerar as diferenças é um ponto fundamental, pois o que é bom para um, pode não ser para o outro, porém sustenta a compreensão de que isso não é interessante para a sociedade capitalista “...a sociedade capitalista faz todo mundo acreditar que gosta das mesmas coisas e assim vende os produtos que interessa”. e por isso não é tão levado em conta pela mídia. Compreendemos que Patrícia sente que essa generalização pode ser perigosa, pois pode perpetuar a idéia de uma vivência mecânica da sexualidade a qual todos devem corresponder para se sentirem dentro dos “padrões de normalidade”

“.. acho que não pode exagerar, tipo: todo mundo tem que fazer assim ou assado para ter orgasmo, mate ele de prazer desse jeito, porque senão todo mundo vai virar robozinho e nós não somos né?”

VIVÊNCIA DO DEVER DO PRAZER

Podemos perceber, que para Patrícia, a vivência da sua sexualidade atualmente está associada a um sentimento de dever e obrigação. Compreendemos que para ela, a mulher sempre teve a função de agradar o homem, de ceder às suas vontades, para não perdê-lo e apesar das mudanças nos papéis das mulheres, ela percebe que as elas continuam se cobrando para atender às expectativas dos homens. Podemos perceber que Patrícia entende que a vivência sexual da mulher sempre esteve associada ao dever e à obrigação de satisfazer ao homem e não acredita que essa realidade possa mudar, já que entende que tais concepções já se apresentam bastante enraizadas nos homens e nas mulheres. Ela percebe que a sociedade atual ainda reproduz tais valores através da mídia (televisão, revistas), que na maioria das vezes passa uma idéia bastante generalizada acerca do que é esperado na vivência da sexualidade, sem levar em conta as diferenças pessoais. Ela sente que a sociedade atual cobra o homem também, mas que a cobrança sobre a mulher é ainda muito maior. Patrícia percebe que sua mãe, sua irmã, suas amigas e as mulheres em geral

vivenciam os relacionamentos com a cobrança de agradarem seus parceiros. Compreende que em sua vivência sexual, a cobrança já esteve presente de formas diferentes; com o primeiro namorado, não se sentia cobrada por ele, a cobrança era dela consigo mesma e no relacionamento atual sente que o namorado se cobra certos padrões passados pela sociedade (orgasmo válido é com penetração), que conseqüentemente ele cobra dela, ela se sente cobrada por ele e se cobra, também por certos padrões passados pela sociedade e percebidos por ela (mulher faz tudo para agradar o homem). Podemos perceber que Patrícia inicia o depoimento compreendendo que o namorado é o responsável por eles vivenciarem sua sexualidade associada a um sentimento de cobrança e obrigação “...*ele transformou o sexo num problema*”, mais tarde podemos perceber que ela sente que está sendo injusta com ele e amplia a sua compreensão para uma responsabilidade social “...*Coitados! Parece que eu estou culpando eles de tudo. Não é assim, eu não acho que a culpa é deles, porque isso tudo acontece porque sempre foi assim...a gente vê na história...*” e no final do depoimento, percebemos que ela vai se dando conta de que também é responsável pela sua vivência sexual acontecer desta forma “...*eu não culpo só ele não, eu também deixei a cobrança ficar assim*”.

Atualmente, a maior cobrança que Patrícia sente, é conseguir ter orgasmo com a penetração e não apenas com as preliminares. Ela entende que o prazer de qualquer forma é válido, porém percebe que seu namorado

só valoriza o orgasmo com penetração e ambos se cobram para que essa meta seja atingida. Como dissemos acima, percebemos que Patrícia considera que o namorado, a sociedade e até mesmo ela são culpados por esta cobrança, mas compreendemos a partir do depoimento, que Patrícia tem um forte sentimento de que quando o namorado não a cobrava explicitamente, a relação sexual era melhor.

Compreendemos, que por ela perceber a questão do dever associada ao prazer tão presente na sua vivência, da sua mãe, da sua irmã, das suas amigas, Patrícia apresenta um sentimento de falta de perspectiva de mudança neste sentido “...*eu realmente não consigo ver como isso pode mudar...*”. Ela chega a perceber uma pequena mudança no âmbito da sexualidade de como era antigamente, mas sente que existem algumas concepções como a mulher se cobrar mais para agradar, que já estão muito enraizadas e por esta razão, são muito difíceis de se transformarem.

DESDOBRAMENTOS PSICOLÓGICOS

Patrícia percebe que a questão sexual é tratada de forma muito generalizada pela mídia e pelas pessoas, que na maioria das vezes passam padrões únicos a serem seguidos, ditam o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim e isso a irrita bastante “*Eu me irrita com essa*

mania de generalizar e achar que todo mundo tem que querer a mesma coisa". Entendemos que a percepção que Patrícia tem em relação aos códigos sexuais socialmente estipulados a irritam, já que compreende que as dificuldades que vem vivenciando no relacionamento são, de certa forma, decorrentes dessas regras. Ela também sente irritação pelo namorado, por entender que ele não questiona suas concepções sexuais, por mais que ela tente ajudá-lo a pensar de outra forma, a acreditar que ela sente prazer com ele de outros jeitos "*...tem muitas horas que eu fico bem irritada mesmo, porque eu mostro para ele que essa cobrança está estragando o namoro e ele não acha que é a cobrança, mas o fato de eu não ter prazer suficiente com ele*". Podemos perceber que Patrícia sente-se incompreendida pelo namorado e isso a deixa além de irritada, bastante triste "*Fico super chateada dele achar que o prazer que eu sinto não é suficiente*". Ela também se sente triste por ele, por compreender que toda essa cobrança acentua ainda mais o sentimento dele de insegurança.

Podemos perceber em Patrícia um sentimento forte de inconformação, já que ela compreende que ambos se gostam, que ela tem prazer com ele e que por isso poderiam estar usufruindo a questão sexual de uma forma muito mais relaxada e prazerosa. Ela sente um grande desejo de ter uma vivência sexual diferente "*porque no sexo não pode ter obrigação, tem que ter desejo, vontade, curtição*".

O sentimento de tensão diante da possibilidade da relação sexual, ficou tão intenso, que Patrícia passou a desenvolver formas de evitar essa situação “...*eu acabo ficando mais fria com ele para ele não ter vontade...*”. Percebemos que o sentimento constante de tensão foi atrapalhando a autenticidade da expressão dos seus sentimentos na relação. E compreendemos que Patrícia se sente tão envolvida com seus sentimentos atuais que fica até difícil para ela reconhecer em si, sentimentos diferentes que já foram vivenciados em outro momento da relação “*Eu fico até com dificuldade de lembrar como eu me sentia no começo, porque agora é tão tenso*”. Entendemos que Patrícia sente-se preocupada diante das suas percepções e que já tinha dentro de si a idéia de buscar uma ajuda para suas angustias, mas percebemos que a conversa possibilitou que ela experimentasse dividir seus sentimentos com alguém da área sem se sentir ameaçada e percebesse que esse é um caminho possível, talvez mais fácil do que pensava “...*sei que a terapia é diferente dessa entrevista, mas eu me senti super a vontade, não fiquei envergonhada de falar com você sobre sexo. Quem sabe agora eu não tomo coragem de procurar ajuda?*”

ANÁLISE DO DEPOIMENTO 4

Participante: Pedro **idade:** 21 **curso:** direito (3º ano)

VIVÊNCIA SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR

Pedro conta que foi criado pela mãe e pela avó, mas que sempre teve contato com o pai.

Ele acredita que algumas pessoas são mais vulneráveis aos estímulos sociais do que outras e que a consciência e a maturidade tornam a pessoa menos vulnerável. Pedro percebe que essas características vêm da criação *“a forma como a pessoa descobriu a sexualidade, como foi apresentada à sexualidade para a pessoa, faz toda a diferença”* e que a sua criação possibilitou que ele se tornasse menos vulnerável neste sentido *“...acho que sou do time dos menos vulneráveis, acho que porque eu fui criado com a minha mãe, com a minha avó...”*. Podemos perceber que Pedro sente que o fato de ter sido criado por mãe e avó, duas mulheres, possibilitou que ele

desenvolvesse uma “*sensibilidade diferente*”, que o ajuda a ver a mulher de outra forma “*a convivência de perto que eu tive com elas me ajuda a ver a mulher não como um...sei lá...objeto...*”. Entendemos que Pedro sente essa sensibilidade como diferente, já que percebe que esta o diferencia da maioria dos homens, o tornando menos machista e mais crítico diante das pressões sociais e da mídia “*...eu me identifico com essa biologia do homem, eu sinto isso também, mas acho que a minha criação fez com que eu não me submetesse tanto a essas condições sociais...*”.

Podemos perceber que além de Pedro atribuir, o fato de ser menos vulnerável, à criação da mãe e da avó, ele percebe que o contato com o pai também o ajudou neste sentido “*eu sempre tive contato com o meu pai, mas ele nunca foi machista...eu nunca vi ele se cobrando esse tipo de coisa e ele também nunca cobrou nada de mim*”. Compreendemos que Pedro entende que não recebeu do pai uma educação machista, que cobrasse dele comportamentos sexuais para provar sua virilidade. Este ponto é compreendido por ele como um dos fatores decisivos para que ele não crescesse com esse tipo de cobrança dentro de casa. Percebemos que Pedro pensa que quando o homem recebe uma criação machista que cobra certos padrões de comportamentos sexuais, a pessoa provavelmente será mais vulnerável aos padrões sociais durante a vida “*Se o cara tem uma criação onde pai vive cobrando para ele fazer isso ou aquilo com as meninas para*

ser macho, o cara mais pra frente vai se cobrar mais, vai viver a sexualidade dele dessa forma que foi criado”.

VIVÊNCIA SEXUAL NO CÍRCULO DE AMIZADES

Pedro conta que não se sente cobrado a atender padrões sexuais para ter um desempenho melhor do que os amigos. Podemos perceber que ele compartilha suas experiências com naturalidade, sendo elas boas ou ruins, já que sente que existe entre eles um clima de humor, de gozação, porém com limites, na medida em que se colocam no lugar do outro “...*com os meus amigos...não existe aquela cobrança, aquela comparação, mas sempre tem comentários da experiência de cada um...às vezes a gente tira sarro, mas pára por aí, porque pode acontecer com qualquer um*”. Podemos entender, pelo modo como Pedro fala, que ele percebe que esse sentimento é geral entre os amigos.

Uma diferença percebida por Pedro é que cada um tem a sua forma de compartilhar a vivência sexual “*eu não costumo entrar em detalhes...tem uns que contam o que ela faz ou deixa de fazer...outros já são mais reservados...*”. Pedro entende que não gosta de dividir detalhadamente com os amigos sua vivência sexual, pois gosta de manter a intimidade do relacionamento e também porque acha natural não querer

expor a pessoa que ele gosta. Porém ele percebe um certo machismo em si e nos amigos na medida em que todos preservam as namoradas, mas não poupam os detalhes das experiências que tem com meninas que saem apenas para transar “...acho que tem um pouco de machismo também, porque das meninas que a gente não quer nada não tem problema contar...”.

VIVÊNCIA SEXUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO

Pedro percebe que se cobra bastante em relação ao desempenho sexual nas primeiras vezes em que está com uma menina, chegando até a sentir nervoso e ansioso. Com o tempo de relacionamento e com a intimidade esse sentimento diminui, mas em nenhum momento desaparece completamente na vivência sexual de Pedro “*Com a intimidade alivia, mas não deixa de ser uma preocupação*”. Percebemos que Pedro entende que essa cobrança por desempenho vem dele e não da menina com quem está “...mesmo você sabendo que a sua namorada vai entender [referindo-se a broxar]...a cobrança é com você...”, pois apesar dele compreender que na sua criação não foi cobrado a atender certos padrões, ele sente que pelo fato de ser homem, sempre vai se cobrar um bom desempenho para garantir sua virilidade. Ele sente que a intensidade dessa cobrança depende do que ele sente pela menina e da forma como a menina age “...depende do que eu

sinto pela menina e depende da forma como ela age...”. Percebe que quando gosta mais da menina, se cobra mais, já que tem uma expectativa maior no relacionamento e também sente uma cobrança maior quando está com uma menina que valoriza o seu próprio prazer e não apenas o dele “...tem meninas que você sente que está ali só para te agradar, só pensando no seu prazer, então eu me cobro menos com elas, até porque meu interesse também é menor nesse tipo de mulher”. Podemos compreender que Pedro se interessa mais por meninas que valorizam seu próprio prazer e que a intensidade de sua cobrança depende principalmente do grau de interesse que sente pela menina. Com a intimidade sua cobrança diminui, mas não inteiramente, pois se tem algum problema de desempenho na relação mesmo que seja uma namorada de algum tempo, sente-se receoso em relação à próxima vez “...fico com medo da próxima vez...vou me cobrar um pouco mais...”.

Uma outra situação em que identifica esse sentimento de cobrança é quando, no relacionamento com as ex-namoradas, percebia que elas estavam com vontade de ter relação sexual e ele não “*eu sempre me cobrava pelo menos a tentar...só quando eu via que não dava mesmo que eu dizia alguma coisa...*”. Percebemos que ele só era autêntico de dizer o que sentia para elas em último caso, mas antes disso, tentava garantir o seu desempenho. Pedro relata que essa cobrança gerava um sentimento nele, o qual ele define de incomodo.

Durante o depoimento, Pedro relata que no seu namoro anterior, preocupava-se muito em criar coisas diferentes para a relação sexual não cair na rotina “...a maior cobrança era para não deixar o sexo cair na rotina, no cotidiano, passar a ser aquela coisa sempre igual, da mesma forma e que pudesse acabar sendo enjoativo”. No início, Pedro traz essa situação como um exemplo de cobrança consigo mesmo na vivência da sua sexualidade, porém percebemos que a medida que ele vai se ouvindo falar sobre isso, ele de alguma forma não se reconhece ali. Quando é devolvida para ele a compreensão de sua fala, percebemos que Pedro compreende o seu sentimento de outra forma. Ele passa a encontrar mais sentido na compreensão de que a sua preocupação em não deixar o relacionamento sexual cair na rotina, era mais um sentimento de cuidado, de atenção com a relação e não de cobrança

“ ...eu fiquei pensando agora naquilo que eu disse e acho que não era cobrança isso de eu me preocupar com a criatividade na transa, porque não era exagerado, era uma coisa natural, de quem quer que dê certo. Não necessariamente tudo que a gente se preocupa é cobrança, né?”. Podemos compreender que quando Pedro fala da cobrança de desempenho que sente nas relações sexuais no sentido de comprovar para ele mesmo sua virilidade, ele encontra sentido, tanto que consegue compreender como sente, em que situações é mais intenso, em que situações é mais tranquilo. Porém ao pensar nesta questão da criatividade, percebeu que a sua vivência

neste sentido era tranqüila e natural, não correspondendo ao sentimento de cobrança. Podemos entender, por esta pergunta que Pedro faz no final, que neste momento ficou mais claro para ele a diferença de se sentir preocupado com alguma coisa e de se sentir cobrado de alguma coisa *“Acho que agora as coisas estão ficando mais claras para mim. A única cobrança que eu sinto com o sexo é mesmo o desempenho, as outras coisas são cuidados normais que uma relação precisa”*.

CONCEPÇÕES PESSOAIS ACERCA DA SEXUALIDADE

Percebemos que Pedro tem algumas concepções formadas sobre algumas questões relacionadas à sexualidade e principalmente sobre o papel do homem e da mulher na vivência desta. Compreendemos que Pedro foi construindo essas concepções a partir de suas vivências e de suas relações *“Pelas mulheres que eu já me relacionei, pelas amigas que eu tenho, eu acho isso”*, mas também a partir de observações e reflexões.

Ele acredita que existe uma cobrança muito grande em cima do homem na vivência da sexualidade que é a necessidade de comprovação da virilidade, que faz com que qualquer homem se sinta pressionado *“Você tem que ser bom, você tem que satisfazer...”*. Entende que existe uma cobrança em cima da mulher também, que é a necessidade dela despertar o desejo do homem *“...é mais ter um corpo bonito...o que é cobrado dela é*

isso, é fazer o homem desejar ela". Pedro entende que a cobrança em cima do homem é maior porque o papel da mulher historicamente sempre foi de ter que agradar o homem e o do homem sempre foi de provar a virilidade e isso continua atualmente, porém ele percebe que o homem ganhou uma nova "tarefa" além desta: ter que dar prazer para a mulher *"Os homens eram cobrados para ser viril, hoje nós ainda somos, mas também temos que dar prazer para a mulher"*. Podemos perceber que Pedro sente que o fato dos homens terem "ganhado uma nova responsabilidade" faz com que o sentimento de cobrança seja mais forte do que o da mulher.

Pedro compreende que socialmente a cobrança é muito forte em cima do homem, já que passa a idéia de que o homem precisa provar a sua masculinidade e a mulher não precisa provar a sua feminilidade *"...mulher não tem que provar que é fêmea e homem tem que provar que é macho"*. Ele percebe a perpetuação desses valores na criação *"...o homem é cobrado diretamente pelos amigos, pelo pai...com a menina é diferente, a mãe não vai cobrar ela, o pai, as amigas, ninguém vai ficar falando para ela: você tem que transar para ser mulher..."*. Entende que os homens são muito machistas, já que ainda vêem a mulher muitas vezes como objeto sexual e que isso se deve a uma predisposição biológica acentuada pelo meio social *"...ainda vejo os homens muito machistas...Acho que tem uma predisposição biológica para isso e o meio social potencializa"*.

Ele entende que a mídia acentua a cobrança em cima dos homens, na medida em que informa a mulher e a deixa mais consciente do que quer “...naquela época, a mulher que os homens iam ter relação, não tinha esse bombardeio de propaganda, de informação, então ela não sabia, acho que não tinha consciência de que queria isso ou aquilo...”. Pedro percebe que a mulher que antigamente só se cobrava em agradar o homem, hoje também se preocupa com o seu próprio prazer “...hoje já mudou um pouco, né? Ela não se preocupa só em agradar, ela quer ser agradada também...”. Podemos compreender que Pedro sente a cobrança em cima da mulher “se fazer desejável” como algo mais suave e do homem “ser viril” como algo mais pesado “Mas eu continuo achando que é pior para o homem, porque essa cobrança do desempenho é mais forte do que a cobrança de agradar”, além disso, na compreensão de Pedro, o homem ganhou mais uma tarefa e a mulher em contrapartida ganhou o direito ao prazer. Podemos perceber que essa compreensão de Pedro provoca nele um sentimento de injustiça “...tem que ter um bom desempenho e dar prazer para a mulher? É um pouco injusto”.

Ainda em relação à mídia, podemos compreender que Pedro a percebe atualmente, como um instrumento importante de informação das questões sexuais “...não vejo problema nessas coisas da mídia, acho que essas informações, ajudam a criar coisas no relacionamento...”, porém também percebe que a mídia não se limita à esse caráter informativo no que

diz respeito à sexualidade. Pedro entende que existe um interesse comercial por trás dos códigos sociais passados pela mídia, que resulta na divulgação de um padrão ideal de conduta “...e esse padrão que colocaram na mídia...quem falou que isso é o bom? É o correto?...Porque a mídia passa uma imagem de que tal coisa é certa, tal coisa é errada...”. Ele entende que a maioria das pessoas tem acesso a esses estímulos e que apenas uma minoria tem acesso a um estímulo mais realista que trata o ser humano de forma mais complexa abrangendo suas fraquezas, suas dificuldades “São raros os filmes que mostram a realidade, a não ser aqueles de um circuito mais alternativo, que aí mostram mais as fraquezas do ser humano, mas esse tipo de filme é a minoria que vê...”, por isso sente que a maioria das pessoas estão mesmo sujeitas à se orientarem pelos padrões comentados acima “É que nem filme de Hollywood, mostram o sexo sempre perfeito e esse é o padrão esperado e o que a maioria das pessoas querem seguir”. Pedro compreende então, que a mídia tem um papel importante que pode ser aproveitado, porém se não for encarada com cuidado e crítica pode ter um papel perigoso na vivência da sexualidade das pessoas “...aproveitar essas coisas oferecidas pela mídia só como uma forma de ter informação, de ter dicas...não tem problema, acho até bom. O problema é quando o indivíduo passa a enxergar isso como a única realidade”. Ele entende que cada um deveria olhar para os estímulos e compreendê-los de forma

particular, levando em conta a sua própria vivência *“Vai da forma como cada um filtra e usa na própria vida”*.

A VIVÊNCIA DO DEVER DO PRAZER

“Eu posso dizer que eu tenho um pé lá um pé cá, eu sou vítima do padrão hollywoodiano, me cobro o desempenho de alguma forma, mas ao mesmo tempo eu tenho consciência e crítica”. Entendemos, que este trecho do depoimento de Pedro, representa bem, como ele se compreende diante dos estímulos e cobranças sociais que percebe atualmente. Ele percebe o dever associado ao prazer, principalmente na vivência dos homens, já que entende que a maior cobrança social acerca da sexualidade é com o desempenho sexual do homem para comprovação de sua virilidade. Por sentir-se identificado com a biologia dos homens que, em sua concepção, determina alguns comportamentos masculinos e por sentir que vive em uma sociedade que potencializa a cobrança pela virilidade masculina percebe-se, portanto, vítima dessa cobrança na vivência da sua sexualidade. Porém, Pedro acredita que não se cobra tanto, em comparação aos outros homens e atribui isso ao fato de ter sido criado pela mãe e pela avó, que possibilitou que ele se tornasse um homem mais sensível e pelo fato de ter tido bastante contato com o pai que nunca passou ou cobrou um padrão machista de comportamento. Ele sente que é menos vulnerável a essas

cobranças sociais, acentuadas pela mídia, pois a sua criação possibilitou que desenvolvesse uma maior consciência e crítica em relação a esses padrões.

Ele compreende que existem pessoas que são mais vulneráveis às cobranças sociais do que outras e que isso depende do grau de consciência e maturidade que o tipo de criação proporciona.

Pedro entende que historicamente o homem sempre foi mais cobrado que a mulher no que diz respeito à sexualidade, já que sempre teve que comprovar a sua masculinidade (qualidade psicológica sentida por quem a possui como masculina) atendendo padrões de desempenho, já a mulher nunca teve a cobrança de comprovar a sua feminilidade(qualidade psicológica sentida por quem a possui como feminina). Podemos perceber que Pedro sente-se injustiçado por compreender que o dever do homem é maior do que o da mulher atualmente já que além de precisar comprovar sua virilidade também tem que dar prazer para a mulher, enquanto a mulher fica apenas com o dever de despertar o desejo do homem.

Na sua vivência sexual Pedro percebe que a sua cobrança por um bom desempenho é maior nas primeiras relações e principalmente quando ele gosta da menina e que diminui quando conquista uma intimidade na relação, porém uma certa cobrança está sempre presente. Uma outra situação em que ele identifica essa cobrança consigo mesmo é quando as ex-namoradas queriam ter relação sexual e ele não, situação na qual ele

primeiramente tenta garantir o seu desempenho e só se permite ser autêntico em último caso.

Percebemos que durante o depoimento Pedro sente-se um pouco confuso em diferenciar na sua vivência, o sentimento de preocupação e o sentimento de cobrança, porém ao se ouvir, foi percebendo um sentido na diferença desses dois sentimentos. Podemos compreender que Pedro percebeu que o sentimento de preocupação ao qual se referia, estava mais relacionado a um sentimento de cuidado com a relação e que o sentimento de cobrança está mais relacionado a um sentimento de dever. “ *Acho que a cobrança é uma obrigação, é mais forte, né?*”. Com essa compreensão, percebemos que fica mais claro para Pedro que o dever está presente na sua vivência sexual na medida em que se cobra um bom desempenho para se sentir viril, enquanto a preocupação está presente em vários momentos em que cuida da relação.

Podemos compreender que Pedro sente que tem “*um pé cá, um pé lá*”, já que se cobra para atender alguns padrões sociais, porém tem uma postura crítica diante deles. Percebemos que Pedro gostou da conversa, já que a sentiu como uma oportunidade de pensar sobre essas questões “*...eu estou gostando de conversar sobre isso, porque eu nunca paro para pensar nessas questões*”.. Podemos entender que Pedro sente que pensar sobre essas questões o ajuda a questionar e exercitar sua crítica diante das idéias passadas pela mídia “*Às vezes eu tenho que usar essa crítica para me*

ajudar, porque quando a gente vai ver já está fazendo sem pensar, fica se iludindo com uma propaganda, fica querendo o sexo de Hollywood”.

Percebemos que Pedro sente que é difícil não desejar os ideais passados pela mídia e podemos até entender que ele, muitas vezes, se deixa levar e vivencia sua sexualidade sob tais parâmetros e expectativas, mas aí usa a racionalidade para se ajudar a questionar sua vivência.

DESDOBRAMENTOS PSICOLÓGICOS

Podemos perceber que a vivência do dever associada ao prazer, a qual Pedro se refere como cobrança de desempenho, faz com que ele se sinta nervoso e ansioso nas primeiras relações “...cobrança de me deixar nervoso, ansioso, eu sentia nas primeiras relações...”, o que faz com que praticamente não aproveite a relação. Com a intimidade esse sentimento diminui, mas percebemos que a cobrança por um bom desempenho está presente sempre, a diferença é que não gera mais um sentimento tão intenso como o nervoso e a ansiedade, mas uma tensão, que aumenta quando não tem o desempenho desejado em alguma relação.

Na situação da namorada querer ter relação e ele não, a qual Pedro identifica como uma situação em que se cobra desempenho, relata sentir-se incomodado. Percebemos que quando o indagamos no sentido de compreendermos melhor esse sentimento, Pedro tenta descrevê-lo de outra

forma, mas acaba escolhendo a definição incomodo para expressar tal sentimento, que não é tão forte como a ansiedade, mas está presente, como algo ruim “...*não chega a ser ansiedade, nem nada muito forte, era um incomodo mesmo...É um sentimento chato*”.

“Acho que meu incomodo atrapalha, queria ser totalmente tranqüilo, desencanado, preocupado só com o prazer, mas eu acho que enquanto eu for homem e viver em sociedade é impossível”. Podemos compreender que apesar de Pedro sentir que a cobrança consigo mesmo na vivência da sua sexualidade não é tão pesada e que provoca apenas um incomodo, ele a compreende como limitadora na medida em que impossibilita a vivência do prazer simplesmente. Porém, percebemos que Pedro não vê saída neste sentido, já que acredita que o homem em sociedade é sempre cobrado nessas questões. Portanto, entendemos que mesmo sentindo-se dentro desta realidade, ele se percebe privilegiado ao perceber que outras pessoas sentem-se ainda mais cobrados do que ele *“Eu acho que as pessoas que se cobram demais nessa questão sexual devem sentir uma coisa mais intensa, deve ser muito ruim viver a sexualidade dessa forma...”*.

Podemos compreender que Pedro reflete sobre a sua vivência sexual e sobre os códigos sociais que permeiam a sexualidade já tendo apriori algumas compreensões de si mesmo, porém a partir da nossa conversa, ele

foi criando significados novos à sua experiência, os quais foram fazendo mais sentido para ele.

SÍNTESE GERAL

A VIVÊNCIA DO DEVER DO PRAZER E SEUS DESDOBRAMENTOS PSICOLÓGICOS

O dever do prazer é compreendido pelos jovens como um imperativo presente na sociedade e passado principalmente pela mídia, de que as pessoas hoje tem que fazer sexo, transar toda hora, fingir orgasmo, conquistar a mulher mais bonita, ter relações sexuais em grande quantidade, ter orgasmo com penetração, adotar técnicas sexuais para agradar e prender o namorado, provar virilidade e dar prazer para a mulher.

“Acho que a questão é: façam sexo...ter que fazer posições, transar toda hora, ter que fingir orgasmo...”(Clara)

“...eu procurava as mulheres pelos padrões sociais. A gente vê nas revistas, na Tv, essa mulherada toda perfeita e quer para a gente também, né?”(Rodrigo)

Podemos compreender que os jovens percebem o dever do prazer na vivência da sua sexualidade em algum momento da vida e que este está presente na consciência deles sob a forma de um forte sentimento de cobrança para atender a padrões sexuais socialmente estipulados “...*eu nunca tinha parado para pensar nessa questão de sentir um dever no sexo, mas acho que essa cobrança que eu tenho comigo de ser viril, de ter um desempenho bom na cama é um dever*”(Pedro).

A cobrança para atenderem a tais padrões acontece principalmente pela necessidade de pertencer ao grupo de amigos, para ser aceito pelo parceiro e para estar “em dia”, ou melhor, adequado ao seu papel social. O grupo de amigos, muitas vezes é percebido como principal medidor dessa adequação. “*Na minha adolescência o que importava era ser o bom na turma*”(Rodrigo) Entendemos que é no grupo, ao dividir ou comparar suas experiências particulares com as dos amigos, que eles tomam consciência da sua própria vivência. O sentimento de identificação com os amigos, seja este pelo sucesso ou fracasso de desempenho sexual, provoca um sentimento de alívio e conforto “...*ajuda muito desabafar com as minhas amigas e ver que todo mundo tem algum problema...*”(Patrícia). A falta de identificação só é sentida com tranquilidade por aqueles que se percebem mais seguros e maduros e menos escravos do dever do prazer na sua vivência atual “...*eu fico com todos os meus amigos...fui assim durante um tempão...cada um tem a sua hora de amadurecer...*”(Rodrigo). Podemos

perceber duas maneiras distintas de lidar com a percepção da diferença: com um olhar crítico e um sentimento de indignação ou com um sentimento de compreensão e de respeito diante da experiência do outro. Podemos compreender que quando o jovem percebe que o dever do prazer já esteve presente na sua experiência em outra fase da vida ou quando o percebe mais ameno na sua experiência atual, ou seja, quando há algum sentimento de identificação mesmo na percepção da diferença, esta é encarada de forma tranqüila, possibilitando um sentimento de compreensão, respeito e até de diversão, porém quando o jovem não percebe de forma alguma o dever do prazer na sua experiência passada ou atual, a vivência da percepção da diferença provoca sentimentos mais agressivos. “...*eu não falo, só fico escutando no cantinho as barbaridades delas.*”(Clara). Percebemos que os jovens, ao falarem sobre suas experiências, se referem à família, pois a compreendem como influência importante no modo como vivenciam sua sexualidade. “...*acho que sou tradicional, eu fui criada por avó...*”(Clara). Atribuem um forte peso à criação para um posterior questionamento do dever do prazer “ *Se o cara tem uma criação onde o pai vive cobrando para ele fazer isso ou aquilo com as meninas para ser macho, mais pra frente vai se cobrar mais, vai viver a sexualidade dele dessa forma que foi criado*”(Pedro) Em alguns momentos também se remetem à família, ou melhor, à suas percepções acerca da experiência sexual dos pais e irmãos numa tentativa de

compreender melhor a sua vivência, pelo sentimento de identificação ou de diferença “...a gente tem muito mais medo de perder eles do que eles tem de perder a gente...a sensação que eu tenho é que, por isso, a gente está sempre se esforçando mais. Desde a minha mãe até minha irmã mais nova” (Patrícia). Porém, como já comentamos anteriormente, apesar de se remeterem à família, é no círculo de amizades que encontram seus principais referenciais de influência, identificação ou não na vivência da sua sexualidade.

Percebemos também que o grau de cobrança depende de como o parceiro lida com a questão do dever do prazer. Quando existe um relacionamento mais natural e espontâneo, no qual ambos se sentem mais livres para expressar seus sentimentos e desejos, sem a pressão de atender aos padrões sociais, percebemos uma vivência sexual mais tranqüila “Hoje, eu tento perceber isso nela, para que ela não transe sem vontade.”(Rodrigo) “...acho que ele sabe quando não vai rolar...acho que ele sente...ele nem chega a tentar, não cobra...”(Clara). Porém, quando um dos dois sente o dever do prazer de forma mais intensa, introduz essa cobrança na relação (cobra-se e cobra padrões de comportamento do outro, que por sua vez, passa a se cobrar também) “ele sempre se preocupou muito com esses padrões...eu me cobro demais, porque sei que ele me cobra isso, entende?”(Patrícia)ou cobra apenas a si mesmo “...mesmo você sabendo que a sua namorada vai entender...a cobrança é com

você...”(Pedro). Podemos compreender que nos relacionamentos onde a vivência sexual é mais autêntica, o casal encara a sexualidade e o relacionamento como algo mais amplo que vai além do sexo; é levado em conta os sentimentos, desejos e prazer próprio e do parceiro. Porém também percebemos que essa expressão autêntica e espontânea do parceiro é vivenciada com dificuldade pelo jovem quando não corresponde ao que é desejado ou esperado por ele, ou seja, existe um limite grande para a espontaneidade do outro. Em alguns casos percebemos um esforço grande do jovem para compreender o sentimento do outro quando é diferente do seu, o que é tentado através de muita reflexão e conversa com o parceiro. Em outros casos, é estabelecido um limite claro para essa espontaneidade no relacionamento. Já nos relacionamentos onde a cobrança consigo mesmo ou com o parceiro é mais intensa, percebemos que a sexualidade é compreendida de forma mais limitada, pois o foco não está na tentativa de manter uma espontaneidade de expressão de sentimentos e desejos ou de compreender as diferenças, mas sim na necessidade de atingir padrões sociais para atender as cobranças do parceiro ou para atender as suas próprias cobranças. Essa cobrança provoca sentimentos negativos em relação ao parceiro, pela falta de compreensão de seus sentimentos “...*eu mostro para ele que essa cobrança está estragando o namoro e ele não acha que é a cobrança, mas o fato de eu não ter prazer suficiente com ele”(Patrícia)* e em relação a si mesmo por permitir que se cobre a partir de

uma cobrança do outro ou para agradar o outro. Podemos compreender, então, que no que diz respeito à sexualidade, a espontaneidade e autenticidade no relacionamento, são bastante difíceis de serem conquistadas, pois percebemos que quando ela não esbarra em limites sociais (quando existe uma cobrança na relação para atingir padrões de comportamento socialmente estabelecidos), ela esbarra em limites pessoais (quando, mesmo mais livres da cobrança dos padrões sociais, existe uma dificuldade em aceitar uma expressão de sentimento ou desejo do outro que seja diferente do seu). *“A gente é espontâneo, mas como somos mais tradicionais, tem coisa que não dá para falar um para o outro”*(Clara).

Porém, muitas vezes, percebemos que a cobrança existe não somente para que se sintam incluídos na turma ou para serem aceitos pelo parceiro, mas principalmente para sentirem que estão desempenhando o seu papel de homem e de mulher conforme o que percebem que é esperado pela sociedade. Compreendemos que os jovens entendem que tais papéis são carregados de concepções antigas que ainda apresentam-se bastante presentes hoje. *“O homem sempre foi mais cobrado para ser viril e a mulher para agradar o homem, o que mudou foram os recursos, a forma como a cobrança chega...mas acho que no final é bem parecido”*(Pedro). O papel do homem ainda é percebido sustentado na noção da comprovação da virilidade, enquanto da mulher sustenta-se na idéia de submissão ao homem *“...lá no fundo ainda guarda muita coisa parecida com as*

mulheres de antigamente, principalmente essa coisa de agradar o homem”(Patrícia). Consideramos este ponto de extrema importância para a nossa compreensão acerca da vivência do dever do prazer destes jovens, pois percebemos que quando o sentimento do jovem, de que precisa ter um bom desempenho para provar sua virilidade e da jovem de que precisa agradar sexualmente o homem para não perdê-lo, é intenso, a cobrança para atender aos padrões sexuais passados pela sociedade atual é maior e por isso vivenciam a sexualidade com um sentimento forte de dever “Os homens eram cobrados para ser viril, hoje ainda somos, mas também temos que dar prazer para a mulher”(Pedro).

Compreendemos que quando os jovens percebem os seus papéis tão parecidos com os de antigamente, sentem uma falta de perspectiva de mudança neste sentido. “...não consigo ver como isso pode mudar, porque já está na mulher e no homem faz muito tempo”(Patrícia). Essa percepção é vivenciada com bastante angústia, pois vivenciar a sexualidade com o peso do dever provoca sentimentos negativos, que serão abordados mais adiante na síntese. Por outro lado, algumas características pessoais são apontadas como facilitadoras para uma menor vulnerabilidade diante dessas cobranças: maturidade, criação mais tradicional e conservadora, criação menos machista, postura crítica e personalidade forte “...tenho personalidade forte, eu só faço o que der vontade, não por influência dos outros”(Clara). Compreendemos que a maturidade é apontada como

facilitadora de uma vivência sexual mais complexa, que vai além do sexo pelo sexo, na qual existe uma percepção do sentimento e das necessidades do parceiro e reflexões acerca das informações passadas pelo meio social. Desta forma, a maturidade e todas as mudanças advindas da conquista dela, diminuiriam as chances do jovem se restringir aos padrões de conduta sexual passados pela sociedade. *“Na minha adolescência o que importava era ser o bom na turma. Eu já fui assim, mas mudou completamente mesmo, eu fui amadurecendo com as minhas experiências...hoje eu não quero mais uma mulher objeto, eu procuro uma mulher para fazer uma vida”*(Rodrigo).

Podemos compreender a postura crítica e a personalidade forte como sinônimos, pois se referem à mesma idéia de questionar e saber olhar para o geral e conseguir diferenciar o que é bom para si e fazer assim apenas o que tem vontade e não o que é divulgado pela mídia como meta. A criação menos machista possibilita que a pessoa se desenvolva sem se cobrar tanto para se enquadrar nos papéis sociais (homem-virilidade/mulher-submissão), o que permite que na juventude vivenciem uma sexualidade com menos cobranças *“...acho que minha criação fez com que eu não me submetesse tanto a essas condições sociais.”*(Pedro). Já a criação mais tradicional e conservadora garantiria a menor vulnerabilidade ao dever do prazer de forma diferente. Compreendemos que não se trata de uma característica como as anteriores, que favorecem uma postura crítica, uma consciência reflexiva e uma

valorização da singularidade pelo desenvolvimento de uma autonomia, e sim, de uma característica que diminui a vulnerabilidade pela proibição, por uma moral que não permite que o jovem aceite alguns comportamentos sexuais e que sinta vergonha em adotar outros. “ *Eu não compraria uma revista assim, agora tem gente que compra, até porque eu acho que sinto vergonha de comprar essas coisas*”(Clara). Percebemos que os jovens levantam tais características, a partir de suas experiências, por entenderem que foram estas que os libertaram do dever do prazer, ou pelo menos, que aliviaram um pouco o sentimento de cobrança para atender aos padrões sociais passados pela mídia, na vivência da sua sexualidade.

Em relação à mídia, o papel desta é entendido pelos jovens como importante quando se limita à divulgação de informações sérias. Percebem que as informações podem ser aproveitadas para o auto-conhecimento corporal “*...fui aprender que existe o clitóris na mulher e que ela tem muito prazer nessa região num programa da MTV...*”(Patrícia) e para ajudar o relacionamento “*...não vejo problema nessas coisas da mídia, acho que essas informações, ajudam a criar coisas no relacionamento...*”(Pedro), mas entendem que se a pessoa não tiver um olhar crítico e filtrar o que é bom para sua própria experiência, as influências da mídia podem ser muito perigosas. Compreendem que na maioria das vezes, a mídia divulga um padrão ideal de conduta e trata as questões sexuais de forma generalizada, sem levar em conta as diferenças pessoais “*...na maioria das vezes o que é*

passado é bem generalizado, dá a idéia de que todo mundo tem que fazer daquele jeito para ter prazer...”(Patrícia) e sem tratar o ser humano de forma mais real, levando em conta suas fraquezas e dificuldades “*São raros os filmes que mostram a realidade, a não ser aqueles de um circuito mais alternativo, que aí mostram as fraquezas do ser humano, mas esse tipo de filme é a minoria que vê...”(Pedro)*. Entendem que isso acontece, pois existe um interesse comercial da sociedade capitalista, em fazer com que as pessoas desejem as mesmas coisas, a partir de uma alienação da subjetividade, para assim venderem os produtos que interessam “*...a sociedade capitalista faz todo mundo acreditar que gosta das mesma coisas e assim vende os produtos que interessa”(Patrícia)*. Percebemos que os jovens compreendem a mídia como grande vilã na perpetuação de padrões de comportamento sexual e na instalação do imperativo do dever do prazer, na medida em que sentem que essa generalização excessiva empregada por ela no que diz respeito aos códigos sexuais, pode dificultar a espontaneidade e autenticidade da vivência sexual. Entendemos que tanto os jovens que percebem o dever do prazer na sua vivência atual, quanto os que não percebem, sentem esse peso da mídia, por apresentarem a mesma percepção de que a maioria das pessoas se influencia pelas suas idéias e noções de normalidade, sendo que apenas uma minoria, que por apresentar alguma característica citada anteriormente, consegue questionar e não se deixar influenciar tanto “*É o que eu falei, é questão de personalidade, eu*

sou objetiva, eu só faço aquilo que eu quero...as pessoas sem personalidade fazem tudo o que a mídia quer”(Clara).

Podemos perceber que os jovens construíram a partir de suas experiências, observações e reflexões, algumas concepções acerca do imperativo do dever do prazer. Apesar de perceberem as mudanças que ocorreram no papel da mulher na sociedade com a conquista da independência e maior autonomia e conseqüentemente, no âmbito da sexualidade, onde passou a ter direito ao prazer “...a mulher tem mais liberdade de expressão, conquistou muitas coisas...”(Patrícia), eles entendem que efetivamente pouca coisa mudou nos códigos culturais no que diz respeito ao papel do homem e da mulher “...os antigos..o que a mulher procurava? O homem que tinha a caverna maior, pois ela via como instinto um lugar melhor para criar sua prole. Hoje em dia é muito parecido isso. A mulher procura uma segurança maior, um cara que possa proteger ela, sua família e quando ela encontra isso num homem, ela se submete a muita coisa para não perder isso”(Rodrigo). Compreendem que a questão sexual é tratada de forma mais liberal pela sociedade e os diversos meios de comunicação, mas percebem por trás disso concepções antigas ainda sendo sentidas e cobradas (a mulher deve agradar o homem e este por sua vez deve comprovar a sua virilidade através do desempenho). A partir dessa compreensão, a maioria dos jovens sentem que o dever do prazer, ou o sentimento de cobrança é mais forte para as mulheres, já que

continuam tendo que agradar o parceiro sexual, agora com mais exigências impostas pela mídia *“Acho que a mulher se cobra mais que homem...”*(Clara).

“...existe uma cobrança muito maior em cima da mulher”(Rodrigo). Porém, também encontramos a compreensão de que o dever do prazer é mais forte para os homens atualmente, na medida em que enquanto a mulher continua com o mesmo papel de antigamente de ter que agradar o homem, de se fazer desejável para ele, o homem, além de continuar com o seu papel antigo de ter que provar sua virilidade através do desempenho sexual ganhou agora, a nova tarefa de ter que dar prazer para a mulher, numa sociedade que instiga a mulher a solicitar esse prazer de diversas formas *“Mas eu continuo achando que é pior para o homem, porque essa cobrança do desempenho é mais forte do que a cobrança de agradar”*(Pedro).

Compreendemos que os principais desdobramentos psicológicos da vivência do prazer associado a um sentimento de dever são: um sentimento constante de tensão, ansiedade, incomodo *“...não chega a ser ansiedade, nem nada muito forte, era um incomodo mesmo...É um sentimento chato”*(Pedro), sentimento de insegurança, de angustia, sentimento de vazio *“Era mais vazio, sem dúvida. Era bom, claro, eu me divertia, mas era muito exagerado, era quase desespero”*(Rodrigo) , perda da espontaneidade, sentimento de incompreensão, de injustiça, de irritação, de

tristeza “*Fico super chateada dele achar que o prazer que eu sinto não é suficiente*”(Patrícia), de impotência e de falta de perspectiva e esperança em relação a mudanças, que na maioria das vezes leva a um desentendimento no relacionamento amoroso. Já a vivência do prazer mais dissociada de um sentimento de dever e de cobrança provoca alívio, tranqüilidade “*...já melhorou muito, porque hoje minha sexualidade é mais calma, eu me sinto mais calmo...*”(Rodrigo), segurança pessoal, satisfação, felicidade, liberdade “*...mas eu sou feliz assim, sem cobrança. Acho que sou mais livre, entendeu?*”(Clara), sensação de maturidade e de autonomia. Pelos depoimentos, vemos que o sentir-se cobrado é angustiante e o superar essas cobranças é libertador. Porém a possibilidade de uma superação total de cobranças e de uma conquista de liberdade plena é vivenciada como algo inatingível, pois mesmo aqueles que já se percebem experimentando uma sexualidade mais livre das pressões sociais sentem que a cobrança está presente de algum modo, mesmo que de forma mais amena, ou mesmo diante de circunstâncias apenas imaginadas “*...hoje eu falo que eu não cederia a essas coisas, mas...sei lá, talvez eu tenha medo de perder ele e aí decida fazer essas coisas*”(Clara). Percebemos que a tarefa de questionar os padrões sociais que empregam o dever ao prazer não é compreendida como algo fácil, já que requer maturidade, senso crítico e personalidade forte, porém quando conquistada provoca uma sensação de bem estar. Compreendemos que dentro das perspectivas destes

jovens em relação à rigidez dos valores sociais percebidos por eles, questionar e conseguir manter um certo grau de autenticidade é vivenciado como única forma de superação possível no momento e contexto social em que estamos inseridos. *“Acho que meu incomodo atrapalha, queria ser totalmente tranqüilo, desencanado, preocupado só com o prazer, mas eu acho que enquanto eu for homem e viver em sociedade é impossível”*(Pedro).

Percebemos que, por mais que muitos significados das experiências relacionadas ao dever do prazer já estivessem mais elaboradas e conscientes para os jovens, durante o dialogo foram atribuindo novos significados que foram lhes fazendo mais sentido *“É, no começo é fácil falar, mas depois você vai perguntando algumas coisas e eu fui pensando...sei lá, foi ficando mais difícil, sabe? Me dá vontade de te falar: “deixa eu pensar sobre isso em casa e depois te falo melhor... Acho que posso mudar sim, não fazer que nem elas, mas fazer algumas coisas...”*(Clara).

“...ele transformou o sexo num problema.” “...Coitados! Parece que eu estou culpando eles de tudo.” “...eu não culpo só ele não, eu também deixei a cobrança ficar assim”(Patrícia).

“Acho que agora as coisas estão ficando mais claras para mim. A única cobrança que eu sinto com o sexo é mesmo o desempenho, as outras coisas são cuidados normais que uma relação precisa”(Pedro).

De forma geral, percebemos que todos os jovens participantes deste estudo percebem o imperativo do dever do prazer na sua experiência (mais objetiva) de alguma forma, seja na sua experiência passada ou atual, na experiência dos amigos ou dos membros da família, no relacionamento com o parceiro ou nos códigos culturais passados através de mensagens subliminares pela mídia. Podemos compreender que existe uma vivência (mais subjetiva) do dever do prazer, na medida em que percebemos, que apesar de terem construído uma compreensão mais objetiva de alguns sentimentos a partir da experiência que foi refletida e incorporada, também percebemos sentimentos mais imediatos e, portanto, menos elaborados na consciência, nos seus depoimentos. Além disso, durante a entrevista foram se dando conta de novos sentimentos ao falarem das suas experiências acerca do dever do prazer, o que nos permite compreender que a entrevista, além de atingir o objetivo de mobilizar os participantes a expressarem suas idéias e sentimentos mais subjetivos, teve um papel interventivo, já que o diálogo provocou formas novas de pensar e refletir.

DISCUSSÃO

Os jovens, através dos depoimentos, expressaram suas experiências conscientes em relação à vivência da sua sexualidade e mais precisamente, relacionadas ao dever do prazer. Levantamos, anteriormente, a possibilidade dos jovens apresentarem dificuldade em falar abertamente sobre a questão sexual e, por esta razão, criamos o convite temático. Acreditamos que o convite foi importante, na medida em que possibilitou que o jovem se situasse na questão da nossa pesquisa, porém não percebemos grandes resistências ou tabu em falar sobre o tema. É verdade que, na maior parte dos depoimentos, percebemos uma tendência clara do jovem em ficar mais preso a concepções e teorias referentes ao assunto do que à sua própria experiência, mas essa também já era uma realidade esperada, já que sabemos que o papel do pesquisador fenomenológico consiste exatamente em solicitar o retorno à experiência e “*atuar como facilitador*” (Amatuzzi, 2001:21) para que isso aconteça. Ao dizer que conseguimos obter um conteúdo exposto através dos depoimentos, podemos atestar que alcançamos o primeiro passo da pesquisa fenomenológica: chegar à experiência refletida.

Na introdução, achamos interessante construir, a partir do pensamento de autores que levantam o tema, a definição de dever do prazer à qual o estudo se refere. Percebemos que durante a análise dos depoimentos, foi possível construir uma definição a partir do que estes jovens entendem como dever do prazer, o que nos permite neste momento, compreender que as noções são correspondentes. É certo que algumas afirmações se aplicam mais às garotas, outras aos rapazes e outras a ambos, porém discutiremos algumas concepções apontadas pelos jovens de forma mais geral, sem fazer uma distinção de gênero neste momento. A idéia de Vitiello (1996) de que o orgasmo, na sociedade hoje, virou meta suprema e obrigatória e de Catonné (1994) de que passamos do direito do prazer ao dever de gozar, está presente na experiência dos jovens, ao levantarem que um dos deveres que percebem é em relação ao orgasmo; primeiramente através da noção de que ele é obrigatório, na medida em que é necessário fingi-lo e depois ao acentuarem de que esse orgasmo tem que ser obtido exclusivamente através da penetração, corroborando com Santi (1995) que aponta a obrigação imposta pela sociedade não somente de tê-lo, mas de corresponder a um padrão ideal (orgasmos múltiplos, por exemplo). Os jovens também percebem a necessidade de se adotar técnicas sexuais para agradar e prender o namorado, a necessidade de provar virilidade e de dar prazer para a mulher. Podemos perceber neste sentido, que o dever destrói a conotação íntima e espontânea da experiência sexual, restringindo-a a uma obrigação

de atender às exigências externas; adotar técnicas para, provar virilidade para, dar prazer para. Encontramos esta compreensão em Masters e Johnson (1975) que entendem que o sexo realizado como meta, ou seja, sem ter um sentido maior, impede o indivíduo de exprimir o mais íntimo do ser. A idéia de Caridade (2000) de que toda essa exigência faz com que as pessoas se fixem apenas na mecânica do sexo, também está representada na experiência dos jovens, através da necessidade que sentem em ter que fazer sexo em grande quantidade e a toda hora, como algo mecânico e programado, sem levar em conta a vontade e o desejo. Também aparece a necessidade masculina em conquistar a mulher mais bonita correspondente aos padrões ideais passados pela mídia. A esta necessidade, Costa (2004) responsabiliza a moral do espetáculo, na qual estamos socialmente inseridos, que produz o corpo da moda para ser consumido, imitado, desejado. O autor entende que o grande problema da moral do espetáculo é tratar o corpo ideal com um fim em si. Neste sentido, podemos entender que numa sociedade que emprega o dever ao sexo e o aborda com um fim em si, não é de se espantar que o corpo também seja percebido e encarado desta forma.

O diálogo entre a teoria e a prática, ou melhor, entre os conceitos dos autores e a experiência dos jovens, se faz possível, ao constatarmos que são correspondentes no que diz respeito ao dever do prazer. Os autores se referem a este imperativo como exigência, imposição, obrigação de atender

a padrões sociais no âmbito da sexualidade. Os jovens o percebem em suas experiências como forte sentimento de cobrança para atender a estes padrões.

Como vimos, a busca de referencial para a experiência dos jovens se dá principalmente no grupo de amigos. É no grupo de amigos que o jovem divide e/ou compara suas experiências com as dos amigos e é através da identificação ou diferença e os sentimentos provenientes destas, que ele toma maior consciência da sua vivência. Sabemos que na adolescência a relação com o grupo de amigos tem muita importância, já que representa nesta fase o grande referencial da maioria dos adolescentes, principalmente no que se refere ao comportamento sexual. Oliveira (2003) confirma tal dado na sua dissertação de mestrado sobre as perspectivas teóricas e de pesquisa da sexualidade na adolescência: *"As decisões sexuais dos adolescentes são também altamente influenciadas pelo comportamento de amigos, ou seja, adolescentes cujos amigos já tiveram relações sexuais buscarão mais cedo estas experiências do que os que não tiveram este tipo de influência. Quando acreditam que seus amigos usam contraceptivos tendem também a usá-los, pois nesta fase da vida é preciso ter modelos a seguir e acabam associando com as pessoas que têm mais pontos em comum"* (p. 23). Porém, para a Organização Mundial da Saúde (Papalia & Olds, 2000) o término da adolescência ocorre por volta de 20 anos e a partir daí, se iniciaria a vida adulta inicial. Bee (1997) também define que a vida

adulta jovem se inicia a partir desta mesma idade. Para Amatuzzi (2001) "*o jovem adulto apresenta uma necessidade forte de um assumir mais pessoal de qualquer posição diante da vida, mais fundamentada em razões e na experiência*" (p. 12). A partir dessas concepções podemos entender que, pela faixa etária, os jovens da pesquisa se encontram mais dentro da classificação de jovens adultos, porém ainda encontram-se muito próximos da faixa limite da adolescência. Mas, mais importante do que esse enquadramento etário, percebemos que alguns jovens, ainda utilizam os referenciais dos amigos para se sentirem incluídos e adequados, correspondendo emocionalmente mais ao comportamento adolescente. Percebemos isso no alívio que sentem ao perceberem uma identificação com a experiência dos amigos, independente se é boa ou ruim. Outros, continuam usando a experiência dos amigos como importante referencial para compreender melhor a sua, porém se sentem satisfeitos ao se perceberem diferentes e mais maduros do que os amigos. Podemos entender que os jovens que ainda necessitam de uma identificação maior com a experiência dos amigos, são aqueles que ainda não conseguem questionar os referenciais sociais e assumir "*uma postura mais pessoal diante da vida*", ficando desta forma, mais sujeitos ao dever do prazer e emocionalmente, mais próximos do conceito de adolescência. Já os jovens que se sentem satisfeitos por perceberem que são diferentes dos amigos, por não estarem tão sujeitos à questão do dever do prazer, talvez estejam

emocionalmente mais situados no conceito de jovem adulto, proposto por AmatuZZi.

Existe uma valorização da criação familiar como importante influência para a experiência dos jovens. Apesar do referencial estar no grupo de amigos, até porque, como afirmou Zampieri (2002) em sua pesquisa, que sexo ainda é tabu nas conversas familiares, os jovens entendem que a criação passa valores importantes que praticamente determinam o modo como vão vivenciar a sua sexualidade e lidar com as cobranças sociais. Tal percepção dos jovens encontra respaldo no conceito do papel da família, definido pelo Guia de Orientação Sexual (2004): “ *A família é o primeiro grupo ao qual uma pessoa pertence e cumpre um papel determinante na sua socialização e no desenvolvimento da sua personalidade*” (p.55). Os jovens, deste estudo, apresentam essa percepção e atribuem a alguns tipos de criação a responsabilidade por conseguirem questionar o dever do prazer. Também acontece de buscarem na família, referenciais de identificação para sua vivência. Aberastury & Knobel (1989) acreditam que apesar de mais distanciada, a relação com os pais não deixa de ser importante, já que a maneira que os adultos da família conduzem sua sexualidade em relação à sociedade, exerce um impacto direto na atitude de seus filhos adolescentes, que geralmente tem condutas semelhantes às de seus familiares.

Percebemos, que a partir de reflexões de suas experiências com a família, amigos e parceiros sexuais, os jovens foram construindo algumas concepções e teorias acerca das cobranças sociais (dever do prazer). Consideramos importante discutirmos sobre tais concepções, já que elas não se apresentam soltas, e sim como fruto da experiência pessoal de cada um. Percebem que apesar das transformações culturais, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher, que ganhou maior autonomia e liberdade de expressão, inclusive no território sexual, pouca coisa mudou efetivamente nos papéis sociais dos homens e das mulheres, já que a mulher continua presa ao padrão de ter que agradar o homem e este continua tendo que provar sua virilidade através de seu desempenho. Encontramos respaldo destas percepções em Rago (1999) já que a autora acredita que depois da revolução dos anos 60, houve um repensar dos códigos sexuais de conduta e dos papéis femininos e masculinos que vigoraram por tantas décadas, porém a autora acentua que isto não significa uma erradicação total dos antigos códigos da sexualidade, já que, ao mesmo tempo coexistem antigos padrões que caracterizaram por muito tempo as relações entre os sexos. Rolnik (1998) também sustenta a idéia de que a mulher conquistou uma autonomia irreversível, no entanto, a autora percebe que a mulher continua apresentando-se com uma linguagem de outro tempo: *" da boazinha do lar à boazuda da rua, são sempre variações em torno de uma figura de mulher inteiramente dependente do homem: ser*

desejada por ele é a fonte não só de todo seu valor, mas de sua própria sensação de existir." (p. 70)

A maioria dos jovens sente que o sentimento de cobrança é, atualmente, mais forte para as mulheres, já que continuam tendo que agradar o homem, porém agora com mais exigências impostas pela mídia. Porém, encontramos mais sustentação nos autores, para a percepção de um jovem do estudo de que a cobrança é maior em cima do homem, já que além de provar sua virilidade, ganhou a nova tarefa de dar prazer para a mulher. Grassi (1996) percebe que mesmo as mulheres sendo mais ativas atualmente, parece haver em cima do homem, uma cobrança para que seja mais ativo ainda, para assegurar a sua virilidade. Caridade (1997) também entende que os homens são mais cobrados que as mulheres no que diz respeito à sexualidade, já que são exigidos a provar desempenho e a nossa cultura supervaloriza o desempenho sexual.

Percebemos que os jovens entendem que sempre existiu um dever implícito na vivência da sexualidade de homens e mulheres ao longo da história, sentem que o dever da mulher de agradar o homem e o dever do homem de provar sua virilidade vem de um passado tão distante, que até mesmo o homem da caverna é utilizado como exemplo de tal padrão. Porém, independente se é mais forte no homem ou na mulher, o que nos importa ressaltar, é que para estes jovens, o dever associado ao sexo não é novidade, apenas toma uma proporção maior nos dias de hoje, devido a

uma série de exigências, metas e padrões sexuais requeridos pela sociedade e passados pela mídia. Encontramos neste ponto, semelhanças e diferenças entre as concepções dos jovens e dos autores citados no estudo. A semelhança é que assim como os jovens, os autores também concebem a mídia como grande responsável pela perpetuação desses padrões irrealistas (Costa, 2004; Guillebaud, 1999; Vitiello, 1996). Essa idéia também encontra sustentação na teoria da mídia de Rokeach e Defleur (1993), que aponta a mídia como grande responsável pela perpetuação desses valores sociais. A diferença é que para os autores parece ter havido uma mudança de perspectiva nos imperativos sociais, já que tratam o dever do prazer como um imperativo novo. Por exemplo, para Catonné (1994) passamos progressivamente do direito do prazer ao dever de gozar, para Santi (1995) o homem livrou-se da repressão externa religiosa, social e política e encontrou uma cobrança em si pelo desejo, desempenho e prazer e para Guillebaud (1999) "*o prazer não é mais apresentado como facultativo e sim como imperativo*" (p. 134). Já os jovens não percebem esta mudança de perspectiva, pois entendem que o dever sempre esteve presente na vivência sexual, já que os papéis de homem e de mulher sempre carregaram o peso da obrigação. Dessa forma, entendem que o dever do prazer não se trata de um imperativo novo, com novas repercussões sociais e sim, de uma carga de dever a mais imposta pela sociedade atual e pela mídia.

É atribuído um valor positivo à mídia pelos jovens, quando esta se limita a passar informações sérias referentes à sexualidade. Porém entendem que, na maior parte das vezes, a mídia divulga padrões ideais de conduta e trata as questões sexuais de forma generalizada, acentuando a cobrança da maioria dos jovens, que se esforçam incessantemente para atingir o que é passado e para adquirir sexualmente a imagem que é vendida. O Guia de Orientação Sexual (2004) também defende a idéia de que a mídia tem o papel de divulgar informações e até comportamentos e valores sexuais reprodutivos e preventivos, porém acentua, assim como os jovens deste estudo, de que raramente a mídia trata de forma realista os relacionamentos sexuais e que é preciso questionar e desmistificar as mensagens passadas por ela. A idéia de que a mídia não considera as diferenças pessoais e só perpetua valores antigos, encontra sustentação em Portela e Silva (2003) que acreditam que a mídia molda, poda ou estimula as pessoas em função das tradicionais regras de papéis de gênero e suas diversas crendices, não levando em consideração a pessoa e suas reais potencialidades. Também encontramos essa compreensão em Fagundes (2002), que ressalta que os programas de Tv e rádio, os filmes e principalmente os comerciais reafirmam intencionalmente a dicotomia dos papéis de gênero, cobrando do homem a virilidade, por ser o sexo forte e da mulher a passividade, por ser o sexo frágil.

Os jovens entendem que a mídia apresenta um padrão ideal de comportamento sexual, já que por trás dela existe um interesse capitalista de fazer com que as pessoas desejem a mesma coisa, para assim venderem os produtos que lhes interessam. Bernardi (1992) sustenta essa mesma noção: “...em nossa sociedade, o que se apresenta, paternal e benevolmente, como sexualidade liberalizada não é de fato sexualidade, mas outro mercado de sexo. E o sistema o encoraja porque ganha com isso, lautamente”(p. 109). Essa concepção também é encontrada em Costa (2004) que ao discursar profundamente sobre o consumismo instigado pela publicidade, discorre sobre a opinião de diversos autores (Arendt, Baudrillard, Bentham) que levantam a idéia de que as pessoas consomem porque são insatisfeitas e a moral vigente hoje, é de que o consumo está associado à felicidade. Porém os autores divergem na opinião relacionada ao que produz a insatisfação. Não é nossa intenção nos aprofundarmos nesta questão social de tamanha complexidade, porém podemos dizer que talvez a idéia de Arendt (2000) de que esse sentimento de insatisfação é produzido pela cultura, para que se consuma, é o que mais se aproxima da concepção dos jovens deste estudo. Frankl (1999) compartilha de idéias semelhantes ao pensar sobre a sociedade industrializada: “ *A sociedade industrializada está sempre visando satisfazer todas as necessidades humanas possíveis, e seu fenômeno concomitante, a sociedade de consumo,*

visa até mesmo criar necessidades que possam depois ser por ela satisfeitas” (p. 79).

A partir de suas experiências, os jovens percebem que existem algumas características pessoais que os ajudam a ficarem menos vulneráveis ao dever do prazer. A maturidade é apontada como facilitadora de uma vivência sexual mais complexa e todas as conquistas advindas dela, diminuiriam as chances do jovem se restringir aos padrões sociais de conduta sexual. Podemos perceber que o jovem que se sente mais maduro, não necessita tanto da aprovação dos amigos e consegue buscar referenciais mais pessoais para sua experiência. Neste sentido, podemos pensar que os jovens que se sentem mais maduros correspondem ao que Amatuzzi (2001) entende como jovem adulto. Passar da condição de ser jovem para ser jovem adulto implica então, em não se submeter passivamente às condições externas.

Para os jovens, a postura crítica e a personalidade forte, ajudam a questionar os imperativos sociais e saber olhar para o geral e conseguir filtrar o que é bom para si. Essa idéia encontra sustentação em Rogers (1972) que pensa que quanto mais tivermos consciência de todos os códigos da sociedade, mais poderemos viver de acordo com nossos valores e significar as nossas experiências de acordo com o nosso centro interno. Apesar de entender a importância da conscientização dos códigos sociais que nos cerceiam, o autor acredita que, além disso, é necessária também

uma maior aproximação do que somos no nosso íntimo para que consigamos autenticamente filtrar o que é bom para nós. Entendemos que o sentido de filtrar o que é bom para si ao qual os jovens se referem, leva em conta esta perspectiva de uma compreensão mais íntima também.

O pensamento de que uma criação familiar menos machista ajuda posteriormente o jovem a vivenciar sua sexualidade sem se cobrar tanto, se sustenta na idéia de Aberastury e Knobel (1989) já mostrada acima, de que a maneira dos familiares conduzirem sua sexualidade produz um impacto na forma como seus filhos adolescentes vão vivenciá-la. A criação menos machista possibilita que mais tarde o jovem questione os padrões sociais que trazem implícitos essa noção.

Nesta primeira parte da discussão, tentamos abordar as principais questões referentes ao dever do prazer que conseguimos entender a partir da experiência consciente dos jovens. Daqui a diante pretendemos entrar numa reflexão mais aprofundada da vivência do dever do prazer. Não estamos dizendo que na experiência mais objetiva a subjetividade não está presente, já que entendemos que os aspectos sociais e culturais que influenciam nossas atitudes e conceitos atuais nos auxiliam na compreensão dos aspectos subjetivos introjetados por cada jovem. Porém, as concepções acima provêm de uma experiência que passou por um processo de cognição, já que ela se deu nos depoimentos de forma mais pronta e, portanto passaremos agora para um campo mais vivencial.

Percebemos que é quando os jovens se voltam para suas relações amorosas, passadas ou atuais, que conseguimos realmente chegar numa vivência mais profunda do dever do prazer. Podemos compreender que isso acontece porque é na relação a dois que os jovens experimentam efetivamente as manifestações do seu desejo e do seu prazer. É certo, que mesmo em relação às vivências mais profundas, eles apresentam consciência acerca de vários aspectos que já foram mais refletidos, porém mesmo já tendo significado algumas vivências, ao discursar sobre elas, foram se deparando com significados novos.

Podemos perceber que a vivência do dever do prazer no relacionamento inviabiliza a autenticidade e a liberdade na expressão dos sentimentos. Isso acontece quando ao menos um dos dois se cobra para atender aos padrões sexuais; às vezes o jovem se cobra sozinho, mesmo não se sentindo cobrado pelo parceiro e às vezes o jovem se cobra a partir de uma cobrança que vem do parceiro. A partir do momento em que a cobrança está presente na vivência, independente de como foi originada, a autenticidade e a liberdade estão ameaçadas. A autenticidade para Rogers e Kinget (1975) é vivenciada quando ocorre uma correspondência entre o vivido pré-reflexivo, o tipo de consciência que se tem e a comunicação. Neste sentido, podemos compreender que é impossível ter uma vivência autêntica quando se sente uma coisa e se expressa outra; quando o jovem não deseja ter relação sexual no momento, mais finge que quer para agradar o parceiro,

por exemplo. A vivência da liberdade descrita por Rogers (1976) como "*a experiência de ser uma pessoa mais autônoma, mais espontânea e mais confiante. É a experiência da liberdade de ser quem se é*" (p. 53) também não se faz possível na vivência do dever do prazer. Rogers (1976) reconhece que no mundo contemporâneo não é fácil se sentir livre, já que entende que não somos "*uma molécula sem significação*" (p. 57), porém discorda da opinião contemporânea de que o homem não é livre num sentido cultural, pois ele entende a liberdade como algo "*íntimo, subjetivo e existencial*" (p. 59). Dessa forma, entende que apesar da liberdade exigir um árduo trabalho interno, ela se faz possível em qualquer realidade.

Através do estudo, percebemos que a autenticidade e a liberdade no relacionamento, dentro da perspectiva do dever do prazer, é mesmo difícil de ser conquistada. Mesmo nas relações onde não existe tanta cobrança, compreender e aceitar os desejos do outro quando estes não correspondem ao seu é vivenciado com dificuldade. Ou seja, nos jovens que vivenciam o dever do prazer nas suas relações, através de cobranças consigo mesmo ou com o outro, percebemos o impedimento cultural como algo mais forte, que os impossibilita até mesmo de entrarem em contato com impedimentos mais íntimos e pessoais, já nos jovens que conscientemente já questionaram e amenizaram o peso das cobranças sociais, percebemos que ainda existem impedimentos pessoais que impossibilitam uma maior espontaneidade e liberdade na vivência da relação.

A vivência do dever do prazer também impossibilita uma subjetividade prazerosa, já que restringe os jovens a metas sexuais, desempenho desejado, forma certa de sentir o prazer, dificultando que vivenciem a sexualidade em sua forma maior, com as inúmeras possibilidades de manifestação do desejo e de prazer. Inúmeras justamente porque o desejo e o prazer se inscrevem numa instância íntima e pessoal, a qual, a vivência em questão impede de se alcançar. Podemos perceber tal compreensão em Caridade (2000).

" A passagem para um plano mais profundo supõe essa experiência de intimidade. Isto se dá não apenas no plano das relações amorosas. No plano da posição religiosa, ou a pessoa encontra uma forma de relação mais pessoal e fundamentada, ou recai numa posição convencional que nada significa pessoalmente" (Amatuzzi,2001:12).

A partir da fala de Amatuzzi (2001), podemos pensar que a subjetividade está prejudicada na vivência do dever do prazer, na medida em que o jovem não entra em contato com a sua vivência mais profunda para compreender intimamente o que faz sentido para si, e acaba dessa forma muitas vezes, tendo uma vivência amorosa convencional, aderindo aos padrões aos quais se sente obrigado a atender.

Essa falta de autenticidade e liberdade de ser o que se sente na vivência da sexualidade gera outros desdobramentos psicológicos. O sentimento de

vazio do jovem que vivencia o sexo apenas com um fim em si na exigência de alcançar metas, encontra respaldo nos pensamentos de Caridade (2000):

"nenhum mal existe no prazer que é extraído das coisas, mas no estancar delas enquanto ilusão de preenchimento" (p.5). Ao comentar sobre o prazer na contemporaneidade, a autora aponta que o corpo é consumido como se consome coisas e que é ilusório pensar que isso possa preencher. Com o sexo, seria a mesma coisa; vivenciá-lo apenas para provar desempenho ou atingir metas, pode até ser bom, mas não preenche, deixando dessa forma um constante sentimento de vazio.

Ao se ver preso aos padrões sexuais atuais, de ter que ter desejo sempre, de ter que ter orgasmo de tal forma, de não poder falhar, o jovem se sente ansioso. Para May (1953) *"a ansiedade pessoal, é uma grande confusão e um desnorteamento básico a respeito de nossos objetivos e ao papel que devemos assumir"* (p. 32). Podemos pensar que a vivência da ansiedade desses jovens encontra uma sustentação neste conceito da autora, pois ao se verem presos aos padrões sociais, os jovens se afastam do mais íntimo do seu ser. Ao se distanciarem da referência pessoal e dos seus objetivos mais íntimos, só encontram alternativa no desempenho dos padrões esperados, porém, como estes não correspondem autenticamente aos seus sentimentos, passam a se sentir confusos e ansiosos.

Toda essa vivência causa muita angustia para os jovens. Segundo Rogers e Kinget (1975) *"quando as condições de existência são tais que*

exigem um divórcio praticamente constante entre a experiência e sua representação, o indivíduo perde sua tranquilidade, sua autoconfiança e sua eficácia, fica submetido a uma angustia”(p. 49). Através dessa definição encontramos respaldo não só para a angustia sentida pelos jovens, como para todos os sentimentos provenientes da vivência do dever do prazer. Nessa compreensão de angustia realizada pelos autores, acreditamos ter encontrado uma síntese representativa da noção que vínhamos tentando discutir e construir até então que abarcasse de forma profunda a vivência do dever do prazer e seus desdobramentos psicológicos. Os sentimentos de impotência, de irritação, de tristeza, de falta de esperança e de insegurança dos jovens, são inevitáveis para estes jovens, enquanto vivenciarem a sexualidade sem uma significação íntima e autenticidade. Vemos que para Rogers e Kinget (1975) é a vivência não autêntica que causa a angustia.

Quando o jovem consegue vivenciar o prazer mais dissociado de um sentimento de dever e de cobrança sente-se mais aliviado, tranquilo, feliz e livre. Após a compreensão da vivência da sexualidade com o peso do dever, fica claro entender o sentido destes sentimentos para quem não a vivencia de forma tão pesada. Eles corresponderiam justamente à conquista de uma maior autenticidade e liberdade, que possibilita a autoconfiança e uma tranquilidade maior.

Voltemos um pouco, ao conceito de liberdade de Rogers e Kinget (1976:59): *" A liberdade íntima, subjetiva e existencial é a compreensão de que " eu posso viver, aqui e agora, por minha escolha" . É a qualidade da coragem que permite que uma pessoa, ao escolher, pise a incerteza do desconhecido. É a descoberta do sentido interior, sentido que aparece quando se ouvem, sensível e abertamente, as complexidades da vivência. É o peso de ser responsável pelo eu que a pessoa decide ser. É o reconhecimento, pela pessoa, de que é um processo emergente, e não um produto final estático. O indivíduo que está profunda e corajosamente pensando seus pensamentos, tornando-se a sua singularidade, escolhendo-se responsabilmente, pode ter a sorte de ter centenas de alternativas exteriores objetivas entre as quais deve escolher, ou pode ser infeliz e não ter qualquer alternativa, mas, apesar de tudo, sua liberdade existe. Portanto, em primeiro lugar estamos falando de algo que existe no íntimo do indivíduo, de alguma coisa fenomenológica e não objetiva, mas a ser valorizada" (p.59).*

Mesmo os jovens que, já se percebem experimentando uma sexualidade de forma mais livre, sentem uma certa angustia diante das pressões sociais e ainda sentem uma cobrança, apesar de mais amena, diante de algumas circunstâncias especiais. Com isso, a partir da definição de liberdade de Rogers e Kinget (1976), podemos compreender que os jovens do estudo, ainda não atingiram esse grau de liberdade pessoal, especialmente na

vivência da sexualidade. Para alguns jovens, que já conquistaram um grau de autenticidade e liberdade maior, o caminho, o referencial externo para suas experiências ou “ *a alternativa exterior*”(p.59), já é percebida e vivenciada como escolha em muitos momentos, apesar de requerer um esforço desses jovens para que consigam a vivenciar como tal. Para outros, que ainda sentem o dever do prazer de forma mais intensa, essa alternativa exterior não é sentida como alternativa e sim como imposição.

Para os jovens em questão, no momento e contexto social em que estamos inseridos, conseguir questionar os códigos sociais e manter um certo grau de autenticidade e liberdade na vivência da sua sexualidade é compreendido como superação possível de se conquistar. A vivência dessa liberdade plena ainda é sentida como algo inatingível nos dias de hoje.

Porém através deste estudo, pudemos perceber a importância do diálogo com o jovem sobre a questão da sexualidade. Pois, como já dissemos anteriormente, pudemos chegar numa vivência mais profunda do dever do prazer, na medida em que o diálogo possibilitou um pensar e refletir dos jovens acerca de questões importantes e um vivenciar de significados novos diante de concepções já formadas.

Percebemos que a questão da sexualidade abrange vivências mais complexas do que imaginávamos encontrar. Diante disso, é nosso dever pensar na necessidade, desses jovens terem um espaço para um diálogo sincero e acolhedor, que dê conta, não apenas de informar sobre as

questões sexuais, mas abarcar toda a gama de sentimentos, contradições, deveres, direitos que se fazem presente na vivência sexual. É nosso papel, profissional da área de psicologia, facilitarmos um diálogo que permita o exercício da expressão autêntica e livre. Vaccari (1999) levanta que mesmo para trabalhar a questão da prevenção com os jovens, não basta apenas informar, é necessário um espaço para que o jovem possa levantar seus questionamentos e discuti-los, já que os valores de cada um, interferem diretamente na hora de se prevenir.

Babo (2003) reconhece que é muito difícil atuar na ideologia da mídia, por isso pensa que resta ao profissional da saúde e sexualidade estar atento ao discurso veiculado para ampliar sua compreensão e para usá-lo como recurso para esclarecimento da população.

Acreditamos, que no âmbito da sexualidade, o presente estudo, ajudou a apontar o quanto podemos ajudar os jovens, através do diálogo, a encontrarem uma maior autenticidade das suas vivências. Em entrevistas de mais ou menos 1 hora de duração, já foi possível mobilizar os jovens a entrarem em contato com suas vivências mais subjetivas e re-significar algumas delas, de forma a fazerem mais sentido íntimo e pessoal. Pudemos, dessa forma, ajudar os jovens a perceber a possibilidade da mudança que se sustenta em Rogers e Kinget (1976) *“É o reconhecimento, pela pessoa, de que é um processo emergente, e não um produto final estático”*(p.59). Para AmatuZZi (2001): *“a aproximação do vivido desencadeia*

mudanças”(p.60). Encontramos nesta afirmação mais uma sustentação para a nossa compreensão de que conseguimos nos aproximar da vivência dos jovens.

Entendemos que foi possível alcançar o objetivo principal do estudo de compreender a vivência do dever do prazer segundo a experiência dos jovens. Pudemos compreender os principais desdobramentos psicológicos dessa vivência, nos sustentando principalmente em autores da abordagem humanista e em alguns autores que se dedicam a estudar as manifestações da sexualidade que estivessem de acordo com a nossa visão de homem.

Também lançamos mão de uma tentativa de compreender alguns resultados sob um enfoque mais social. No entanto, neste aspecto, temos consciência dos limites da discussão, o que nos leva a levantar a possibilidade e a pertinência de um estudo futuro que aprofunde os aspectos sócio-culturais envolvidos na questão do dever do prazer.

E como a questão dos códigos culturais e principalmente, dos papéis sociais do homem e da mulher aparece de forma tão forte na percepção dos jovens, acreditamos que seria interessante realizar um estudo abarcando tais noções com pessoas de diferentes faixas etárias. Fica uma grande vontade de estender a compreensão da vivência do dever do prazer na idade adulta, na terceira idade, no casamento, etc. Na verdade, ficam muitas indagações a serem posteriormente melhor formuladas para possíveis futuras pesquisas: a idade facilita uma maior autonomia na vivência

sexual? Como? E a intimidade do casamento? Pessoas da terceira idade sentem o prazer como um dever? De que forma? Como os jovens não universitários, com menor acesso à informação, vivenciam a questão do dever do prazer?

CONCLUSÕES

A partir dos principais pontos levantados na discussão, podemos chegar às seguintes conclusões:

O dever do prazer está presente na experiência dos jovens deste estudo, sob a forma de um forte sentimento de cobrança para atingir padrões sexuais estabelecidos pela sociedade, divulgados principalmente pela mídia.

O dever do prazer não é percebido como um imperativo totalmente novo, pois os jovens entendem que as noções que sempre sustentaram o papel do homem e da mulher na sociedade (homem-virilidade/mulher-submissão) já trazem um dever implícito. Eles percebem que tais conceitos e valores bastante antigos estão presentes na sociedade atual, porém de forma diferente. Antigamente, a obrigação associada ao sexo era ao menos declarada e hoje, prega-se uma liberdade sexual, difícil de ser vivenciada, já que essa proposta de liberdade vem com manual e regras. Concluimos que o dever do prazer, presente já nos tempos da repressão, é vivenciado hoje pelos jovens de forma intensa, pois os novos padrões sexuais aumentam ainda mais o peso do homem em provar a sua virilidade e da mulher em agradar o homem.

O dever do prazer dificulta que o jovem vivencie sua sexualidade em sua forma maior, levando em conta a singularidade de cada um, a subjetividade e as inúmeras possibilidades de sensações e de prazer, já que a restringe à questão do desempenho e dessa forma à questão da genitalidade e do ato sexual com um fim em si.

Concluimos que o jovem que vivencia o dever do prazer apresenta uma falta de autenticidade entre o que sente, o que pensa e o que faz, ou seja, entre o seu sentimento mais íntimo, a sua forma de elaborá-lo na consciência e a sua ação. Os principais desdobramentos psicológicos dessa vivência pouco autêntica são um sentimento de angustia, confusão, ansiedade, insegurança e de vazio, o que impede uma vivência sexual mais livre.

A consciência dos jovens de que ainda estão presentes códigos culturais antigos e a força com que sentem o peso da mídia, faz com que eles sintam uma falta de perspectiva em relação a uma mudança nos padrões sociais. Concluimos que eles sentem que a superação desse sentimento de cobrança para atender aos padrões sociais é um trabalho interno de cada um, que depende principalmente de maturidade, personalidade forte e olhar crítico para questionar e filtrar os padrões que são passados e se aproximar mais do que se sente intimamente. Porém, a possibilidade de vivenciar a sexualidade de forma totalmente livre, com a expressão autêntica de seus sentimentos, ainda é sentida com limites.

Podemos entender que atingimos o objetivo da pesquisa na medida em que a partir do depoimento dos jovens, conseguimos obter um conteúdo refletido de suas experiências e a partir deste chegamos à vivência do dever do prazer, o que possibilitou mais tarde, a construção de significados gerais sobre o nosso problema de pesquisa: compreender a vivência do dever do prazer e seus desdobramentos psicológicos, segundo a experiência dos jovens.

Além de percebermos que o diálogo mobilizou os jovens, já que ao acessarem suas vivências mais íntimas, experimentaram sentimentos novos que possibilitaram algumas mudanças de significações, o diálogo também repercutiu pessoalmente na vida da pesquisadora, que percebe o peso das pressões sociais e também se encontra numa busca cada vez maior pela autenticidade na vivência da sua sexualidade.

Foi bastante significativo realizar este trabalho, pois ele possibilitou uma maior compreensão de um aspecto importante da sexualidade dos jovens, através da qual esperamos contribuir para posteriores reflexões e intervenções junto aos jovens, que abarquem a complexidade da questão sexual e a influência dos códigos sociais percebida por eles.

Esperamos que o presente estudo suscite discussões e novas indagações que possam resultar em mais pesquisas e estudos aprofundados nessa área da sexualidade que carece de um olhar bastante cuidadoso na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. (1989). Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas.

AMATUZZI, M. M. (2001). Por uma Psicologia Humana. Campinas: Alínea.

AMATUZZI, M. M. (2003). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In Bruns, M.A.T e Holanda, A.F. Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas. São Paulo: Alínea.

AMATUZZI, M. M. (1996). Apontamentos acerca da Pesquisa Fenomenológica. Estudos de Psicologia. Vol 13, nº 1, 5-10.

ARIÉS, P. & BÉJIN, A. (Orgs.). (1985) Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense.

BABO, T. (2003). Mídia: Uma possível correlação entre o novo agente de socialização e as queixas em sexualidade. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 14, nº1, 111-125.

BEE, H. (1997). O Ciclo Vital. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994).

BERNARDI, M. A.(1992). A deseducação sexual. São Paulo: Sumus.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. (1994). Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto.

BRUNS, M. A. T. & GRASSI, M. V. (1993). Mulher e Sexualidade: o desejo da continuidade. Revista Brasileira de Sexualidade. Vol 4, nº1, 88-103.

CABRAL, J.T. (1998). A Sexualidade no Mundo Ocidental. Campinas: Papirus.

CARIDADE, A. (1997). Sexualidade: corpo e metáfora. São Paulo: Iglu.

CARIDADE, A. (1998). Sexualidade e saúde emocional. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 9, nº2, 184-190.

CARIDADE, A. (2000). (Des) Caminhos do prazer na contemporaneidade. Revista Symposium, Vol 4, 5-8.

CATONNÉ, J. P. (1994). A Sexualidade ontem e hoje. São Paulo: Cortez.

CHAUÍ, M. S. (1984). Repressão sexual essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense.

COSTA, J. F. (1995). A construção cultural da diferença dos sexos. In Sexualidade, Gênero e Sociedade. Vol 3, 3-8.

COSTA, J. F. (2004). O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond.

COSTA, R. A. (1984). Sobre Reich Sexualidade e Emoção. Rio de Janeiro: Achiamé.

DARTIGUES, A. (1973). O que é fenomenologia? Rio de Janeiro: Eldorado.

DRUMMOND, D. M. (2002). Liberdade e realização da pessoa numa comunidade tradicional: um estudo fenomenológico. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FAGUNDES, T. C. P. C. (2002). Sexualidade humana: causas sócio – culturais das disfunções sexuais. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 13, nº 2, 151-155.

FERREIRA, A. B. H. (1988). Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. São Paulo: JEMM.

FORGHIERI, Y. C. (org) (1984). Fenomenologia e Psicologia. São Paulo: Cortez Editora.

FOUCAULT, M. (1979). História da Sexualidade I: vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

FRANKL, V. E. (1999). Psicoterapia e sentido de vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Vol II.

GIOVANETTI. (2005). Participação na banca da Dissertação de Mestrado: Experiência religiosa e crescimento pessoal. Campinas: Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

GRASSI, M. V. F. C. (1999). O Método na Ciência Moderna. Manuscrito não publicado.

GRASSI, M. V. F. C. (1996). A Sexualidade e o ser: uma compreensão do vivenciar masculino. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Programa de Pós Graduação em Psicologia da Educação, Faculdade de Educação, Unicamp.

GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: DIRETRIZES E METODOLOGIA. (2004). São Paulo: Casa do Psicólogo (tradução e adaptação: Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana).

GUILLEBAUD, J. C. (1999). A tirania do prazer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HALLAI, R. C. (1994). Liberdade: os limites do prazer. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 5, nº 1, 28-29.

KAPLAN, H. S. (1984). A Nova Terapia do Sexo: tratamento dinâmico das disfunções sexuais. (Silva, O. B, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original Publicado em 1977)

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1976). Vocabulário de Psicanálise. Lisboa: Moraes.

LEGOFF, J. (1992). Amor e Sexualidade no Ocidente. Porto Alegre: L&PM.

MASTERS, W. H. & JOHNSON, V.E. (1975). O vínculo do prazer. Rio de Janeiro: Record.

MAY, R. (1983). O homem à procura de si mesmo. (10º ed). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1953).

MEZAN, R. (2003). Freud: A trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva.

MOREIRA, D. A. (2004) O Método fenomenológico na Pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

MUCCHIELLI, A. (2004). Les méthodes qualitatives. Paris: PUF. p. 28-33. (Amatuzzi, M. M. , Trad).

MURARO, R. M. & BOFF, L.(2002) Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante.

OLIVEIRA,M. L. M. C. (2003). Sexualidade na adolescência – Perspectivas teóricas e de pesquisa. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: Programa de Pós Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

PAPALIA, D. E. & OLDS,S. W. (2000). Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed.

PIERI, H. S. C. (1987). Estudo do desenvolvimento psicosssexual e o fator de dependência de adolescentes toxicômanos em psicoterapia analítica. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Puc Campinas, Campinas.

POCOVI, R. M. S. (2002). Por que existe inibição diante do tema sexualidade?. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 13, nº 2, 170-176.

PONTY, M. (1971). Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

PORTELA, Y. & SILVA, M. C. A. (2003). Estereótipos Sexuais – Interferências na Identidade e na Sexualidade. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 8, nº 2, 131-136.

RAGO,M. (2000). Globalização e Imaginário sexual. Jornal da Unicamp. Vol 9, nº 159, 2-10.

ROGERS, C. R. (1972). Novas formas de Amor – O casamento e suas alternativas. Rio de Janeiro: José Olimpo Editora.

ROGERS, C. R. & Stevens, B. (1976). De pessoa para pessoa: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia. São Paulo: Pioneira.

ROGERS, C. R. & KINGET, G. M. (1975). Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não diretiva. Belo Horizonte: Interlivros.

ROKEACH, B. & DE FLEUR, M. L. (1993). Teoria da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROLNIK, S. & LINS, D. (Org.). (1998). A Dominação Masculina Revisitada. Campinas, SP: Papirus.

SANTI, P. L. R. Subjetividade e prazer na modernidade. Caderno Subjetividade. Vol 3, nº2, 393-398.

SANTOS, B. S. (2003). Um Discurso sobre as Ciências. São Paulo: Cortez.

SILVA, M. C. A. (2003). Terapia Sexual e Inclusão Social. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 14, nº 2, 27-37.

SOUZA, M. N. (1998). O que é afinal o orgasmo feminino? Teorias e Mitos. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos.

TRINDADE, E. & BRUNS, M. A. T. (2003). Sexualidade de jovens em tempos de AIDS. Campinas, SP: Átomo.

VACCARI, V. L. (1999). Saúde Reprodutiva no contexto escolar: algumas considerações sobre gênero, anticoncepção e DST/AIDS na adolescência. Revista Terapia Sexual. Vol 1, nº 2, 107-114.

VITIELLO, N. (1996). O exercício da sexualidade em fins de séc XX. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 7, nº1, p.15-30.

ZAMPIERI, M. C. (2002). Sexo na Universidade: um estudo sobre o comportamento sexual do adolescente universitário. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara.

ANEXO I

Convite Temático

Estes dias, conversando com alguns colegas sobre sexualidade, pensamos o quanto tem se falado de sexo ultimamente...

Nas novelas, os casais estão sempre tendo relação sexual e muitas vezes só de olharem um para o outro já ficam cheios de desejo.

Na maioria dos filmes sempre mostram os casais chegando ao orgasmo juntos.

Em alguns programas de auditório sempre tem um convidado especialista em sexualidade falando sobre disfunções sexuais e como superá-las.

Em algumas revistas vem até uma parte lacrada falando sobre técnicas sexuais para ter mais prazer, ter orgasmos múltiplos, etc.

E ainda tem o Viagra, os produtos do Sex Shop, os perfumes afrodisíacos.

Com tantos estímulos, tantas informações, às vezes parece até que temos a obrigação de ter desejo, de ter orgasmos, de ter prazer sempre.

Com tudo isso, hoje alguns estudiosos dizem que o prazer virou um dever. Eu estou fazendo uma pesquisa para saber como é a experiência das pessoas sobre isso. O que você pode me contar da sua experiência?

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, portador do
RG _____,
nacionalidade _____, idade _____, estado
civil _____, residente
à _____,
na cidade de _____, autorizo através deste documento, a
realização da entrevista e a gravação da mesma pela psicóloga Mariana
Azeredo Laurini, CRP 06/67399, para fins exclusivos de pesquisa. O
estudo tem como objetivo compreender o dever do prazer segundo os
jovens. Estou ciente de que esta pesquisa pode contribuir para um maior
conhecimento na área da Sexualidade Humana e da Psicologia. Foi-me
assegurado que minha identidade será mantida em sigilo e somente será
utilizado o conteúdo da minha entrevista. Poderei esclarecer todas as
dúvidas referentes à pesquisa com a pesquisadora, ou com o Comitê de

Ética da PUC-Campinas pelo telefone (19)37298303 ou pelo celular da pesquisadora (16)97162714. Tenho o direito de encerrar a minha participação neste estudo a qualquer momento, caso esta seja a minha vontade. Tenho a abertura para procurar a pesquisadora, caso me interesse em saber dos resultados gerais obtidos ao final do estudo.

.....

assinatura pesquisadora

.....

assinatura participante

ANEXO III

Entrevista 1

Entrevistadora: Mariana (M)

Participante: Clara (C) **idade:** 19 **curso:** terapia ocupacional (2º ano)

M: Clara,

Estes dias, conversando com alguns colegas sobre sexualidade, pensamos o quanto tem se falado de sexo ultimamente...

Nas novelas, os casais estão sempre tendo relação sexual e muitas vezes só de olharem um para o outro já ficam cheios de desejo.

Na maioria dos filmes sempre mostram os casais chegando ao orgasmo juntos.

Nos programas de auditório sempre tem um convidado especialista em sexualidade falando sobre disfunções sexuais e como superá-las.

Em algumas revistas vem até uma parte lacrada falando sobre técnicas sexuais para ter mais prazer, ter orgasmos múltiplos, etc.

E ainda tem o Viagra, os produtos do Sex Shop, os perfumes afrodisíacos.

Com tantos estímulos, tantas informações, às vezes parece até que temos a obrigação de ter desejo, de ter orgasmos, de ter prazer sempre.

Com tudo isso, hoje alguns estudiosos dizem que o prazer virou um dever. Eu estou fazendo uma pesquisa para saber como é a experiência das pessoas sobre isso. O que você pode me contar da sua experiência?

C: Eu sei que a sociedade faz pressão, mas eu não tenho muito tempo de ficar assistindo televisão, muito menos folhear revista, às vezes eu consigo folhear jornal, então, eu não me sinto obrigada, sei lá...

Porque eu tenho meu namorado e nós temos relação, mas eu não transo com ele porque a sociedade pede, até porque eu achei que foi em pouco tempo quando nós tivemos relação sexual, porque foi só três meses de namoro, mas foi uma coisa muito estranha, porque ele quebrou a perna e ficou dois meses de cama, então nós não podíamos curtir a nossa relação, o nosso namoro, entendeu? Então, quando ele começou a andar, veio tudo sabe? Muito a flor, entendeu? Da pele. Então, nós começamos aí, sabe? Aconteceu. Mas eu não me sinto obrigada a ter relação, até porque quando eu não quero, eu não quero, sabe? Não é todo dia que eu estou boa, não é todo dia que eu...que eu vou sentir prazer, assim... com ele, ele pode vim querer me fazer carícias, mas isso não significa que eu vou ter vontade, entendeu? Às vezes pára por ali, mas eu não me sinto obrigada.

M: Então você percebe uma pressão da sociedade para ter relação sexual, mas você não se sente obrigada.

C: É. Não me sinto na obrigação de nada e o meu namorado também não me cobra de nada. Eu nem preciso dizer pra ele, acho que ele já sabe quando não vai rolar, entendeu? É legal pois eu acho que ele sabe, acho que ele sente, sei lá. Ele nem chega a tentar, não cobra nada de mim.
[silêncio longo]

M: Você não se sente cobrada pelo seu namorado. E você, Clara, se cobra?

*C: Imagina! Porque é assim: se fosse uma pessoa de cabeça fraca, sei lá... porque,...por exemplo, minha classe só tem menina, então elas têm liberdade total pra falar essas coisas, rola direto o assunto sobre sexo na classe; o que faz, o que não faz, o que deixa de fazer, sabe? Elas contam pra todo mundo. Eu não, eu só escuto, sabe? Até porque eu tenho vergonha *[olha para baixo envergonhada]* então e...do jeito que elas falam...elas falam umas coisas que não tem nada a ver ficar falando pra todo mundo; o que você faz com o seu namorado, o que você deixou de fazer, como foi, o que ocorre durante, sabe? Eu morro de vergonha e acho que ninguém precisa saber das coisas que você faz em quatro paredes com o seu namorado, marido, o que for, entendeu? E elas falam. Agora eu acho, que se uma pessoa é cabeça fraca, ela se sentiria obrigada a fazer o sexo porque todas as meninas fazem, pra você acompanhar elas, entendeu? No assunto.*

Eu tenho vida sexual e nem por isso eu acompanho. Acho que é diferença de pessoa...porque eu, por exemplo, não sigo as coisas como elas. De vez em quando eu vejo novela, eu vejo que mostra relação sexual, críticas que aparecem na televisão, que a Globo, principalmente a Globo mostram cenas de sexo para ter ibope, jornal, essas coisas, e revistas, principalmente revistas de adolescente. Quando eu tinha uns 13, 14 anos, eu lia muita revista, até porque era o único jeito de eu saber sobre sexo, foi o 1º contato que eu tive com essas questões. Eu adorava! Fala muito disso em revista de adolescente. É lógico que é pra idade, né? Diferente de uma Nova [revista], que já ensinava técnicas e como fazer.

M: Você acha que existe uma diferença em como as revistas de adolescente e a Nova (por exemplo) abordam a sexualidade...

A: Eu acho que tem uma diferença. Na Nova, Claudia, essas revistas de mulher, os assuntos relacionados a sexo são diferentes do que numa Capricho e Atrevida. Porque, normalmente na Capricho é sobre perguntas e respostas de meninas que já tem namorado, tipo: como é que faz para engravidar? E coisas assim. São dúvidas de adolescente, coisa importante. Na Nova não, ensina técnicas, posições, Kama Sutra, então é bem diferente. Nas revistas de adolescente ninguém fica falando para você fazer as coisas, nessas outras tem cobrança para fazer as posições para o namorado, essas coisas que eu não acho importante. Eu não leio essas,

mas apesar de eu não ler, eu tenho consciência, porque minhas colegas lêem e eu escuto as coisas.

M: As revistas para adolescentes trazem informações importantes e as revistas para mulheres trazem uma cobrança de atitudes na relação sexual que você não considera importante...

C: É isso. Nas revistas de adolescente traz coisa que a gente precisa saber, nessas outras é só cobrança mesmo. Eu acho que vai de personalidade essa cobrança, de você querer fazer ou não, eu não me cobro. Mas eu percebo essa cobrança em várias amigas, porque mesmo quem não tem namorado faz relação sexual pra se inturmar, ter assunto. Elas são bem abertas...não sei se sou eu que sou muito fechada, não gosto dessas coisas e não me sinto obrigada. Até porque eu só namorei aos 18 anos, sabe? Foi minha 1º vez, meu 1º namorado, meu 1º tudo, entendeu? Elas já não. Tem menina na minha classe que com 13 anos já teve relação sexual. Pra mim é absurdo, mas pra elas é super comum, entendeu? Tem até menina na minha sala que fala que já fez essas coisas, só pra falar que teve relação, que teve experiência, pra falar para as meninas que teve. É mais pra não se sentir fora da sociedade, da comunidade, eu sei disso.

M: Então você percebe que algumas atitudes são necessárias para as meninas se sentirem incluídas na sociedade?

C: Com certeza. Existe uma cobrança. Eu percebo que pessoas, que...sei lá...por exemplo, tem menina na minha sala que fala que já teve

relação sexual, mas não teve, pra não se sentir diferente. Porque hoje em dia é muito comum você pegar e falar: ai, sou virgem! Uma menina de 13 anos ri da sua cara, né? Porque não é mais comum, entendeu? Então acho que elas se sentem envergonhadas, alguma coisa assim. Então as pessoas transam porque não é mais comum ser virgem com tal idade, não porque querem.

O que é comum hoje é que todos façam sexo, porque televisão, tudo cobra. Independente se tenha namorado ou não, que tenha amor ou não, que tenha vontade ou não...existe uma cobrança sobre elas, não sobre mim [bastante enfática]. Acho que a questão é: façam sexo. Aí, por exemplo, se uma pessoa tem curiosidade, sei lá...de como atingir um maior prazer, essas coisas, procuram essas revistas. Eu acho que essas revistas,sei lá, pra deixar a pessoa...eu não compraria uma revista assim. Que nem, normalmente, essas revistas põe bem grande assim na capa: Faça um sexo, sei lá...com posições mais prazerosas. Eu não compraria uma revista assim, agora tem gente que compra, até porque eu acho que sinto vergonha de comprar essas coisas.

M: Então você não compraria esse tipo de revista porque sente vergonha.

C: É...mas também não tenho interesse [enfática]. Em casa tem um...minha mãe é pedagoga, então ela tem diversos livros, então tem até um livro desse de posições. Eu não sei porque ela comprou. Não falo

dessas coisas em casa, então nunca perguntei. Também nunca me interessei em pegar o livro para fazer com o meu namorado e...já vi dadinhos na televisão que você joga; beije em tal lugar, morde em tal lugar, essas coisas... Eu não me interesso, ao contrário das minhas colegas que fazem isso: compram calcinha, fantasia sexual, fazem de tudo para o namorado. Agora eu não sei se sou eu...que opto por uma coisa mais espontânea. Se tiver que mudar de posição, por exemplo, que seja na hora, eu não vou ficar me programando com uma revista, nem com a televisão. Eu sou bem diferente das minhas amigas nessas coisas, mas elas me respeitam, quer dizer, eu não sei se sou eu que sou bem grosseirona porque...Se elas falarem alguma coisa eu já dou uma, sabe? É minha opinião, até porque eu não falo, só fico escutando no cantinho, as barbaridades delas, mas...sei lá se elas me acham careta, alguma coisa assim. Elas me respeitando já ta bom.

Sabe, eu sou muito objetiva, tenho personalidade forte, eu só faço o que eu tenho vontade, não por influência dos outros. A não ser que uma pessoa diga: vai lá, é gostoso, que não sei o que. Se me interessar, sei lá, que nem se elas pegam e falam assim: Ah! Essa posição é muito boa, teve orgasmos múltiplos, essas coisas, eu não vou me interessar em fazer sei lá...são situações diferentes; uma pessoa falar que fazendo certa posição tem orgasmo múltiplo e falando que certa comida é gostosa, pra mim são situações diferentes, entendeu?

Se falar que certa comida é gostosa, eu vou lá e experimento, ao contrário de falar da posição...eu não vou e faço. Eu sou tradicional, é, eu acho que eu sou tradicional, eu fui criada por avó, entendeu? Eu sigo uma linha diferente da delas, sei lá...

M: Você disse que não segue o padrão pois tem personalidade forte, mas às vezes você acha que é porque é mais tradicional, porque tem vergonha, é isso?

C: É, acho que é por causa das duas coisas. Vou citar um exemplo: que nem minhas colegas falam de sexo anal, eu nunca fiz e nem tenho vontade [bastante enfática], então, eu não sei se antigamente faziam, mas eu acho que não, pelo que eu tenho em mente não, então acho que eu sou bem tradicional em relação a essa modernidade de hoje [ar orgulhoso]. É o que eu falei, é questão de personalidade, eu sou objetiva, eu só faço aquilo que eu quero, acho que diferente de outras pessoas. As pessoas sem personalidade fazem tudo o que a mídia quer.

M: Clara, deixa eu ver se entendi...então você acha que essa coisa da pessoa ceder mais a esses apelos da mídia, a essa pressão da sociedade da qual estávamos falando, depende da personalidade e do tipo de criação. Na sua experiência, a sua criação tradicional e a sua personalidade forte são dois fatores que de certa forma te protegem dessa influência da mídia, é isso?

C: *É. As pessoas que tem personalidade forte, que sabem o que querem, não precisam ir atrás dessas coisas, a não ser que...seja interessante pra ela. Pra mim não é interessante. Mas eu acho, que a maioria das pessoas da minha idade vão bem pela influência hoje em dia. Eu vejo pelo meu irmão que está começando a adolescência, sabe? Tivemos a mesma criação, mas a sexualidade dele está todo mundo sendo influenciado pelas coisas que aparecem. Às vezes, meu irmão nem lê revista, ou assiste TV, mas é influenciado por um amigo que faz, entendeu? Que nem, como eu não tenho tempo de assistir televisão, nem de ler revista, minhas amigas poderiam me influenciar, mas eu acho que elas não me influenciam. Meu namorado também não é influenciado; tem que fazer isso ou aquilo. Ele já é mais experiente que eu, sabe? Já teve outras namoradas, já fez sexo de outros jeitos, sei lá, eu não sei como é...pelo jeito dele comigo, pelo menos, comigo ele...não, não, não... vai atrás dessas coisas de posições. Ele deve saber pelas outras namoradas que ele teve, entendeu? Porque em si, ele também não liga e ele também não assiste TV, não lê jornal, ele só trabalha, trabalha, trabalha, ele não tem tempo de ver essas coisas e os amigos dele conversam muito sobre isso, que às vezes ele me conta. Ele fala que ele também não fala nada, que também tem vergonha, sabe? Mas ele não é influenciado pelas coisas. Se os amigos dele conversam, falam o que fazem e o que deixam de fazer, ele sentiria a mesma vontade de fazer o que os amigos fazem, mas ele nunca*

me cobrou isso... Eu acho que nós construímos uma relação diferente, mais espontânea, então ele também não se cobra. Quando ele me conta as coisas dos amigos não é para cobrar, é um contar de espanto. Um dia ele me contou que tem um amigo dele que faz sexo pela Internet, ele ficou bobo com isso, entendeu? Aí, eu deduzi: “Nossa! Ele conversa sobre isso com os amigos”, agora ele fala de um jeito que eu sei que ele não é influenciado. Graças a Deus ele também tem uma personalidade forte. Acho que por isso que deu certo, porque se ele fosse diferente de mim nessas coisas, não teria dado certo.

A gente pensa e age bem parecido. Tem algumas diferenças tipo: eu espero sempre ele vim procurar, eu não sou muito de procurar. Eu espero, às vezes se eu sinto alguma vontade, eu não procuro. Porque assim, como eu posso dizer? Sempre tem o beijo, esse beijo é o que diz tudo, é o que faz os finalmente. Então eu acho que do mesmo jeito que eu percebo no beijo dele se ele está com vontade, ele percebe também. É sempre assim com nós, até porque nós não temos chance de fazer toda hora, não pode fazer na minha casa, nem na casa dele, tem que ir às vezes no motel, essas coisas. Mas a gente é mais de perceber a vontade, não de falar. Na verdade, a gente não fala muito sobre sexo, nem do nosso. Uma vez, na faculdade, ia ter uma palestra sobre disfunção erétil e eu falei pra ele que eu ia. Ele ficou tão bravo, tão bravo! Eu não me interessava em ir, eu falei para brincar mesmo, porque não tem nada a ver com a minha área. Nossa,

mas ele ficou tão bravo! Às vezes eu também conto caso que acontece com as minhas amigas, que às vezes me falam que o namorado tem ejaculação precoce, disfunção erétil e aí eu conto pra ele e nós morremos de rir com essas coisas, sabe? Porque elas falam umas coisas que, para nós, tem que discutir entre o casal, entendeu? E elas não, contam pra todo mundo. Agora sobre nossa relação, nós nunca precisamos conversar. Quando eu falei da palestra ele falou: É, vai lá, vai mesmo que assim eu procuro a vizinha. Nossa! Ele ficou muito bravo, porque ele achou que eu ia por causa dele, alguma coisa assim, entendeu? Sendo que não tem nada a ver, eu falei brincando. Mas foi difícil convencer ele de que não é por causa dele, entendeu? Nossa! Eu fiquei assustada!

M: Você percebe o seu namorado parecido com você; ele também tem vergonha de dizer algumas coisas, tem personalidade forte e não se deixa influenciar pelos amigos ou pelas pressões sociais e isso, na sua opinião, possibilita uma vivência mais espontânea da sexualidade para vocês...

C: É. É mais natural assim, a gente faz o que quer.

M: Como você acha que essa vivência espontânea da sua sexualidade interfere na sua vida em geral, Clara?

C: Ah! Eu acho que é muito melhor ter uma sexualidade assim, do que forçada. Eu acho que eu sou mais tranqüila do que as minhas amigas que ficam pensando em fazer coisas o tempo todo. Não sei se dá para falar

que eu sou mais feliz que elas, mas eu sou feliz assim, sem cobrança. Acho que sou mais livre, entendeu? Essa liberdade que eu e meu namorado temos, sabe? Não tenho que fazer as vontades dele ou da sociedade. Não me influencio pelas cobranças da sociedade nem dele, de forma alguma.

Mas ele não me cobra nada mesmo, a gente é bem parecido. Só essa vez que eu fiquei assustada, pois ele apelou totalmente. Acho que ele nunca imaginou que eu poderia me interessar por isso e ficou com medo de eu estar pensando alguma coisa dele. A gente é espontâneo, mas como somos mais tradicionais, tem coisa que não dá para falar um para o outro. Mas, também nunca tivemos nenhum problema sério a esse respeito, essa foi a única briguinha mesmo. Até hoje fluiu tudo bem nessa área, agora vamos ver daqui pra frente. Talvez por causa das não influências externas, tenha fluído tudo normal, eu acho. Pelo que eu sei das minhas amigas que tiveram problemas, eu nunca tive. Acho que essa coisa de ter que ficar inventando coisas para a transa, ter que transar toda hora, sempre dá problema. Porque a mulher ainda dá pra fingir prazer, agora e o homem? Não tem como. As minhas amigas fingem orgasmo só para agradar.

M: Você usa bastante suas amigas como exemplo na nossa conversa e diz que também faz isso com o seu namorado. Parece que é mais fácil falar da sexualidade dos seus amigos do que da de vocês...

C: Ah! Isso é verdade! A gente consegue falar entre a gente muito mais sobre os nossos amigos porque eles fazem muito mais coisas, é mais

engraçado. Eu não me cobro essas coisas de ter que inventar coisas na transa, essas coisas...quer dizer, ainda não ocorreu, mas eu não sei o dia de amanhã. Porque elas têm mais relação sexual que eu, elas vêm mais o namorado, eu não, não é sempre que eu posso. Então vai saber...vai saber o dia que eu casar...talvez quando a gente tiver mais relação, talvez eu precise fazer essas coisas. Não sei, não me vejo fazendo o que elas fazem, porque, por exemplo, às vezes eles combinam uma posição e a mulher não gosta, tem que fazer o que? Fingir prazer. Porque eles combinaram aquilo, então ela tem que demonstrar para o homem que deu certo. A mulher faz tudo na cama para segurar o homem, como elas dizem: “está faltando homem, então fazer o que? Segurar, né?” Sabe o que elas falam pra mim? Que entre quatro paredes, a mulher tem que virar uma prostituta para agradar. Acho que isso vem dos programas da televisão, onde a cobrança é muito maior com a mulher. A mulher tem muito mais imaginação que o homem,. Eu não imaginaria um homem se cobrando para agradar uma mulher no sexo. Acho que mulher se cobra mais que homem, pela experiência que eu tenho com as minhas amigas é o que eu vejo. Agora...pode ser que um dia...se meu namorado for diferente e não aceitar esse meu jeito, eu iria perder ele, certo? Eu iria sofrer, certo? Mas não iria ceder às coisas que ele quer. Mas hoje meu namorado aceita meu jeito, mas e se ele mudar de opinião? Não sei...hoje nós não temos nenhum problema com o sexo, por enquanto...

É que você acaba criando uma lavagem cerebral. Pode ser que de tanto os amigos do meu namorado falarem que as namoradas fazem certas coisas e ele vier me cobrar e eu não ceder, ele pode querer largar de mim, procurar outra e me trair, entendeu? E aí, pensando bem, eu não sei o que eu faria, talvez eu queira fazer essas coisas pra prender...não sei...agora to ficando confusa, por isso que eu to falando por enquanto...pode ser que mesmo uma pessoa que tenha uma personalidade forte como a minha numa situação dessas ceda, entendeu? Mas eu não sei o que pode acontecer. Quem sabe um dia eu possa ceder também? Que nem, hoje eu falo que eu não cederia a essas coisas, mas...sei lá, talvez eu tenha medo de perder ele e aí decida fazer essas coisas. Vai saber...

M: O que seriam essas coisas, Clara?

C: Ter que fazer posições, transar toda hora, ter que fingir orgasmo, essas coisas...

Mas eu falo que eu não sei o dia de amanhã, mas eu não sei se faria não. É que ta parecendo que eu não sei direito o que eu penso, né? Mas não é isso, é que eu acho que eu nunca parei para pensar mesmo que essas coisas podem acontecer comigo, sei lá...é melhor eu falar: por enquanto eu não faço...não sei o que estou sentindo ou o que eu sentiria numa situação dessas. Acho que é isso, não sei o futuro, pode ser que eu mude de opinião.

M: Clara, é natural a gente se sentir meio confusa quando pára pra pensar mais profundamente sobre alguma experiência nossa [Clara interrompe neste momento]

C: É, no começo é fácil falar, mas depois você vai perguntando algumas coisas e eu fui pensando...sei lá, foi ficando mais difícil, sabe? Me dá vontade de te falar: “deixa eu pensar sobre isso em casa e depois te falo melhor”

M: Clara, se você acha que tem mais coisas para falar, podemos marcar mais um encontro, seria legal...

C: Não, eu to brincando! Acho que nem tenho mais o que falar sobre isso, eu é que to confusa mesmo. Sabe quando você fica com a cabeça a mil? Vou sair daqui e ficar pensando sobre essas coisas.

M: O que você está pensando agora?

C: ...Sabe, eu sempre tive certeza que eu não sou influenciada pelas pressões, mas eu sempre falava, quer dizer, pensava, que não ia me influenciar nunca e pela primeira vez, quando eu pensei que eu e meu namorado podemos brigar, ele pode largar de mim, sabe? Eu pensei que talvez possa fazer coisas que eu era contra. Eu meto a boca nas minhas amigas(não para elas, para o meu namorado), sabe? [expressão de arrependimento] Das coisas que elas fazem e eu sempre falei que eu não ia mudar, mas agora, eu não sei. Acho que posso mudar sim, não fazer que nem elas, mas fazer algumas coisas dependendo da situação. Não agora,

porque eu não preciso, mas acho que dependendo da situação, vai saber...não vou dizer não...é estranho sentir que eu faria, mas acho que depende da situação, acho que até tudo bem, não sei...

M: Eu entendo, Clara, que enquanto você foi pensando em como era essa questão do dever do prazer na sua experiência, você foi percebendo que algumas questões que pareciam bastante claras e definitivas para você, foram, ao longo da nossa conversa, gerando sentimentos de dúvida, questionamentos...eu fico contente com isso, pois é sinal de que o nosso encontro, a nossa conversa tocou você, de um modo que permitiu você se expressar de uma forma autêntica, natural, sem tudo arrumadinho e pronto. E é isso que interessa para mim nessa pesquisa. Você contribuiu bastante e pode acreditar que eu também saio daqui pensando sobre a nossa conversa.

C: Que bom! Você disse que eu poderia ver a pesquisa quando estivesse pronta. Você me procura ou eu?

M; Clara, eu vou continuar colhendo dados por mais um tempo, depois vou fazer as análises e assim que estiver pronta eu te ligo para combinarmos de eu te mostrar, ta?

C: Ta. Eu adorei! Se você quiser, tem um monte de amiga minha que ia adorar participar. Você sabe, elas adoram falar sobre sexo e essas coisas. Tem um monte mesmo, já to até vendo...

M: Que ótimo! Eu entro em contato com você então, tá? E se você quiser, eu estou a disposição para conversar de novo sobre tudo isso e sobre o que você está sentindo, tá?

C: Obrigada! Mas tá tudo bem, não se preocupa, só to um pouco confusa mesmo, pois mudei muito de opinião, né? Mas você falou que é normal...mas tá tudo bem mesmo. Eu adorei!

M: Então a gente se fala! Obrigada!

Anexo IV

Entrevista 2

Entrevistadora: Mariana (M)

Participante: Rodrigo **idade:** 27 **curso:** psicologia (5º ano)

M: Rodrigo

Estes dias, conversando com alguns colegas sobre sexualidade, pensamos o quanto tem se falado de sexo ultimamente...

Nas novelas, os casais estão sempre tendo relação sexual e muitas vezes só de olharem um para o outro já ficam cheios de desejo.

Na maioria dos filmes sempre mostram os casais chegando ao orgasmo juntos.

Nos programas de auditório sempre tem um convidado especialista em sexualidade falando sobre disfunções sexuais e como superá-las.

Em algumas revistas vem até uma parte lacrada falando sobre técnicas sexuais para ter mais prazer, ter orgasmos múltiplos, etc.

E ainda tem o Viagra, os produtos do Sex Shop, os perfumes afrodisíacos.

Com tantos estímulos, tantas informações, às vezes parece até que temos a obrigação de ter desejo, de ter orgasmos, de ter prazer sempre.

Com tudo isso, hoje alguns estudiosos dizem que o prazer virou um dever. Eu estou fazendo uma pesquisa para saber como é a experiência das pessoas sobre isso. O que você pode me contar da sua experiência?

R: As mulheres fazem sexo por obrigação, porque elas tem medo de perder o namorado. Posso falar o que eu penso do universo feminino?

M: Claro. Me fala o que você quiser ...

R: Geralmente quando...hoje em dia... quando eu era adolescente eu pensava em ter relação com uma pessoa e era para me satisfazer primeiramente e eu não tinha nem consciência de quando a mulher tinha prazer ou não, se chegava ao orgasmo, via a mulher como objeto mesmo. Hoje em dia, depois que eu fiquei adulto, eu penso mais. No caso, nem todos os homens... tem homem de 40 anos que não pensa em fazer a mulher sentir o prazer. No caso, pra mim, hoje em dia, a relação é olho no olho, é o beijo atraindo e prestar atenção quando a mulher está pronta, lubrificada, que é muito importante. Hoje em dia eu penso muito no outro, em satisfazer primeiramente a mulher e depois em mim, o que é difícil de acontecer com as pessoas. Eu sinto prazer em ver o outro ter prazer. Eu me esforço para o outro sentir prazer, mas não um esforço ruim, é mais uma atenção que eu dou para o prazer dela, para ser legal para os dois. Eu tenho consciência que se na relação um não está bem, no caso da mulher estar numa fase da TPM ou senão ter algum problema...não é sempre que a mulher está pronta para ter relação sexual e muitas vezes a

mulher transa para não perder o namorado, não perder o marido, para não entrar em pé de guerra e conflito, então ela se submete à isso. Hoje, eu tento perceber isso nela, para que ela não transe sem vontade. Então, nesse meio, você pode ver que se alguém está com um problema, ou no caso do homem, com ejaculação precoce ou de não ter ou demorar muito para ficar excitado...o problema de um afeta o outro, afeta o casal como um todo.

M: Hoje em dia você pensa e fica atento à sua parceira pois acredita que se um não está bem a relação é afetada.

R: É isso aí.

M: Você disse que sente que as mulheres, muitas vezes, tem relação sexual sem vontade para prender o namorado. Me conta mais, como você entende isso.

R: Existe uma cobrança muito maior em cima da mulher. Uma coisa que eu percebo é que a maioria dos homens, uns 95%, não tem a noção de quando a mulher sente prazer, quando ela está necessitando de um carinho. Por exemplo, tem casal que transa todo dia, só que tem muito poucas mulheres, que chegam ao orgasmo muito rápido...elas são muito diferentes uma das outras, e o homem é aquele gráfico, sabe? Da resposta sexual? Eu estudei isso na faculdade. O gráfico do homem é mais simples, da mulher é mais complexo. O desejo, o orgasmo da mulher é mais demorado, mais difícil. Então eu acho mesmo que muita mulher acaba

transando só para agradar o homem, que quer quase sempre. Eu acho que é uma cobrança cultural mesmo porque se você pensar os antigos...o que a mulher procurava? O homem que tinha a caverna maior, que tinha a caverna mais aconchegante, pois ela via como instinto um lugar melhor para criar sua prole. Hoje em dia é muito parecido isso. A mulher procura uma segurança maior, um cara que possa proteger ela, sua família e quando ela encontra isso num homem, ela se submete a muita coisa para não perder isso. E aí elas fazem tudo para agradar, mesmo sem ter vontade.

Eu tive uma namorada que ela fazia muitas coisas diferentes na cama o tempo todo, e isso acabou fazendo que eu perdesse um pouco a excitação por ela. Tem homens que gostam disso. No meu caso não, me incomodava o fato de eu perceber que ela forçava a barra só pra me agradar, tirava a naturalidade. Se fosse às vezes, tudo bem, mas era sempre e eu acho que ela fazia tudo aquilo pois tinha medo de me perder. Ela devia ler tudo que era revista e copiar tudo porque era muito exagerado mesmo. Eu jamais faria uma coisa forçada assim só para agradar a outra pessoa, quer dizer, hoje em dia, né? Já tiveram épocas, na minha adolescência que eu já me cobrei mais para ser o melhor que ela já teve na cama. Era uma provação atrás da outra, eu tinha que ser o melhor. Por exemplo, se eu namorava, transava com a namorada, deixava ela em casa e saía em busca de outra na mesma noite. Hoje em dia eu consigo ir

embora[ri bastante]. Eu namoro faz cinco meses, mas conheço ela faz dez anos e a gente vive uma relação meio turbulenta. Eu considero minha namorada uma pessoa frígida, pois ela não tem quase vontade de transar, apesar de que já melhorou, pois antes ela tinha vaginismo. Então, tem que ter muita paciência com ela, estar sempre calmo porque acontece de eu ter uma relação ou duas por mês, coisa que pra mim, que acho que 70% de um relacionamento é sexo, é bem difícil. Só que tem que ter paciência, pois acima de tudo você tem que ver a pessoa que ela é. O que eu estou querendo dizer pra você, é que hoje em dia eu não procuro mais fora, mas dá vontade...eu tenho que me segurar bastante pois hoje eu priorizo o relacionamento como um todo, apesar de achar que o sexo é muito importante. Então eu converso bastante sobre isso com ela, mas tento não cobrar nada.

M: Pelo que eu estou entendendo, você sente uma grande mudança na sua forma de vivenciar a sua sexualidade e de se relacionar. Antes você se cobrava muito e hoje não se cobra e não cobra a sua parceira, e mesmo valorizando bastante o sexo, tem um olhar para a relação como um todo.

R: Exatamente. Nossa eu mudei muito, amadureci. Sabe, essa cobrança não leva nem o homem e nem a mulher a nada. Essa cobrança faz com que muitos homens broxem, porque ele fica: “ai, será que eu vou conseguir, será que eu vou agradar, será que eu vou ser o melhor?”. Já aconteceu isso comigo. A cobrança era tanta para eu ser o bonzão, que o

tiro sai pela culatra nessas horas, porque você quer provar que é tão bom, que broxa. Hoje, eu deixo acontecer. Nossa, mas eu vejo que muitos homens da minha idade continuam encarando assim até hoje. Meus amigos falam o tempo todo que comprou a pomada para passar no pênis porque estava esfolado de tanto transar. Mas eu não falo nada para eles, vou falar o que? Que o cara é um machista? Eu não. Você sabe que eu prefiro conversar sobre essas coisas com mulher, porque eu acho que elas tem mais maturidade para falar e para fazer sexo que o homem. Eu converso com os amigos sobre isso, mas não sobre a minha intimidade, porque nas conversas dos homens rola muito essa coisa da cobrança, da mentira. Às vezes o cara só ficou com a menina e já sai contando que transou, que fez isso, que fez aquilo. O homem pensa a mulher como uma disputa, um jogo, muitos homens vêem a mulher como objeto. O cara pode estar com uma menina bonita, namorada dele, e aí aparece uma outra com o peitinho mais durinho, uma bundinha mais redondinha e ele acaba trocando, encara como objeto sexual, objeto do prazer. E a graça maior é contar para os amigos, não adianta só fazer. Na roda das mulheres também acontece isso. Eu vejo assim; se você conversar com uma mulher sozinha sobre sexo, ela é mais madura. Agora, várias mulheres juntas, é bem parecido com os homens, ficam contando vantagem. Agora, para conversar sozinho, é melhor com mulher. Se eu estou com algum conflito com a minha namorada, o conselho que a mulher dá é muito melhor, ela

fala “vai com calma, tenha paciência com ela, TPM é assim mesmo”, já um amigo fala “se fosse eu, caia fora, dava um pé na bunda”. E olha que isso é amigo de psicologia, hein? Tem os que tem a cabeça legal, mas tem muitos ainda que pensam assim. É impressionante. Eu fazia isso na minha adolescência de ter que provar para os amigos com medo de ser excluído da turma, mas fazer isso hoje não dá, né?

M: Podemos dizer então que você entende que a maioria das mulheres se cobram para ter relação sexual para não perderem o parceiro e a maioria dos homens se cobram performances para não perderem os amigos?

R: Falou tudo! Os homens não tem medo de perder as mulheres, mas do que os amigos vão achar, então para isso até mentem o que fazem ou deixam de fazer. Na minha adolescência o que importava era ser o bom da turma. Eu já fui assim, mas mudou completamente mesmo, eu fui amadurecendo com as minhas experiências...posso contar sobre a minha sexualidade toda?

M: Você pode me contar o que quiser sobre a sua experiência em relação a este assunto se achar que pode ajudar a compreender melhor a sua vivência .

R: Eu aprendi a me masturbar com cinco anos, ou seja, eu era uma criança, eu não tinha ejaculação, mas comecei a sentir o prazer sexual...com cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze anos comecei a

ejacular. Meu primeiro beijo foi com oito anos, beijo de criança[ri bastante]. É muito estranho pensar numa criança namorando, mas era mais brincadeira infantil. Aí, eu tive bastante namorada, pelo fato de uma pessoa não me agüentar por muito tempo. Brincadeira![ri bastante]. Eu é que trocava, pois era daquele jeito de sempre procurar a mais bonita, a melhor, como eu falei, a que tinha um peitinho mais durinho, a bundinha mais bonita... Começou a durar mais depois dos meus 21, 22 anos, penso eu que deixei de ser um sem vergonha e amadureci. Antes eu era igual a esses homens que eu falei, eu procurava as mulheres pelos padrões sociais. A gente vê nas revistas, na TV, essa mulherada toda perfeita e quer para a gente também, né? [risos]. E na época era só isso que importava mesmo. Teve uma época que eu namorei três ao mesmo tempo: uma menina era mais de família, então eu ficava com ela até umas onze horas, depois eu saía para transar com a outra e tinha uma que eu saía para transar de final de semana. Era uma loucura, mas também eu estava no auge dos meus hormônios, tinha 19 anos. Eu tinha que ter relação sexual todo dia, senão procurava outra, não tinha noção. Mas também eu tinha perdido a virgindade há pouco tempo, tive a primeira transa só com 18 anos, em compensação no primeiro dia que eu transei foi com três meninas numa festa só. E, antes disso, não é que eu não fazia nada, com os meus 15, 16, eu fazia de tudo com as meninas, só não tinha penetração. Mas hoje eu prefiro um pacto de monogamia, esse negócio de bi, poli, não é mais

comigo. Hoje eu não quero mais uma mulher objeto, eu procuro uma mulher para fazer uma vida. Mudou muito e acho que o fato de estudar essas coisas na faculdade faz a gente pensar bastante. Eu tinha muita aula de sexualidade, principalmente nos livros de comportamental, fala muito de estudos sobre a sexualidade masculina e feminina. Aquele negócio que eu te falei antes dos 70% de importância que a relação sexual tem num relacionamento, eu cheguei a essa conclusão refletindo sobre um livro de comportamental que falava que era 85%, que aí eu já sou contra, porque senão cai naquela coisa que eu era antes de só o sexo importar, e hoje eu acho que existem mais coisas importantes também. Mas acho que essas matérias na faculdade são mais para dar informações, se você não pensa em cima, não serve para nada, porque é a experiência de vida que faz a gente aprender mesmo. Mas tem gente que não reflete não, só quer seguir os padrões exatamente como são passados. Igual eu era, mas isso na adolescência, tem gente que é assim até hoje.

M: Você percebe que a mudança no seu modo de vivenciar a sexualidade mudou lá pelos 21, 22 anos, né?

R: É.

M: Como você sente essa mudança Rodrigo? Como era para você experimentar a sexualidade com cobranças, seguindo os padrões e agora de um jeito mais maduro, como você diz.

R: Era mais vazio, sem dúvida. Era bom, claro, eu me divertia, mas era muito exagerado, era quase desespero. Era sexo pelo sexo e pelo prazer do momento, interessava a quantidade e isso me deixava muito ansioso. Você sabe, eu tinha ejaculação precoce, acho que era toda essa pressão de ter que...desculpa a expressão “comer todas”, ser o bonzão. Hoje eu ainda tenho ejaculação precoce, porque eu sou um cara ansioso por natureza, mas já melhorou muito, porque hoje a minha sexualidade é mais calma, eu me sinto mais calmo, é uma relação mais completa. Eu prefiro, apesar da minha namorada ainda precisar melhorar do problema dela.

Sabe, por um lado, antes era mais fácil, no sentido de não me dar trabalho, eu não precisava pensar em nada, só transava e pronto. Hoje, da forma que eu encaro, é tudo mais complexo, porque, por exemplo, eu percebo que minha namorada é frígida, ela tem problemas, então para eu fazer ela querer, ter vontade, demora mais ou menos umas três horas, é muita preliminar...mas, ao mesmo tempo é muito bacana isso, porque você tem que conhecer mais a pessoa, prestar mais atenção no que ela gosta. Com as outras eu não fazia nem preliminar, eu ia direto para a relação, para o coito, sei lá...e hoje em dia apesar de ser mais turbulento, dar mais trabalho é mais satisfatório. Mas a nossa relação é bem madura, eu acho legal, a gente tem bastante liberdade de conversar. Tipo, hoje, eu até vim meio encanado fazer a entrevista, com medo de eu não conseguir me

concentrar muito, pois ontem à noite eu e minha namorada ficamos 1 hora e meia no telefone discutindo a relação, porque a gente foi viajar junto na sexta, sábado, domingo... ficamos sem transar e aí, de novo, a gente teve que conversar sobre isso quando voltamos, que foi ontem. Não que eu cobre, como eu já te falei, eu respeito, mas eu quero que ela melhore porque sexo é bem importante. E aí a gente resolveu conversar a viagem inteira ontem. Então eu não dormi direito, achei que isso ia atrapalhar hoje, mas acho que foi bem, né?

M: Para mim foi ótimo Rodrigo, você contribuiu bastante. Eu entendi que na sua experiência, essa questão do prazer associado a um dever aparece bastante presente na sua adolescência e você percebe ainda muitos dos seus amigos vivenciando essa questão, mas você hoje, vive uma sexualidade mais madura, não se preocupando com essas cobranças sociais.

R: Que bom que a falta de sono não atrapalhou, né? Deu para você entender o que eu quis dizer porque... é isso mesmo que eu acho. Quando você falou tudo aquilo no começo: das pressões sociais, dos estímulos sexuais por todos os lados, eu me lembrei muito da minha adolescência, quer dizer até os meus 21, 22 anos, é que eu falo adolescência porque até essa idade eu era muito imaturo mesmo, era um adolescente, porque era exatamente assim mesmo, era cobrança pura e ainda hoje eu vejo muito isso com amigos da minha idade. Eu sou muito contra esse tipo de atitude

hoje. Muitos homens ainda se preocupam só em ser o bom, o garanhão, porque isso é valorizado na sociedade, é o machismo que impera ainda. Hoje em dia tem até uma expressão que eu e meus amigos brincamos que é “talaricando”, você já ouviu?

M: Não, nunca ouvi essa expressão, o que significa?

R: Quando alguém pega a mulher do outro, a gente diz que o cara que pegou é o talarico, pois está talaricando, é de uma música “eu não falo mais com o Talarico, Talarico pegou minha mulher”, sei lá se é Bezerra da Silva, se é Martinho da Vila, um desses...e isso pegou e agora todo mundo brinca desse negócio de Talarico, é engraçado![risos] Porque apesar de eu não encarar mais as coisas desse jeito, eu não sou um cara sério e fechado, eu fico com todos os meus amigos, brinco pra caramba. Eu fico zoando com os meus amigos chamando eles de Talarico. Eu respeito, até porque fui assim durante um tempão, acho que cada um tem a sua hora de amadurecer, apesar de que tem uns que não amadurecem nunca, né? E você sabe que a gente brinca muito lá na faculdade porque tem uma diferença grande entre as pessoas das diferentes abordagens. Eu sou existencial humanista e eu e os meus amigos que também são, temos um jeito de falar sobre as coisas, temos pensamentos parecidos, o pessoal da comportamental tem outro jeito, é muito engraçado.

M: Em relação ao que a gente conversou, você percebe essa diferença?

R: Principalmente sobre isso, porque como eu te falei, homem só fala dessas coisas. As pessoas da humanista são mais como eu, falam de um jeito mais profundo, sei lá...já os meninos da comportamental ficam falando do sexo em si, é mais mecânico, é igual ao gráfico da resposta sexual.

M: E como você entende isso?

R: Eu não tenho nada contra as outras abordagens, muito pelo contrário, eu adorei as aulas de comportamental sobre sexualidade, mas eu acho que você tem que pensar em cima e não ficar só naquilo, entende? Eu acho que a pessoa escolhe a abordagem que tem mais a ver com ela, então quem escolhe existencial humanista geralmente é mais profundo, gosta de viajar mais, e quem escolhe comportamental é uma pessoa que gosta mais da coisa técnica. Mas é engraçado, pois é visível que quem segue a mesma abordagem, parece que fala a mesma língua sobre todos os assuntos. Eu não tenho nem um pouco de preconceito, porque eu acho legal essa diferença. Tem um amigo meu da comportamental, que ele pensa essas questões que a gente conversou totalmente diferente de mim agora, é igualzinho quando eu era mais novo. Você não quer entrevistar ele? Acho que ia ser legal para sua pesquisa uma pessoa que pensa bem diferente. Quer que eu fale com ele? Ele é um cara interessante...

M: Eu concordo com você que a escolha da abordagem tem a ver com o nosso jeito de compreender o ser humano, por isso acho que é mais

fácil a gente se identificar com as pessoas que tem o mesmo tipo de compreensão, né? Também penso que cada um vivencia a sexualidade de um jeito bastante particular e acharia bem legal conversar com o seu amigo se ele se interessar.

R: Eu vou falar com ele e depois te procuro, ou peço para ele te procurar. Pode deixar que eu não vou falar como é, porque eu entendo um pouco de pesquisa fenomenológica e sei que se tirar a surpresa pode estragar a naturalidade da entrevista. Fiz uma pesquisa fenomenológica uma vez na faculdade, era mais simples, mas eu gostei. Eu às vezes penso em fazer um mestrado, mas não sei ainda, preciso dar mais uma pesquisada...Eu posso ver o resultado da tua pesquisa depois?

M: Pode, claro. Quando eu terminar, eu te procuro para te mostrar e vou esperar você entrar em contato para falar do seu amigo, tá?

Rodrigo, muito obrigada! Você contribui bastante!

Até mais!

Anexo V

Entrevista 3

Entrevistadora: Mariana (M)

Participante: Patrícia **idade:** 21 **curso:** jornalismo (4º ano)

PUC- Campinas

M: Patrícia,

Estes dias, conversando com alguns colegas sobre sexualidade, pensamos o quanto tem se falado de sexo ultimamente...

Nas novelas, os casais estão sempre tendo relação sexual e muitas vezes só de olharem um para o outro já ficam cheios de desejo.

Na maioria dos filmes sempre mostram os casais chegando ao orgasmo juntos.

Nos programas de auditório sempre tem um convidado especialista em sexualidade falando sobre disfunções sexuais e como superá-las.

Em algumas revistas vem até uma parte lacrada falando sobre técnicas sexuais para ter mais prazer, ter orgasmos múltiplos, etc.

E ainda tem o Viagra, os produtos do Sex Shop, os perfumes afrodisíacos.

Com tantos estímulos, tantas informações, às vezes parece até que temos a obrigação de ter desejo, de ter orgasmos, de ter prazer sempre.

Com tudo isso, hoje alguns estudiosos dizem que o prazer virou um dever. Eu estou fazendo uma pesquisa para saber como é a experiência das pessoas sobre isso. O que você pode me contar da sua experiência?

P: Você quer saber se isso acontece na minha vida? Nossa! Você nem imagina!

M: Eu gostaria que você me contasse como acontece...

P: Eu sou super direta, por isso quando a sua amiga me falou da pesquisa, eu disse na hora que eu faria porque eu falo numa boa sobre sexualidade, não tenho problemas em falar disso. Deixa eu ver por onde vou começar...Bom...pelo meu namoro mesmo, né? Sabe, eu gosto muito do meu namorado, a gente está junto faz 1 ano e meio e a gente se dá bem e tudo mais, mas o sexo é um problema, quer dizer, ele transformou o sexo num problema e isso está ferrando nosso namoro. Vou falar de cara: eu não tenho orgasmo com a penetração, eu tenho de outros jeitos, mas com a penetração eu nunca consegui. Ele é um cara super inseguro, então ele fica pensando que o problema é com ele, que enquanto eu não tenho orgasmo com a penetração, significa que eu não tenho prazer. Eu já falei várias vezes para ele que eu tenho muito prazer, mas não adianta, ele acha que sem orgasmo não valeu nada o sexo. Toda vez que a gente acaba de transar, tem discussão e briga e o que foi acontecendo é que agora eu fico sempre tão tensa, tão tensa para começar que às vezes nem tem dado para continuar. É uma tensão só, porque eu fico tensa desde o começo,

pensando que eu tenho que ter orgasmo de qualquer jeito para agradar ele e ele fica tenso, pensando que ele tem que conseguir me fazer chegar ao orgasmo. Eu me cobro demais porque sei que ele me cobra isso, entende?

M: Você sente que ele te cobra o orgasmo com a penetração e com isso, no momento da relação, você se cobra e fica sempre tensa?

P: É. E olha, vou te falar uma coisa, não é só no momento da relação que eu fico tensa, porque agora eu fico tensa o tempo todo perto dele, porque eu fico nervosa só de pensar que a gente pode transar e eu não vou conseguir ter orgasmo. Aí uma coisa vai puxando a outra, porque eu acabo ficando mais fria com ele para ele não ter vontade, ele fica achando que eu não gosto mais dele e tem altas crises de insegurança. Ele sempre foi meio inseguro, mesmo antes de mim, com as outras namoradas. Ele tem muita dificuldade de confiar nas pessoas, não consegue acreditar em nada, acho que por isso ele não consegue acreditar que eu tenho prazer com ele, ele tem que ver que eu tenho orgasmo com a penetração, não basta ser de outro jeito. Eu falo tanto para ele que se a gente conseguir relaxar dessa obrigação eu vou conseguir uma hora, mas agora já virou obrigação, eu não consigo relaxar. E eu gosto muito dele, ele é uma pessoa muito legal, mas essa cobrança mata, né? Eu não sei mais o que fazer, você sabe que eu até pensei em procurar uma psicóloga para resolver essa minha dificuldade de não ter orgasmo durante a penetração, mas aí eu pensei melhor e acho que isso acontece mais pela cobrança, não acho que

é um problema, porque eu tenho prazer. É que...como você disse no começo, a sociedade fala que tal coisa é o certo, que a gente tem que ter orgasmo assim, assado, que o sexo tem que ser de tal jeito para ser bom e aí acaba dando nisso.

M: Você entende que toda essa cobrança na sua relação vem dos padrões passados pela sociedade sobre as questões sexuais?

P: Com certeza. E eu não falo isso só por mim não, a maioria das minhas amigas também se sentem cobradas para fazer alguma coisa. Por exemplo, tem uma que tem vontade de transar só de final de semana, porque ela faz faculdade e trabalha e fica super cansada durante a semana, mas o namorado quer transar praticamente todo dia e ela muitas vezes acaba cedendo, porque a gente sabe que homem que não encontra em casa procura fora, e não dá para ser qualquer transadinha não, tem que ter criatividade, senão ele enjoa. A sociedade passa isso para a mulher, que a gente tem que fazer isso ou aquilo para não perder o homem. Igual você falou no começo, dessas revistas que ficam falando: faz isso para deixar um homem maluco, faz isso para sair da rotina, compre tal calcinha, creminho, essas coisas...a gente acaba ficando mal se não faz tudo isso, porque aí fica pensando que vai ter outra que vai fazer. Esses dias eu até li uma revista que falava: “faça para outra não fazer”, era uma coisa assim. Então eu entendo essa minha amiga, porque eu também fico me cobrando por causa disso. Tem uma outra que não consegue ter

orgasmo junto com o namorado e ele fica achando que tem que ter pelo menos algumas vezes junto. É impressionante, chega a ser até engraçado, porque a gente fala muito disso, pra falar a verdade é quase o tempo todo. Mulher adora falar de homem e de relacionamento, né? Então a gente fala mesmo. Nos intervalos que a gente tem na faculdade é só sobre isso. Acho que eles não falam tanto disso como nós, porque tem medo de fazer propaganda da gente para os amigos, dois namorados meus já me falaram isso. Eles são mais machistas mesmo, porque a gente nem pensa nisso, só pensa que é bom dividir com as amigas os nossos problemas. Dá um alívio, pelo menos. Eu estou falando pra caramba, né? É para eu ir falando ou você vai me fazer perguntas?

M: É para você ir falando mesmo, fica à vontade para falar o que você sente...

P: Eu sou falante mesmo. Minhas amigas, às vezes, tem que me dar um corte. Do que eu estava falando mesmo?

M: Você estava dizendo que você e suas amigas conversam bastante sobre o relacionamento de vocês e que os namorados tem...[Patrícia interrompe]

P: Ah é! Então, eles falam menos mesmo, mas acho que também é porque para eles, o sexo é mais simples, eles não ficam pensando nessas coisas para agradar a gente, eles querem fazer e pronto. A gente não, porque a gente quer agradar, quer que eles não precisem procurar outras.

Eu percebo que cada uma tem um problema diferente no namoro, mas uma coisa eu vejo que é comum em todas: todos os namorados tem mais vontade de transar do que a gente, acho que é normal por causa dos hormônios mesmo. Dizem que isso se inverte com a idade, né? Quando vai ficando mais velho a mulher vai ficando com mais vontade e o homem vai precisando de Viagra [risos]. Não sei se é verdade, mas agora, na nossa idade, eu vejo que o homem tem mais vontade do que a maioria das mulheres. Então isso faz com que o sexo para a mulher muitas vezes seja quase um dever, como você falou no começo. Você falou dever do prazer, né?

M: Isso.

P: É isso mesmo, porque muitas vezes a gente tem quase um dever de ter prazer do jeito que eles querem, de ter vontade na hora que eles querem. Ai credo! Coitados! Parece que eu estou culpando eles de tudo. Não é assim, eu não acho que a culpa é deles, porque isso tudo acontece porque sempre foi assim...a gente vê na história...a mulher sempre teve o papel de agradar o homem e isso fica na gente até hoje. A gente estuda muita história no curso de jornalismo e é incrível como a gente vê que houveram mudanças na forma das coisas acontecerem, mas certas idéias permanecem bastante parecidas, apesar de estarem mais disfarçadas. Hoje, a mulher tem muito mais liberdade de expressão, conquistou muitas coisas, mas lá no fundo ainda guarda muita coisa parecida com as

mulheres de antigamente, principalmente essa coisa de agradar o homem. Não sei o que acontece, às vezes eu fico boba como a gente tem muito mais medo de perder eles do que eles tem de perder a gente. Então, a sensação que eu tenho é que, por isso, a gente está sempre se esforçando mais. Desde a minha mãe até minha irmã mais nova. Eu não converso sobre essas coisas com a minha mãe, mas eu percebo que ela cede bastante para fazer as vontades do meu pai, muito mais que ele. Eles têm um casamento legal, se dão bem, meu pai também faz coisas por ela, mas ela faz muito mais coisas para agradar ele. Minha irmã mais nova também vive fazendo coisas para o namorado e reclamando que ele não faz por ela. E eu, não preciso nem te falar...fico me cobrando o tempo todo para ter o orgasmo do jeito que ele quer. Não tem solução!

M: Patrícia, você entende que é uma questão cultural, o fato da mulher se cobrar para agradar o homem e percebe isso na sua vivência, na das suas amigas, sua mãe e irmã, e sente que não tem como mudar isso...

P: Olha, eu espero que mude, até porque muita coisa já mudou. Mas eu realmente não consigo ver como isso pode mudar, porque já está na mulher e no homem faz muito tempo. É o que eu falei, tiveram mudanças, mas no fundo continua a mesma coisa, a mulher sempre se cobra mais para agradar. Isso eu não sei se tem muito jeito...é claro que hoje os homens já se preocupam mais com o prazer da mulher, antes não, era submissão total. Eu já vi revista masculina falar “deixe ela louca” e

ensinava técnicas para dar mais prazer para a mulher. Tem cobrança para eles também, até porque as mulheres estão mais exigentes também, a gente sabe do que gosta, mas assim mesmo no dia a dia a cobrança é maior na mulher. Mas é o que eu falei, eu não acho que eles são culpados, acho que eles também ficam meio perdidos, até por eles não conversarem tanto sobre isso com os amigos. Porque, por exemplo, no meu caso, eu gostaria muito mais de preliminar porque me dá muito prazer e me relaxa mais, mas como essa pressão pelo meu orgasmo já virou o centro das atenções, a gente já começa pensando nisso e então já vai para os finalmente muito rápido. E ele sabe fazer preliminar porque no começo ele fazia super bem, a gente ficava um tempão namorando antes da penetração, mas eu já tentei conversar com ele várias vezes e ele acha que o problema não é esse, que o problema é porque eu não tenho orgasmo com a penetração. Eu acho que se ele conversasse mais com algum amigo sobre essas coisas, ele ficaria mais tranquilo de perceber que não é perfeito com todo mundo, porque para mim, ajuda muito desabafar com as amigas e ver que todo mundo tem algum problema, que ninguém tem o sexo perfeito o tempo todo. Me alivia muito, só que aí, é só eu encontrar ele que já fico tensa pois sei que ele já está tenso por causa disso. Nós já estamos num ponto, que ele me beija e eu já começo a pensar que a gente vai transar e eu tenho que ter orgasmo. A gente acaba perdendo um monte de coisa gostosa, porque quando ele me acaricia e tudo mais eu tenho orgasmo super fácil. Se ele conversasse mais

com os amigos, ele ia ver que isso é comum entre as mulheres, porque a maioria que eu conheço tem orgasmo nas preliminares, quando tem um toque, mais do que com a penetração. Mas, só eu falar não adianta, pois isso não é o que ele ouve falar. Aquilo que você falou dos filmes...a gente vê todo mundo tendo orgasmo múltiplos só com a penetração, aí fica essa idéia de que é tudo muito bonitinho, muito simples e a gente sabe que não é bem assim. Eu estudo muito essas coisas na faculdade, da imagem vendida pela mídia em todos os aspectos, principalmente política, mas sobre sexualidade também. Uma menina da minha sala fez um trabalho legal sobre isso uma vez. Não era exatamente esse o tema, mas falava das novelas, o que é passado de informação sexual, não lembro direito, mas falava sobre essa imagem simplória que a mídia passa para todo mundo querer comprar, fazer igual. Eu acho que a mídia tem um papel super importante, porque fala do sexo de uma forma aberta, faz muita gente aprender um monte de coisa que jamais iria saber. Eu, por exemplo, que não tinha esse tipo de papo em casa, fui aprender que existe o clitóris na mulher e que ela tem muito prazer nessa região num programa da MTV, com a Penélope, você já viu?

M: Acho que já vi uma vez sim. As pessoas ligam e fazem perguntas referentes a questões sexuais, né?

P: É. E ela é super liberal, responde de um jeito bem direto. Dá para aprender bastante coisa, então um programa assim eu acho super

importante para as pessoas aprenderem. Aliás, eu não sou nem um pouco contra os programas que falam disso, as revistas que ensinam coisas, só acho que não pode exagerar, tipo: todo mundo tem que fazer assim ou assado para ter orgasmo, mate ele de prazer desse jeito, porque senão todo mundo vai virar robozinho e nós não somos né? Por exemplo, eu até vejo que tem muita coisa em comum entre as mulheres, eu e todas as minhas amigas gostamos de preliminar, mas tem uma que gosta de beijo em tal lugar, uma gosta de beijo em outro, tem uma que gosta de transar rápido, eu já gosto de transar mais devagar.

M: Deixa eu ver se entendi... Então você percebe a importância da mídia passar informações referentes à sexualidade, porém você acha que não deveria passar padrões de comportamento generalizados, e sim respeitar mais a singularidade de cada um.

P: É. Até tem algumas pessoas que falam “para cada um é uma coisa diferente”, mas é raro, na maioria das vezes o que é passado é bem generalizado, dá a idéia de que todo mundo tem que fazer daquele jeito para ter mais prazer, para ser bom de cama. Aliás, esse é um termo que me irrita muito “ser bom de cama”, porque isso é tão relativo. Eu sempre brinco sobre isso, porque quase todo mundo gosta de pizza, mas tem gente que gosta de calabresa, gente que gosta de mussarela, tem gente que gosta com borda, gente que odeia borda, tem gente que gosta de massa fina, gente que gosta de massa grossa. Com sexo também é assim, não é? [ri

bastante]. Eu me irrita com essa mania de generalizar e achar que todo mundo tem que querer a mesma coisa. Na faculdade eu aprendi o quanto a sociedade capitalista faz isso para ter lucro, faz todo mundo acreditar que gosta das mesmas coisas e assim vende os produtos que interessa. Eu não vou entrar nisso, sei que o assunto não é esse, mas não é que eu não goste do capitalismo, óbvio que eu tenho noção do que ganhamos com isso, mas o exagero que virou é que não dá. Desculpa ter mudado de assunto, todo mundo fala que esse é o mal do jornalista, sempre quer levar a conversa para a política. É que nesse caso, eu vejo uma ligação mesmo com o que é passado pela sociedade, como eu te falei, a mídia é reflexo da nossa política, da nossa sociedade. Mas desencana de ficar falando sobre isso, acho que já deu para entender o que penso sobre isso, a mídia é reflexo das idéias da sociedade. Mas voltando ao assunto...dessa vez eu lembro onde eu parei[risos]. Eu não gosto mesmo dessa coisa tão generalizada, porque eu acho que nós somos mesmo muito parecidos em muitas coisas, mas em outras não.

M: Você está dizendo que essa generalização dos padrões passados pela mídia te irrita. Me conta um pouco mais como isso está presente na sua experiência.

P: Como eu te disse, na minha vida isso está presente quase o tempo todo, porque meu namorado vive me cobrando o tal do orgasmo com penetração. Quem disse que tem que ser assim? Tudo bem, eu também

quero, mas eu também sei que é normal gostar de ter orgasmo com carícias. Virou uma obrigação isso e está ferrando meu namoro.

M: Como você se sente em relação a isso Patrícia?

P: Muito tensa, ansiosa...fico até com vontade de chorar quando a gente está transando e eu percebo que não vou conseguir ter orgasmo. Fico super chateada dele achar que o prazer que eu sinto não é suficiente, triste por ele não me ouvir de verdade quando eu falo que esses padrões são uma babaquice e que cada um tem um jeito de ter prazer. Ele não entende e ainda fica achando que o problema está nele porque ele não é capaz de me fazer ter orgasmo só com a penetração. Eu fico chateada por mim, mas por ele também, porque eu sei que do jeito que ele é inseguro, deve ficar muito mal por dentro. Ele sempre se preocupou muito com esses padrões. Eu não culpo ele, sei que a maioria dos homens são assim, mas eu não sei como ajudar, pois eu já tentei falar de todos os jeitos. Aí, tem muitas horas que eu fico bem irritada mesmo, porque eu mostro para ele que essa cobrança está estragando o namoro e ele não acha que é a cobrança, mas o fato de eu não ter prazer suficiente com ele. É complicado! Só sei que não dá para continuar com essa cobrança, a transa tem ficado cada vez pior, porque no sexo não pode ter obrigação, tem que ter desejo, vontade, curtição.

M: Você já vivenciou a sexualidade dessa forma?

P: Acho que já, com meu outro namorado era mais tranquilo. Eu também não tinha orgasmo com penetração, mas também não da para dizer que essa cobrança não ia aparecer, porque nós namoramos só 3 meses, mas não foi por isso que terminamos. Pensando bem, eu não sei se da para eu falar que não tinha cobrança, porque não tinha essa, ele não encanava de eu não ter orgasmo com penetração, ele gostava que eu sentisse prazer de qualquer jeito, mas em compensação eu me cobrava um pouco para agradar ele durante o sexo, porque ele era o bonitão da turma e tinha várias meninas em cima dele. Ta vendo? No fim das contas, a mulher sempre se cobra por alguma razão. Era um pouco mais tranquilo, porque ele não ficava me cobrando nada e eu me cobrava um pouco, não era um exagero, mas me cobrava um pouco sim. Talvez no começo desse meu namoro atual, era mais tranquilo, eu curtia mais sim, ainda não tinha essa história de ter que ter orgasmo com penetração, isso apareceu depois de um tempo só. Olha que coisa! Eu fico até com dificuldade de lembrar como eu me sentia no começo, porque agora é tão tenso. Mas era bom sim, bem diferente... lembra que eu te falei que tinha bastante preliminar? Eu gostava bastante. Eu estou lembrando agora que a gente até ria mais, brincava um com o outro. Teve uma vez, logo no começo, que a gente foi no motel que foi super divertido, porque a gente namorou, brincou na banheira, na sauna, transou, mas ninguém teve orgasmo e a gente achou super engraçado, quer dizer eu achei, ele eu não posso ter certeza, mas

acho que sim, porque não falou nada e riu também. É, então posso dizer que já tive sim transa sem cobrança com ele. Eu acho que essa cobrança já existia dentro dele, porque os padrões da sociedade já faziam parte, mas provavelmente ele ainda não ficava inseguro com isso porque devia achar que com o tempo eu ia ter orgasmo com a penetração. E não tive, então aí ele começou a cobrar mesmo. Eu queria muito que isso melhorasse, eu quero continuar com ele. Que pena que ficou assim, porque a gente se gosta mesmo. Vamos ver no que vai dar...talvez eu até procure ajuda...

M: Patrícia me parece que você está sofrendo, pois gosta do seu namorado, tem prazer com ele, mas sente que essa cobrança está atrapalhando bastante a relação de vocês. Se você sente que uma ajuda seria importante, poderia ser legal procurar...

P: Na verdade eu já ensaie várias vezes, mas a gente sempre acaba deixando para depois, né? Na verdade, quando eu fiquei sabendo dessa sua pesquisa, fiquei com vontade de fazer a te para ver como eu me sentia falando com uma psicóloga. Eu sei que a terapia é diferente dessa entrevista, mas eu me senti super à vontade, não fiquei envergonhada de falar com você sobre sexo. Quem sabe agora eu não tomo coragem de procurar ajuda? Minhas amigas falam que eu não preciso, que quem precisa é ele, mas eu acho que são os dois, eu não culpo só ele não, eu também deixei a cobrança ficar assim. Mas, eu sei que ele não vai, então

eu tenho que pensar em mim mesmo...vou ver...você acha que o que eu disse até agora está bom para sua pesquisa?

M: Está ótimo Patrícia, você contribuiu bastante.

P: Que bom. Para mim também foi bem legal. Se você precisar para outras pesquisas, pode me chamar...

M: Obrigada! Você também pode entrar em contato comigo se quiser, tá?

P: Tá bom.

Anexo VI

Entrevista 4

Entrevistadora: Mariana (M)

Participante: Pedro (P) **idade:** 21 **curso:** direito (3º ano)

M: Pedro,

Estes dias, conversando com alguns colegas sobre sexualidade, pensamos o quanto tem se falado de sexo ultimamente...

Nas novelas, os casais estão sempre tendo relação sexual e muitas vezes só de olharem um para o outro já ficam cheios de desejo.

Na maioria dos filmes sempre mostram os casais chegando ao orgasmo juntos.

Nos programas de auditório sempre tem um convidado especialista em sexualidade falando sobre disfunções sexuais e como superá-las.

Em algumas revistas vem até uma parte lacrada falando sobre técnicas sexuais para ter mais prazer, ter orgasmos múltiplos, etc.

E ainda tem o Viagra, os produtos do Sex Shop, os perfumes afrodisíacos.

Com tantos estímulos, tantas informações, às vezes parece até que temos a obrigação de ter desejo, de ter orgasmos, de ter prazer sempre.

Com tudo isso, hoje alguns estudiosos dizem que o prazer virou um dever. Eu estou fazendo uma pesquisa para saber como é a experiência das pessoas sobre isso. O que você pode me contar da sua experiência?

P: Eu vejo muito isso. Eu acho que, hoje em dia, para qualquer homem existe uma pressão, né? Você tem que ser bom, você tem que satisfazer, você tem que...é...ir além das expectativas ou pelo menos estar dentro das expectativas. Isso existe. Eu, por exemplo, me cobro. Eu não me cobro “preciso ser o bom” é mais a questão “não posso decepcionar”, acho que é por aí...é questão de ego masculino, a cobrança é mais minha, não tanto para agradar as meninas, é mais para eu me sentir...como eu posso dizer...viril mesmo. Tipo, eu não fico preocupado de ter o melhor desempenho dos meus amigos, bater recordes, essas coisas. No meu caso com os meus amigos, existe muito bom humor, então não existe aquela cobrança, aquela comparação, mas sempre tem comentários da experiência de um, experiência de outro, infelicidades de um, ou felicidade de outros, entendeu? Isso existe, existe mesmo. Tipo, quando alguém conta que brochou, alguma coisa assim, às vezes a gente tira sarro, é motivo de gozação, mas pára por aí, porque pode acontecer com qualquer um, né? No meu caso, eu não costumo entrar em detalhes, até para preservar a menina, mas depende da pessoa, tem uns que contam o que ela faz o que

ela deixa de fazer, como ela é, se é feia, se é bonita. Outros já são mais reservados, mas existe, existem aqueles que expõe mesmo, que falam todos os detalhes. Agora uma coisa que é regra é que das namoradas ninguém fala muito não, só fala das meninas que ficam ou que saem só para transar, porque com a namorada é diferente, né? É outro tipo de relação, é outro envolvimento, ela mais do que qualquer outra pessoa, você busca preservar. Eu falo por experiência própria, né? Eu antes de começar a namorar, eu não pensava nisso, em preservar, depois que começa o namoro muda, né? Porque a partir daí, ela vai estar junto com você, vai conviver com você quando você tiver com seus amigos e a gente não quer expor a pessoa que a gente gosta. Com certeza ninguém quer os amigos olhando para sua namorada pensando nas coisas que ela faz. Pode até ser um machismo do homem, mas eu acho que é normal não querer expor quem a gente gosta.

M: Você sente que se cobra um desempenho sexual para não decepcionar você mesmo, para se sentir viril e não para agradar as meninas. Com os amigos, você conversa sobre as questões sexuais, mas sem compartilhar as suas intimidades, já que entende que é importante preservar quem você gosta. É isso?

P: É. Acho normal não ter que ficar falando toda a intimidade, até porque deixaria de ser intimidade, né? E eu acho gostoso ter coisas que são só sua e da sua namorada. Agora, acho que tem um pouco de

machismo também, porque das meninas que a gente não quer nada não tem problema contar, né? Então tem um pouco de machismo, mas acho normal isso, é do ser humano cuidar mais do que é mais importante. Agora, em relação a cobrança, eu nunca tinha parado para pensar nessa questão de sentir um dever no sexo, mas acho que essa cobrança que eu tenho comigo de ser viril, de ter um desempenho bom na cama é um dever. Essa questão da cobrança depende da menina que eu estou. Às vezes você não está namorando, mas se preocupa mais em agradar uma do que a outra, quer dizer, depende mais do que eu sinto pela menina e depende da forma como ela age também, né? Tem menina que se valoriza e tem aquela outra que você sente que está ali para te agradar e não para ser agradada.

M: Então, a sua cobrança por um bom desempenho depende do que você sente pela menina...

P: É claro, se eu gosto ou tenho um interesse maior, me preocupo mais que dê tudo certo.

M: Você disse também que a sua cobrança também depende da forma como a menina age. Me fala um pouco mais disso...

P: Tem meninas que se valorizam, valorizam o seu prazer, sabe bem o que querem, aí você acaba se preocupando mais com ela, agora tem meninas que você sente que está ali só para te agradar, só pensando no seu prazer, então eu me cobro menos com elas, até porque meu interesse também é menor nesse tipo de mulher. Eu acho que as mulheres se cobram

para agradar o homem, mas, de uns tempos para cá, eu acho que muita mulher hoje já mudou um pouco, né? Ela não se preocupa só em agradar, ela quer ser agrada também, pelo menos essa é a sensação que eu tenho. Eu acho que a cobrança maior é em cima do homem, porque na mídia, em novela, internet... internet hoje é um arsenal de pornografia, de coisa erótica, né? E é sempre do homem que é cobrado aquela virilidade, aquela coisa máscula, de ter que fazer. Da mulher eu já vejo, que a cobrança é mais ter um corpo bonito, não sei, eu acho que o que é cobrado dela é isso, é fazer o homem desejar ela.

M: Então você sente que a cobrança em cima do homem é maior porque cobra desempenho e a cobrança em cima da mulher é mais leve porque é de despertar o desejo do homem.

P: É. Eu não estou dizendo que a mulher não se cobra, mas sexualmente falando, o papel da mulher sempre foi agradar o homem e talvez continue sendo, mas e o papel do homem que sempre foi ter um bom desempenho e agora, além disso, tem que ter um bom desempenho e dar prazer para a mulher? É um pouco injusto! Mas como eu te disse, eu não me cobro tanto isso. Por exemplo, no meu namoro anterior, porque agora eu estou sozinho, a maior cobrança que eu tinha comigo era para não deixar o sexo cair na rotina, no cotidiano, passar a ser aquela coisa sempre igual, da mesma forma e que pudesse acabar sendo enjoativo. No meu namoro, eu acho que a minha maior preocupação era essa. É difícil

porque namoro tem várias fases, então a questão sexual com tempo vai caindo numa rotina, então eu cuidava disso.

M: Você disse que a maior cobrança que você sentia no seu namoro era cuidar da questão sexual para não cair na rotina [Pedro interrompe]

P: Acho que cuidar é a palavra certa, porque eu cuidava dessa questão, eu me preocupava, mas não sei se chegava a ser cobrança, porque era uma atenção que eu dava para isso, sabe? Eu me importava, não sei se dá para falar que era cobrança. Eu tentava procurar fazer coisas diferentes, mas partia dos dois, a gente tava sempre fazendo uma brincadeira diferente. Algumas coisas eu inventava mesmo, mas outras, tenho que dizer que eu buscava criatividade nessas coisas da internet, revista. Porque eu não vejo problema nessas coisas da mídia, acho que essas informações ajudam a criar coisas no relacionamento, não acho que prejudica desde que seja tudo bem ponderado, de uma forma saudável, sem exagero, acho que ajuda sim. Agora, com certeza toda essa cobrança pode prejudicar uma relação se a pessoa encarar como certo tudo o que é passado. Tem pessoas que são mais vulneráveis a isso, outras já não são tanto, mas acho que de uma forma geral, acho que atinge a todos nós.

M: Então você acha que os estímulos da mídia em torno das questões sexuais podem ser aproveitados e ajudar uma relação se forem encarados de forma ponderada e não como verdade absoluta e na sua

relação era assim que acontecia, porém podem ser prejudiciais para uma relação se forem encarados sem nenhuma crítica.

P: Exatamente. Acho que na minha relação era bem aproveitado, pois eu não ficava achando que tudo que eu vejo por aí era legal para mim e para minha namorada. Eu conseguia ter um discernimento de ver o que poderia ser gostoso para a gente e o que não tinha nada a ver com a gente. Acho perigoso você fazer tudo o que ouve pensando que só aquilo é certo, mas muita gente faz...eu fiquei pensando agora naquilo que eu disse e acho que não era cobrança isso de eu me preocupar com a criatividade na transa, porque não era exagerado, era uma coisa natural, de quem quer que dê certo. Não necessariamente tudo que a gente se preocupa é cobrança, né? Acho que a cobrança é uma obrigação, é mais forte, né?

M: Pedro, eu entendo que inicialmente você levantou essa situação compreendendo ela como cobrança, mas ao longo da conversa você foi percebendo que o seu sentimento de cobrança estava mais ligado com o desempenho e que o seu sentimento de preocupação em relação à rotina da relação, era mais um cuidado com a relação do que uma cobrança. Faz sentido?

P: Bastante. Acho que agora as coisas estão ficando mais claras para mim. A única cobrança que eu sinto com o sexo é mesmo o desempenho, as outras coisas são cuidados normais que uma relação precisa. Pronto, acho que agora ficou claro.

M: Que bom que você pode compreender melhor o que está sentindo...

P: É, porque eu estava achando meio pesado mesmo dizer que me cobrava para ser criativo, não era isso.

M: Pedro, você disse antes que percebe que algumas pessoas são mais vulneráveis aos estímulos sociais e outras menos. Como você entende isso?

P: Acho que é uma questão de consciência, maturidade, que vem principalmente da criação. A forma como a pessoa descobriu a sexualidade, como foi apresentada a sexualidade para a pessoa, faz toda a diferença. Acho que vai muito do pai também, principalmente no caso do homem. Se o cara tem uma criação onde o pai vive cobrando para ele fazer isso ou aquilo com as meninas para ser macho, o cara mais pra frente vai se cobrar mais, vai viver a sexualidade dele dessa forma que foi criado. No meu caso, por exemplo, eu acho que sou do time dos menos vulneráveis, acho que porque eu fui criado com a minha mãe, com a minha avó, entendeu? Eu sempre tive contato com o meu pai, mas ele nunca foi machista, ele sempre passou para mim esse lado de que...é...eu nunca vi ele se cobrando esse tipo de coisa e ele também nunca cobrou nada de mim, então eu acabei crescendo sem esse tipo de cobrança, pelo menos dentro de casa. Mas acho que também, na época do meu pai nem tinha esse tipo de cobrança, quer dizer, o homem sempre foi cobrado para ser viril, mas

na época dele não tinha muito conhecimento do que fazer com a mulher para dar prazer, não tinham revistas que ensinavam essas coisas, acho que eles nem tinham ouvido falar em orgasmo múltiplo, essas coisas. Os homens eram cobrados para ser viril, hoje nós ainda somos, mas também temos que dar prazer para a mulher. Então, acho que a cobrança com o homem, hoje é muito maior que antes, por isso meu pai nem me passou muito essas cobranças porque na época dele não tinha tanta, eu acho. Tinha, mas parece que era uma cobrança mais simples, hoje é mais complicada. Até porque, naquela época, a mulher que os homens iam ter relação, não tinha esse bombardeio de propaganda, de informação, então ela não sabia, acho que não tinha consciência de que queria isso ou aquilo.

Eu ainda acho que o homem é a maior vítima dessa cobrança, porque a mulher, ela sempre vai crescer, sempre vai ser criada para ser a menina da casa, da família, agora o homem é cobrado diretamente pelos amigos, pelo pai. Agora com a menina é diferente, a mãe não vai cobrar ela, o pai, as amigas, ninguém vai ficar falando para ela: você tem que transar para ser mulher, tem que fazer isso para provar que é mulher. Pelas mulheres que eu já me relacionei, pelas amigas que eu tenho, eu acho isso. Apesar de eu não me sentir muito cobrado, de ter tido uma criação mais tranqüila nesse sentido, eu sou homem, então claro que me cobro a questão da virilidade, mas não com exagero. Agora, a sociedade

em geral, cobra mais o homem nessa questão de desempenho, é o que eu disse: mulher não tem que provar que é fêmea e homem tem que provar que é macho. A cobrança da mulher é uma coisa mais erótica, de ser sexy, de fazer o homem desejar ela. Se você ver, não tem tanta diferença de como era antes. O homem sempre foi mais cobrado para ser viril e a mulher para agradar o homem, o que mudou foram os recursos, a forma como a cobrança chega, né? Como ela chega na pessoa. Até a forma como é abordado, os termos, as palavras, mas acho que no final é bem parecido. Mas eu continuo achando que é pior para o homem, porque essa cobrança do desempenho é mais forte do que a cobrança de agradar.

M: Pedro, me conta um pouco mais como você sente essa cobrança de desempenho na sua experiência.

P: É aquilo que eu te falei, me cobro pra ter um bom desempenho na cama. Agora, cobrança de me deixar nervoso, ansioso, eu sentia mais nas primeiras relações, aí sim eu me cobrava mesmo: tinha que transar várias vezes, ficava pensando: será que ela está gostando? Será que não está? Eu ficava bem ansioso, antes, durante...atrapalhava bastante, porque eu quase não aproveitava. Mas acho que cobrança mesmo de me deixar nervoso só nas primeiras vezes com uma menina, depois que eu pego intimidade diminui bem. Porque você sair a primeira vez e de repente ter problema de ejaculação, broxar é uma coisa, agora você estar namorando faz um tempo e acontecer, é diferente, né? Não que chega a ficar tranquilo não, acho que

mesmo eu, que não me cobro tanto desempenho, sempre tem uma cobrança no fundinho, nunca é 100% tranqüilo broxar. Com a intimidade alivia, mas não deixa de ser tenso. Porque mesmo você sabendo que a sua namorada vai entender, que ela não vai pensar besteira, a cobrança é com você, entende? Não é gostoso e nem tranqüilo. Acho que eu não chego a ficar ansioso, mas eu fico com medo da próxima vez, fico meio encanado. Na próxima transa eu vou me cobrar um pouco mais, com certeza começo mais tenso. Tem uma outra situação que eu lembrei que eu me cobro um pouco, por exemplo quando a minhas ex namorados estavam a fim de transar e eu não, eu sempre me cobrava pelo menos a tentar. Na maioria das vezes que isso acontecia, gerava uma cobrança, só quando eu via que não dava mesmo que eu dizia alguma coisa, mas antes eu tentava ficar afim. Eu ficava incomodado.

M: Incomodado?

P: É, não chegava a ser ansiedade, nem nada muito forte, era um incomodo mesmo, acho que é essa a palavra mesmo, incomodo. É um sentimento chato, mas que não dá para descrever com outra palavra, talvez porque não era tão intenso mesmo, mas eu sentia uma coisa diferente, é não adianta mesmo, acho que só dar para falar incomodo. Eu acho que as pessoas que se cobram demais nessa questão sexual devem sentir uma coisa mais intensa, deve ser muito ruim viver a sexualidade dessa forma, porque eu já acho que o meu incomodo atrapalha, queria ser

totalmente tranqüilo, desencanado, preocupado só com o prazer, mas eu acho que enquanto eu for homem e morar em sociedade é impossível. Porque a pressão social em cima do homem é inevitável, como você disse no começo, por mais que a gente não procura, tem estímulos por todos os lados. Agora, eu continuo achando que se a pessoa conseguir não ser tão influenciado e aproveitar essas coisas oferecidas pela mídia só como uma forma de ter informação, dicas, para ajudar na criatividade, não tem problema, acho até bom. O problema é quando o indivíduo passa a enxergar isso como a única realidade. Acho que todos são seres humanos, todos estão sujeitos a falhas, a erros e esse padrão que colocaram na mídia...quem falou que isso é o bom? É o correto? Quem falou? A partir do momento em que a pessoa passa a encarar isso como a única verdade, a única realidade, aí está errado, né?

M: Então vai da forma como cada um lida com tudo isso.

P: É. Vai da forma como cada um filtra e usa na própria vida. Porque a mídia passa uma imagem de que tal coisa é certa, tal coisa é errada, você tem que ver como é isso para você, porque o interesse da mídia é o comércio, por trás disso está a indústria de tudo, indústria de roupa, de perfume, de teledramaturgia, tudo, acho que tudo. É que nem filme de Hollywood, mostram o sexo sempre perfeito e esse é o padrão esperado e o que a maioria das pessoas querem seguir. São raros os filmes que mostram a realidade, a não ser aqueles de um circuito mais

alternativo, que aí mostram mais as fraquezas do ser humano, mas esse tipo de filme é a minoria que vê, é mais uma elite intelectual e crítica, o padrão mesmo é o hollywoodiano. Eu posso dizer que eu tenho um pé lá um pé cá, eu sou vítima do padrão hollywoodiano, me cobro o desempenho de alguma forma, mas ao mesmo tempo eu tenho consciência e crítica. Às vezes eu tenho que usar essa auto crítica para me ajudar, porque quando a gente vai ver já está fazendo sem pensar, fica se iludindo com uma propaganda, fica querendo o sexo de Hollywood. Por isso que eu estou gostando de conversar sobre isso, porque eu nunca paro para pensar nessas questões, às vezes eu percebo que estou me cobrando desempenho, que estou preocupado com isso, mas eu nunca parei de verdade para pensar e muito menos para conversar isso com alguém, você vê, que às vezes é até difícil para mim identificar se o que eu sinto é uma cobrança comigo mesmo ou é normal, mas agora eu acho que entendi melhor.

E eu agradeço o fato de eu ter sido criado pela minha mãe e minha avó da forma que eu fui, pois acho que me trouxe uma sensibilidade diferente, a convivência de perto que eu tive com elas me ajuda a ver a mulher não como um...sei lá...um objeto, como alguma coisa que você tem que transar só, entendeu? Pelo menos essa é a sensação que eu tenho. Eu ainda vejo os homens muito machistas, não que eu não seja também, não que eu nunca olhei uma mulher como objeto sexual, mas tem muito disso de procurar uma mulher bonita para transar e só. Acho que o homem tem

uma predisposição biológica para isso e o meio social potencializa. Eu me identifico com essa biologia do homem, eu sinto isso também, mas acho que a minha criação fez com que eu não me submetesse tanto a essas condições sociais, pelo menos não de um jeito exagerado. Eu sou homem, também tenho meu lado machista, mas acho que tenho uma sensibilidade um pouco maior, o que me ajuda a ser mais crítico com essas cobranças. Acho que é isso.

M: Deixa eu ver se eu entendi...Você se identifica com os sentimentos masculinos referentes à sexualidade, porém acha que a sua criação te ajudou a desenvolver uma sensibilidade maior, que te diferencia da maioria dos homens, pois faz com que você tenha um senso crítico diante das pressões sociais e da mídia.

P: Isso mesmo. Você resumiu bem!

M: Tem mais alguma coisa que você quer me dizer?

P: Não. Acho que está bom, né?

M: Está ótimo Pedro, você contribuiu bastante. Muito obrigada!

P: Foi bem legal, gostei! Pode me chamar quando você precisar para algum trabalho.

M: Que bom! Pode deixar! Até mais!

